

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA – LIPEFH

ALEXSANDRO JUNIOR DE SANTANA

PORTAS ABERTAS, JANELAS FECHADAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
IMIGRANTES E REFUGIADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

São Paulo
2020

ALEXSANDRO JUNIOR DE SANTANA

**PORTAS ABERTAS, JANELAS FECHADAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
IMIGRANTES E REFUGIADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho (Uninove), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cleide Rita Silvério de Almeida.

São Paulo
2020

Santana, Alexsandro Junior de.

Portas abertas, janelas fechadas: um estudo de caso sobre imigrantes e refugiados em uma escola pública. / Alexsandro Junior de Santana. 2020.

184 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Escola pública. 2. Imigrantes. 3. Refugiados. 4. Hospitalidade. 5. Hostilidade.

I. Almeida, Cleide Rita Silvério de.

II. Título.

CDU 37

**PORTAS ABERTAS, JANELAS FECHADAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
IMIGRANTES E REFUGIADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Tese apresentada à Universidade Nove de Julho, junto ao Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, para obtenção do grau de Doutor em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cleide Rita Silvério de Almeida (Uninove)

Examinador I: Prof.^a Dr.^a. Rita de Cássia Alves Oliveira (PUC-SP)

Examinador II: Prof.^a Dr.^a. Elaine T. Dal Mas Dias (Uninove)

Examinador III: Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto (Mackenzie)

Examinador IV: Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino (Uninove)

Suplente: Prof. Dr. Manoel Tavares (Uninove)

Suplente: Prof. Dr. Júlio Gomes de Almeida (Unicsul)

Doutorando: Aleksandro Junior de Santana

Este trabalho é dedicado aos imigrantes e refugiados, para que encontrem no Brasil um lugar de acolhida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de todas as minhas esperanças.

A meus amados pais, José Izaque de Santana e Maria Elizabete Barbosa de Santana, pelo amor e carinho.

A Cleide Rita Silvério de Almeida, amiga e orientadora, que me ensinou sobre as bonitezas da vida.

A todos que fazem parte da Emef “Duque de Caxias”, pela acolhida fraterna e solidária.

À Missão Paz, na pessoa do padre Paolo Parise, por me despertar para a questão dos imigrantes e refugiados.

Aos companheiros de caminhada: Agnaldo, Diogo, Saulo, Luís, Matilde, Roseli, Mariangelica, Carin e Luís Octávio, pela união e partilha na caminhada.

A Fernanda Caracciolo, irmã de alma, pelo testemunho, força e fé.

A Bruna Caldeira, por apontar outros caminhos possíveis.

A Raquel dos Santos e Jéssica Lourenço, pelo companheirismo e amizade, partes integrantes da tríade cultural.

A Priscila Cassanti, por me conduzir do prosaico ao poético.

A Solange Bazzoli e Erica Monteiro, pelo apoio e carinho.

A Andréia Kitano e Camila Bandeira, pelas alegrias partilhadas.

A Estela Carvalho e Jefferson Silva, pelo profissionalismo e dedicação.

Aos professores e professoras que compuseram as bancas de qualificação e defesa, pela orientação e sugestões em minha pesquisa.

Aos professores e professoras do PPGE: Elaine T. Dal Mas Dias, Antônio Severino, Marcos Lorieri, Eustáquio Romão, Manuel Tavares, pela orientação segura e comprometida.

A Cristiane e Jennifer, pelo amizade e compreensão.

À Uninove, pela oportunidade de estudar e pesquisar algo tão importante para mim.

À Capes, pelo apoio em minha pesquisa e divulgação do conhecimento.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

SE EU PUDESSE

Dava um globo terrestre
a cada criança...
Se possível até
um globo luminoso,
na esperança
de alargar ao máximo
a visão infantil
e de ir despertando
interesse e amor
por todos os povos
todas as raças,
todas as línguas,
todas as religiões.

(CÂMARA, 1978, p. 76)

RESUMO

Este trabalho, de natureza bibliográfica, documental e de campo, tem por objeto de pesquisa as formas de acolhida a alunos imigrantes e refugiados. A pesquisa optou pelo estudo específico desta escola por considerá-la expressiva no recebimento destes alunos e por compreender a dinâmica que aí se instaura. O objetivo é compreender como se dá o binômio hospitalidade/hostilidade com imigrantes e refugiados em uma escola pública da cidade de São Paulo. As referências teóricas basearam-se no diálogo e na articulação das ideias do pensamento complexo de Edgar Morin, destacando a ética da compreensão, na reflexão sobre a crise dos valores humanos e na necessidade de estabelecer uma convivência solidária, como proposto por Zygmunt Bauman, e no combate à xenofobia e na defesa da convivência como um importante direito humano, segundo Albuquerque Júnior. A crise migratória provocou o deslocamento de milhões de pessoas ao redor do mundo, que foram obrigadas a abandonar seus territórios por causa de guerras, conflitos armados, perseguições políticas e religiosas, desastres naturais, como também por melhores condições de vida. Na última década, o Brasil entrou no cenário internacional como destino para a população imigrante. Nesse período, haitianos, venezuelanos, congoleses e sírios foram alguns dos solicitantes de refúgio no país. O estudo revelou que os profissionais da Educação, mesmo estando na linha de frente na acolhida das crianças que estão em fluxo migratório, ainda se sentem despreparados para lidar com a complexidade deste fenômeno. Elementos como diferenças culturais e linguísticas, políticas públicas, formação do professor e a própria transitoriedade dos alunos dificultam um trabalho pedagógico que possa responder a essa demanda. Todavia, é possível notar que a escola realiza ações que promovem o respeito, o diálogo e a compreensão entre alunos, familiares, docentes e corpo técnico, nas quais as diferenças não afastam, mas enriquecem as relações humanas.

Palavras-chave: Escola pública. Imigrantes. Refugiados. Hospitalidade. Hostilidade.

ABSTRACT

This academic project, of bibliographic, documentary and field nature, has as research object the forms of reception for immigrant and refugee students. The research opted for the specific study of this school because it considers it expressive in receiving these students and for understanding the dynamics that are established there. The objective is to understand how the binomial hospitality / hostility with immigrants and refugees occurs in a public school in the city of São Paulo. Theoretical references were based on the dialogue and articulation of the ideas of Edgar Morin's complex thinking, highlighting the ethics of understanding, the reflection on the crisis of human values and the need to establish a solidary coexistence, as proposed by Zygmunt Bauman, and in combating xenophobia and defending coexistence as an important human right, according to Albuquerque Júnior. The migratory crisis caused the displacement of millions of people around the world, who were forced to leave their territories because of wars, armed conflicts, political and religious persecution, natural disasters, as well as for better living conditions. In the last decade, Brazil entered the international scene as a destination for the immigrant population. During this period, Haitians, Venezuelans, Congolese and Syrians were some of the asylum seekers in the country. The study revealed that education professionals, despite being at the forefront in welcoming children who are in a migratory flow, still feel unprepared to deal with the complexity of this phenomenon. Elements such as cultural and linguistic differences, public policies, teacher training and the students' own transience make it difficult for pedagogical work that can respond to this demand. However, it is possible to note that the school carries out actions that promote respect, dialogue and understanding between students, families, teachers and technical staff, in which differences do not separate, but enrich human relationships.

Keywords: Public school. Immigrants. Refugees. Hospitality. Hostility.

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche académique, de nature bibliographique, documentaire et de terrain, a pour objet de recherche les formes d'accueil des étudiants immigrés et réfugiés. La recherche a opté pour l'étude spécifique de cette école car elle la considère expressive dans l'accueil de ces élèves et dans la compréhension des dynamiques qui s'y implantent. L'objectif est de comprendre comment l'hospitalité / hostilité binomiale avec les immigrants et les réfugiés se produit dans une école publique de la ville de São Paulo. Les références théoriques étaient basées sur le dialogue et l'articulation des idées de la pensée complexe d'Edgar Morin, mettant en évidence l'éthique de la compréhension, la réflexion sur la crise des valeurs humaines et la nécessité d'établir une coexistence solidaire, comme proposé par Zygmunt Bauman, et la lutte contre la xénophobie et la défense de la coexistence en tant que droit humain important, selon Albuquerque Júnior. La crise migratoire a provoqué le déplacement de millions de personnes dans le monde, contraintes de quitter leur territoire à cause des guerres, des conflits armés, des persécutions politiques et religieuses, des catastrophes naturelles, ainsi que de meilleures conditions de vie. Au cours de la dernière décennie, le Brésil est entré sur la scène internationale en tant que destination pour la population immigrée. Pendant cette période, les Haïtiens, les Vénézuéliens, les Congolais et les Syriens faisaient partie des demandeurs d'asile dans le pays. L'étude a révélé que les professionnels de l'éducation, bien qu'ils soient à l'avant-garde de l'accueil des enfants en migration, ne se sentent toujours pas préparés à faire face à la complexité de ce phénomène. Des éléments tels que les différences culturelles et linguistiques, les politiques publiques, la formation des enseignants et le caractère éphémère des élèves rendent difficile un travail pédagogique capable de répondre à cette demande. Cependant, il est possible de noter que l'école mène des actions qui favorisent le respect, le dialogue et la compréhension entre les élèves, les familles, les enseignants et le personnel technique, dans lesquelles les différences ne séparent pas, mais enrichissent les relations humaines.

Mots-clés: École publique. Immigrants. Réfugiés. L'hospitalité. Hostilité.

RESUMEN

Este trabajo, de naturaleza bibliográfica, documental y de campo, tiene como objeto de investigación las formas de recepción para estudiantes inmigrantes y refugiados. La investigación optó por el estudio específico de esta escuela porque lo considera expresivo al recibir a estos estudiantes y para comprender las dinámicas que se establecen allí. El objetivo es comprender cómo se produce la hospitalidad / hostilidad binomial con inmigrantes y refugiados en una escuela pública de la ciudad de São Paulo. Las referencias teóricas se basaron en el diálogo y la articulación de las ideas del complejo pensamiento de Edgar Morin, destacando la ética de la comprensión, la reflexión sobre la crisis de los valores humanos y la necesidad de establecer una convivencia solidaria, como lo propuso Zygmunt Bauman, y Combatir la xenofobia y defender la convivencia como un derecho humano importante, según Albuquerque Júnior. La crisis migratoria provocó el desplazamiento de millones de personas en todo el mundo, que se vieron obligadas a abandonar sus territorios debido a guerras, conflictos armados, persecución política y religiosa, desastres naturales, así como por mejores condiciones de vida. En la última década, Brasil ingresó a la escena internacional como un destino para la población inmigrante. Durante este período, los haitianos, venezolanos, congoleños y sirios fueron algunos de los solicitantes de asilo en el país. El estudio reveló que los profesionales de la educación, a pesar de estar a la vanguardia en dar la bienvenida a los niños que están en un flujo migratorio, todavía no están preparados para lidiar con la complejidad de este fenómeno. Elementos como las diferencias culturales y lingüísticas, las políticas públicas, la formación del profesorado y la propia transitoriedad de los estudiantes dificultan el trabajo pedagógico que puede responder a esta demanda. Sin embargo, es posible notar que la escuela lleva a cabo acciones que promueven el respeto, el diálogo y la comprensión entre estudiantes, familias, maestros y personal técnico, en las cuales las diferencias no separan, sino que enriquecen las relaciones humanas.

Palabras clave: Escuela pública. Inmigrantes. Refugiados. Hospitalidad. Hostilidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Solicitantes de refúgio no Brasil entre 2011 e 2018.....	42
Gráfico 2 – BDTD: teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019	43
Gráfico 3 – BDTD: teses e dissertações com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2019.....	44
Quadro 1 – BDTD: destaques de teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019 ...	44
Gráfico 4 – Capes: teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019	51
Gráfico 5 – Capes: teses e dissertações com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2019.....	52
Quadro 2 – Capes: destaques de teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2018....	52
Gráfico 6 – Scielo: artigos científicos com o tema refugiados – 2010-2018	55
Gráfico 7 – Scielo: artigos científicos com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2018.....	56
Quadro 3 – Scielo: principais artigos científicos sobre refugiados – 2010-2018.....	56
Fotografia 1 – Emef “Duque de Caxias” (frente) – Praça Mario Margarido	63
Fotografia 2 – Emef “Duque de Caxias” (fundos) – Rua do Glicério.....	63
Gráfico 8 – Alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias”.....	66
Gráfico 9 – Alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias”	66
Mapa 1 – Ruas em que se concentram os alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias”.....	711
Mapa 2 – Bairros em que moram os alunos imigrantes e refugidos da Emef “Duque de Caxias”.....	722
Fotografia 3 – Pintura <i>Operários</i>	76
Mapa 3 – ONGs que trabalham em prol dos imigrantes e refugiados.....	79

LISTA DE SIGLAS

Acnur	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CEM	Centro de Estudos Migratórios
Conare	Comitê Nacional para Refugiados
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DRE	Diretoria Regional de Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de jovens e adultos
Emef	Escola municipal de ensino fundamental
HTPC	Horário de trabalho pedagógico coletivo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NTF	Núcleo Técnico de Formação
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PJMP	Pastoral da Juventude no Meio Popular
RNE	Registro Nacional de Estrangeiros
SMDHC	Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SME	Secretaria Municipal de Educação
UBS	Unidade Básica de Saúde
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O TEMA EM MOVIMENTO	28
2.1 IMIGRANTES E REFUGIADOS: PERCEPÇÕES SOBRE O TEMA.....	29
2.1.1 Jornais	30
2.1.2 Filmes	34
2.1.3 Artes Plásticas	37
2.1.4 Museus	39
2.1.5 Religião	40
2.2 OS REFUGIADOS NO BRASIL.....	41
2.3 AS PESQUISAS NA ACADEMIA	43
3 UM LUGAR, MUITAS HISTÓRIAS	61
3.1 O “DUQUE”	62
3.2 CAMINHOS QUE SE CRUZAM E VIDAS QUE SE ENCONTRAM.....	69
3.3 O FLUXO MIGRATÓRIO: TEMPOS E ESPAÇOS.....	73
3.3.1 Trabalho: direito de todos?	80
3.3.2 Moradia: uma situação de degradação	82
3.3.3 Violência: o medo que sempre espreita	855
4 A JORNADA E SEUS DESAFIOS	88
4.1 O DESAFIO DA ACOLHIDA.....	89
4.2 O DESAFIO DO IDIOMA.....	91
4.2.1 Cultura: conviver com as diferenças	93
4.3 O DESAFIO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	95
4.4 O DESAFIO DA FORMAÇÃO DOCENTE	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	1045
REFERÊNCIAS	1112
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (TCLE)	127
APÊNDICE B – RELATÓRIO SOBRE IMIGRANTES E REFUGIADOS ENTREGUE À DIREÇÃO E COORDENAÇÃO DA EMEF “DUQUE DE CAXIAS”	129
APÊNDICE C – FOLHETO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS, FAMILIARES E ALUNOS IMIGRANTES E REFUGIADOS (PORTUGUÊS, INGLÊS E FRANCÊS)	140
APÊNDICE D – ENTREVISTAS	147

ANEXO A – PROTOCOLO PROVISÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO PARA SOLICITANTES DE REFÚGIO	179
ANEXO B – MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO.....	182



**“Um refugiado pode ser qualquer um. Pode ser você ou eu.
A chamada crise de refugiados é uma crise humana.”
(Ai Weiwei)**

1 INTRODUÇÃO

Há criaturas como a cana: mesmo postas na moenda, esmagadas de todo, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura. (CÂMARA, 1978, p. 23)

A meu ver, as memórias são elementos fundamentais para elaborar uma pesquisa, pois por meio delas recordam-se os caminhos percorridos, as experiências vividas, os erros e acertos das tomadas de decisão.

Na década de 1990, participei ativamente da Pastoral da Juventude no Meio Popular (PJMP), grupo ligado à Igreja Católica Apostólica Romana. Entre celebrações, vigílias, romarias e colônias de férias para crianças carentes, tive a oportunidade de ouvir, por várias vezes, as homilias de Dom Helder Pessoa Câmara (1909-1999), também conhecido como “Dom da paz”, arcebispo emérito de Olinda e Recife, na Igreja das Fronteiras, localizada na capital pernambucana. Suas palavras eram permeadas de esperança, indignação com as injustiças e solidariedade. Contudo, ele não ficava apenas nas palavras: era um homem de ação e gestos concretos. Sentava-se no chão para ouvir as crianças, levava alimento e palavras de conforto aos mais pobres, debatia calorosamente com a juventude sobre o valor da vida, para citar alguns exemplos. Em uma de suas mensagens transmitidas pelo *Rádio Jornal do Commercio* de Recife, Dom Helder disse o seguinte:

Meus queridos amigos, perdoem a confiança com que peço que guardem, mas guardem mesmo na lembrança a meditação que vou apresentar. Ponho de lado a timidez, apelo para a audácia, e ousa pedir mais. Não só guardem na lembrança a meditação que vou ler, procurem vivê-la. Eis a meditação: esperança sem risco não é esperança. Esperança é crer na aventura do amor, jogar no homem, pular no escuro, confiando em Deus. Vou repetir: esperança sem risco não é esperança. (CÂMARA, 1978)

A esperança não é um sentimento passivo, que aguarda um acontecimento transcendente, mas sim um sentimento que encoraja a dar mais um passo mesmo quando não existem mais forças. As palavras de Dom Helder encontraram solo propício em meus ouvidos, fecundando minhas ideias e fazendo brotar ações. Tal experiência provocou grande impacto em minha vida, levando-me a assumir um compromisso com os menos favorecidos da sociedade.

As ideias aprendidas e vividas na juventude foram comigo para a academia. Em 2001, na licenciatura em Filosofia, dissertei sobre axiologia a partir das ideias do filósofo alemão Max Scheler, que propunha uma escala de valores nas escolhas tomadas pelos seres humanos, na qual o amor ocupava o lugar principal. No bacharelado em Teologia, em 2009, desenvolvi

uma reflexão sobre a vivência da misericórdia na comunidade cristã, um desafio até mesmo entre aqueles que professavam a paz e o perdão. Na pós-graduação em Comunicação e Cultura, em 2013, defendi a necessidade de uma ética no ciberespaço, no qual os jovens são os principais usuários. No ano seguinte, no mestrado em Educação, refleti sobre a solidariedade na ação de professores que se viam cercados por fragilidades sociais, numa comunidade marcada pela violência e abandono público. Agora, no doutorado, retomo meus estudos sobre valores humanos e educação, encontrando no imigrante e no refugiado pessoas que enfrentam situações adversas de xenofobia, intolerância e hostilidade, mas que conseguem, por meio da solidariedade e da coragem, superar os desafios existentes em suas jornadas.

A expressão “portas abertas, janelas fechadas”, presente no título desta tese, é proveniente da fala de uma refugiada da República Democrática do Congo que, durante um evento promovido em São Paulo pela Missão Paz, instituição que atende imigrantes, relatava suas experiências de vida no refúgio e dava suas impressões sobre o Brasil. Em sua visão, o país acolhe com carinho os imigrantes e refugiados, abrindo as portas para todos. Contudo, à medida que o tempo passa, as dificuldades impostas pela burocracia, pela indiferença e pelo descaso se fazem presentes; em outras palavras, as janelas fechadas significam a hostilidade expressada nas dificuldades para conseguir emprego e moradia, no preconceito e na intolerância com o imigrante. Esta nova realidade exigirá da sociedade brasileira ideias e ações que promovam a acolhida e o acesso a bens e serviços desta população imigrante.

Isto se aplica também à área da Educação, que vem recebendo cada vez mais imigrantes e refugiados. A escola é um reflexo da sociedade em que está inserida; nesse contexto, várias questões se apresentam quando se tem a combinação imigração e educação: a escola está preparada para receber refugiados? Como professores e corpo técnico lidam com a questão da diversidade de idiomas em sala de aula? Como educar os alunos que estão vivenciando o fluxo migratório e não permanecem muito tempo na escola? Que tipos de políticas públicas auxiliam a escola a trabalhar com imigrantes e refugiados? Diante disto, o objeto de pesquisa são as formas de acolhida a alunos imigrantes e refugiados.

Quando se observa o número de deslocamentos humanos no mundo, depara-se com uma situação extremamente preocupante. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) não se via uma quantidade tão elevada de pessoas forçadas a se deslocar de seus territórios. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) em seu relatório anual, *Global trends* (THE UNITED NATION REFUGEE AGENCY, 2018), houve um aumento no número entre os anos de 2017 e 2018, passando de 65,6 milhões para

70,8 milhões de pessoas. Destas, aproximadamente 25,9 milhões são refugiados e 3,5 milhões são solicitantes de refúgio. Três países ocupam os primeiros lugares quando se trata da quantidade de refugiados: Síria (6,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões) e Sudão do Sul (2,3 milhões).

A imigração forçada revela ações, acontecimentos e situações permeadas por indiferença, intolerância e morte. Alguns casos veiculados pela mídia ganharam repercussão internacional, provocando indignação e protestos. Um exemplo foi o da paquistanesa Malala Yousafzai, de 15 anos, que defendia o direito de meninas estudarem e frequentarem a escola e por isso foi baleada na cabeça por um membro do Talibã, grupo fundamentalista islâmico, no ano de 2012. Ela sobreviveu ao atentado e foi para a Inglaterra, onde recebeu cuidados médicos e refúgio. A jovem não poderá voltar a seu país, pois ainda é ameaçada de morte pelo mesmo grupo do qual sofreu a agressão. Em 2014, Malala recebeu o Prêmio Nobel da Paz e sua luta pela educação ganhou mais visibilidade e força.

Outro exemplo é a imagem, estampada nos jornais, do corpo do menino Aylan Kurdi, de 3 anos, encontrado sem vida numa praia da Turquia, juntamente com sua mãe e seu irmão mais velho, que não sobreviveram à travessia do mar num bote inflável, sobrecarregado de pessoas. Deve ser citada também a atitude agressiva da repórter húngara Petra László, que chutou e deu rasteiras em vários refugiados, alguns deles crianças, quando estavam na fronteira fugindo da polícia na Hungria. Estes três casos são uma amostra daquilo que acontece na vida de muitos que se encontram em fluxo migratório. A situação parece estar longe de um fim, se isso for possível, pois a cada dia a situação se agrava.

Em se tratando de rotas migratórias, os destinos pretendidos pelos refugiados são a América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e a Europa (Alemanha e Itália). Porém, as barreiras políticas e burocráticas mostraram ser tão desafiadoras quanto as geográficas. Segundo o *Global trends* (THE UNITED NATION REFUGEE AGENCY, 2018), os países que mais recebem os refugiados são: Turquia, Paquistão, Uganda, Sudão e Alemanha.

A nomenclatura dada às pessoas que estão em fluxo migratório mostra ser relevante quando se trata de direitos e deveres, para que não haja confusão entre as diferentes condições de deslocamento. De acordo com o *site* da Acnur¹ e do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), há as seguintes designações:

¹ Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

- **Apátrida:** pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. Esta situação ocorre por várias razões, como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando o país se torna independente e conflitos de leis entre países. O reconhecimento da condição de apátrida e a possibilidade de aquisição da nacionalidade brasileira estão regulamentados pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, também chamada de Lei de Migração, que dispõe sobre a política de imigração brasileira, apresentando direitos e deveres destas pessoas em território nacional. O Decreto nº 9.199, de 21 de novembro de 2017, regulamenta a Lei da Migração e a Portaria Interministerial MJ/MESP nº 5, de 27 de fevereiro de 2018, dispõe sobre o procedimento de reconhecimento da condição de apátrida e da naturalização que provém dele.
- **Deslocados internos:** pessoas deslocadas dentro de seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessaram uma fronteira internacional para buscar proteção.
- **Imigrantes:** pessoas que, por vontade própria, escolhem deslocar-se para buscar melhor qualidade de vida, trabalho ou educação, por reunião de família ou por outra razão. Os imigrantes não sofrem ameaças de perseguição e morte e continuam recebendo proteção de seu país de origem. Cada país trata o imigrante conforme a própria legislação e procedimentos em termos de imigração.
- **Refugiados:** pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a determinado grupo social ou opinião política e conflitos armados. Segundo a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, são também refugiadas as pessoas obrigadas a deixar seu país de nacionalidade devido a grave e generalizada violação de direitos humanos.
- **Retornados:** pessoas que tiveram o *status* de refugiados e solicitantes de refúgio, e que retornam voluntariamente para seus países de origem.
- **Solicitantes de refúgio:** pessoas que solicitam às autoridades competentes serem reconhecidas como refugiados, mas que ainda não tiveram seus pedidos avaliados definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio. Enquanto aguardam a decisão, os/as solicitantes encontram-se em situação migratória regular em todo o território nacional, bem como possuem um protocolo provando esta condição e um Documento Provisório de Registro Nacional Migratório.

A nomenclatura utilizada para definir as situações migratórias acaba substituindo a identidade dos sujeitos, que passam a ser mais um número a ser somado aos milhões já existentes. Lidar com números e nomenclaturas parece ser mais fácil que lidar com seres humanos, que são dotados de nome, história e projetos de vida.

É necessário não confundir os termos “refugiado” e “imigrante”, pois isto poderia trazer consequências à segurança e à vida dos que estão em situação de refúgio. A condição do imigrante se dá por vontade própria, pois está à procura de trabalho, estudo ou moradia, podendo retornar ao seu país quando assim o desejar, sem que corra qualquer tipo de risco (físico, mental, financeiro, por exemplo). O refugiado, por sua vez, não pode voltar para seu território de origem, pois sua vida está sob constante ameaça e pedir que ele retorne pode significar a sentença de morte. A Convenção de 1951, o Estatuto dos Refugiados e o Protocolo de 1967, da Organização das Nações Unidas (ONU), e a Declaração de Cartagena de 1984 são alguns exemplos de leis que resguardam o direito dos refugiados e incidem principalmente sobre a garantia de condições para que vivam com dignidade e segurança até encontrarem uma solução para o problema, optando seja por ficar no país que os acolheu seja por retornar ao país de origem.

A situação em que se encontram os imigrantes e refugiados está em constante transformação, não sendo possível entendê-la por uma única perspectiva. Escolas, organizações não governamentais (ONGs), instituições e museus visitados formaram um rico mosaico sobre o entendimento do fluxo migratório na capital paulista. Na escuta de depoimentos de refugiados, na partilha dos alimentos com imigrantes, na emoção da professora durante a entrevista, na acolhida feita pela igreja, no material produzido pelo governo mesclam-se ideias e opiniões sobre o fenômeno de deslocamento humano.

Na busca de informações sobre refugiados e imigrantes na escola pública, foram feitos movimentos para tentar entender este cenário tão complexo. Um primeiro contato foi com a Missão Paz, que está sob a responsabilidade da Congregação Religiosa dos Scalabrinianos, localizada na Rua do Glicério, região central da cidade de São Paulo. Todas as quartas-feiras, a obra oferece uma visita monitorada para estudantes, pesquisadores e interessados sobre o tema da imigração. É preciso apenas agendar a visita por correio eletrônico. A Missão Paz possui quatro frentes:

- **Igreja:** dedicada a Nossa Senhora da Paz, foi inaugurada em 1939 para receber os imigrantes italianos. Como forma de demonstrar acolhida e reconhecimento de outros povos e culturas, a igreja possui, em seus altares laterais, imagens de santos e santas

da devoção popular de vários países, como é o caso de Nossa Senhora de Guadalupe (México) e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Haiti).

- **Casa do migrante:** iniciou suas atividades em 1978 e recebe imigrantes de várias partes do mundo. O espaço abriga 120 pessoas, que recebem alimentação, serviço psicológico e médico. Em geral, as pessoas passam por volta de seis meses no local.
- **Central de mediação:** local onde os imigrantes são orientados sobre documentação, trabalho, educação e saúde. É oferecido um serviço de palestras para empresários que desejam contratar imigrantes.
- **Centro de Estudos Migratórios (CEM):** criado em 1969, oferece e promove formações sobre as questões migratórias. Possui uma biblioteca que atende estudantes e pesquisadores, sendo necessário agendamento prévio. O CEM possui uma revista semestral chamada *Travessia*, que pode ser acessada pelo site <http://www.revistatravessia.com.br/>.

A Missão Paz é uma das instituições não governamentais mais reconhecidas nacionalmente na prestação de auxílio e acolhida a imigrantes e refugiados, sendo um local que atrai pesquisadores de todo o país e de fora dele, facilitando a troca de experiências, divulgação de pesquisas e elaboração de projetos.

Numa das várias visitas, foi realizada uma reunião com a responsável pelo setor de formação e educação de imigrantes. Uma dificuldade apontada foi a questão do idioma, por parte tanto dos imigrantes quanto das escolas. Como expressar-se em outra língua é algo que exige prática, acontece uma série de problemas e mal-entendidos que dificultam a procura de vagas e matrículas. Ela relatou que os refugiados e imigrantes são marcados pela itinerância por dificuldades de residência fixa, ficando um curto período de tempo no mesmo lugar. Por este motivo, existe a dificuldade em entrevistá-los.

As informações obtidas com pesquisadores e docentes durante as visitas na Missão Paz ajudaram a elencar estabelecimentos de ensino que atendiam refugiados. Num primeiro momento, por conta própria, foram feitas ligações para escolas para confirmar a presença de alunos que se encontravam em situação de refúgio e fazer o pedido para apresentar o projeto de pesquisa. Em geral, foi necessário ligar várias vezes até conseguir falar com o responsável, neste caso a direção ou a coordenação. Em uma delas, a diretora atendeu e confirmou que existiam tais alunos, mas não permitiria a pesquisa, pois estava com muito trabalho a ser feito e desejou “boa sorte” em outro lugar. Algumas escolas responderam ao pedido e agendaram uma reunião com a direção. Diante das dificuldades em marcar as visitas por telefone, considerou-se que seria mais eficiente ir diretamente às escolas, e assim foi feito. O contato

direto foi, de fato, mais eficaz, permitindo explicar de forma mais clara a intenção da pesquisa.

As visitas às escolas proporcionaram uma rica experiência e um entendimento sobre a situação em que se encontram os alunos imigrantes e refugiados. A opção aqui foi não citar o nome das escolas visitadas, mas apenas descrever aspectos relevantes para este estudo.

A primeira escola localiza-se no bairro do Canindé, zona norte da capital paulista. Reconhecida nacionalmente por atender crianças em situação de refúgio, desenvolve vários projetos que visam à acolhida, adaptação e integração, servindo por isso de modelo para outras escolas. Todos os anos, recebe um bom número de pesquisadores. Um desses projetos é chamado de “Escola Adequada” e tem por objetivo promover os valores humanos e incentivar a convivência entre alunos de várias nacionalidades, apresentando a cultura e as tradições dos países de origem de seus alunos, como, por exemplo, Colômbia, Venezuela, Síria e Marrocos.

Chamou à atenção um projeto sobre a aprendizagem da língua espanhola, feito com a ajuda de alunos venezuelanos e colombianos, que ensinam aos alunos brasileiros o espanhol. Há também na escola um trabalho desenvolvido pela empresa Carlotas², que utiliza arte e ludicidade em seus projetos sociais e visa à integração dos alunos e ao trabalho em equipe. Num segundo evento do projeto “Escola Adequada”, houve uma explanação sobre as culturas de dois países: Marrocos e Síria. Um aluno sírio trouxe um exemplar do *Alcorão* e fez um ritual de ablução, purificação com água, antes de recitar uma passagem do livro sagrado. Em seguida, a aluna do Marrocos falou quais são os costumes mulçumanos para as mulheres, a utilização do véu e alguns preceitos religiosos. Ao término das falas, foi oferecida uma degustação de comidas árabes feitas pelas mães dos alunos. A escola desenvolve projetos que promovem a integração entre os alunos imigrantes e os locais.

A segunda escola visitada localiza-se no mesmo bairro que a anterior. O diretor, que recebeu com interesse a proposta da pesquisa, explicou que a escola possui vários alunos estrangeiros, pois a região, que tem um comércio bastante movimentado, tem forte presença de venezuelanos e colombianos. Ele, porém, não soube precisar se na escola havia alunos refugiados. Ao participar da reunião do horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC), os professores também falaram que não saberiam dizer o motivo da imigração de seus alunos, da mesma forma que não saberiam responder se alguns deles cumpriam medida socioeducativa, e que tal informação era restrita à secretaria da escola. Na secretaria, depois de averiguar os

² Disponível em: <https://www.carlotas.com.br/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

prontuários dos alunos, foi confirmado que existia ao menos uma criança na condição de solicitante de refúgio. Os dados da secretaria sobre os refugiados não poderiam ser disponibilizados, pois isso iria demandar tempo dos funcionários, o que não seria possível naquele momento.

Outra escola visitada localiza-se no bairro do Catumbi, zona leste do município de São Paulo. Em conversa com uma das coordenadoras, foi explicado o propósito da visita e perguntado se haveria alunos refugiados e imigrantes ali. A resposta foi que a escola tinha alunos nestas condições, mas a pesquisa só seria possível após a permissão da Secretaria Municipal de Educação, por meio de ofício assinado.

Na secretaria da escola visitada no bairro do Belenzinho, zona leste, foi dito que não havia alunos refugiados naquele momento. Foi entregue um folheto sobre o Centro de Integração do Migrante, localizado na zona leste da capital. Lá, segundo a secretária, seria possível obter informações sobre escolas que acolhiam imigrantes e refugiados.

Em visita a uma escola no bairro da Liberdade, região central, foi solicitada uma reunião com a direção ou a coordenação para apresentar o projeto de pesquisa. A recomendação dada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo foi agendar um horário e entregar uma carta de apresentação e autorização sobre a realização da pesquisa naquela escola. A coordenação interessou-se pelo projeto e permitiu a pesquisa.

Após as visitas, decidiu-se escolher apenas uma escola para a realização da pesquisa, pois: a) está localizada em uma área com grande fluxo migratório e tem em suas proximidades organizações não governamentais que dão apoio a imigrantes e refugiados; b) possui poucos estudos acadêmicos sobre ela, mesmo tendo recebido alunos imigrantes ao longo de sua história; c) permitiu o acesso aos prontuários dos alunos e entrevistas com professores, funcionários e corpo diretivo. Por sua vez, as escolas que não foram escolhidas para a pesquisa tinham os seguintes aspectos: a) estavam acolhendo vários pesquisadores e possuíam estudos feitos sobre elas; b) não contavam, entre seus alunos, com imigrantes e/ou refugiados; c) não permitiram a pesquisa por estarem sobrecarregadas com o trabalho interno.

A direção e a coordenação da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) “Duque de Caxias”, localizada na Baixada do Glicério, região central de São Paulo, autorizaram a realização da pesquisa. Foi combinado com a coordenação que os resultados da investigação seriam partilhados com a escola.

Um primeiro produto foi um relatório intitulado “Fluxo discente”³, elaborado a partir das informações obtidas nos prontuários dos alunos e que auxiliaria na elaboração do futuro projeto político-pedagógico da escola. O relatório também foi apresentado aos professores durante as reuniões de HTPC. Durante o tempo de pesquisa na escola, foi observado que as secretárias tinham dificuldade em se comunicar com os alunos, pais e responsáveis de outros países, devido ao não entendimento do idioma. Pensando nisto, e com a permissão da escola, foi elaborado um folheto explicativo em três idiomas (inglês, francês e português) para facilitar o acesso às informações sobre vagas e matrículas⁴. Nas cinco entrevistas concedidas, foram escutados profissionais que atuam em várias frentes da escola, como coordenação, secretaria e docência.⁵ Optou-se que todos os entrevistados seriam intitulados de professores para que suas identidades fossem preservadas.

É preciso salientar que tão importante quanto ir às escolas foram as visitas e participações em eventos nas instituições que promovem ações a favor dos imigrantes e refugiados, e que ajudaram na elaboração deste estudo.

A Cáritas Arquidiocesana de São Paulo promoveu palestra sobre a situação dos refugiados no mundo. A participação foi agendada com antecedência, por *e-mail*, sendo necessário também assinar um termo de compromisso para disponibilizar um exemplar impresso da tese ao término da pesquisa. O responsável por receber e orientar os estudantes e pesquisadores apresentou as atividades da Cáritas e a situação dos refugiados e imigrantes que são acolhidos pela instituição. O palestrante indicou que todos os anos é divulgado, no mês de julho, um relatório da Acnur sobre fluxo humano: o *Global trends*. A instituição também oferece cursos e palestras sobre o tema dos refugiados.

Em visita à Acnur Brasil, foi possível conversar com o assistente sênior de informação pública da entidade. Ele explicou que compartilha informações com a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e que seria possível encontrar as informações sobre o fluxo migratório naquela instituição.

No Centro de estudos Migratórios aconteceu o Segundo Diálogos do CEM, promovido pela Missão Paz. O tema desenvolvido foi “Experiências e saberes vividos no refúgio”. Os palestrantes relataram as experiências que tiveram em seus países de origem e a difícil jornada até chegar ao Brasil. O primeiro palestrante falou sobre a situação na Síria, apresentando dados sobre a guerra, a condição dos refugiados e as dificuldades de conseguir proteção em

³ O relatório encontra-se no Apêndice B deste trabalho.

⁴ Ver Apêndice C.

⁵ As entrevistas constam do Apêndice D, ao final do trabalho.

outros países. A segunda palestrante falou do conflito armado na República Democrática do Congo e de como a população está à mercê de grupos paramilitares e dos massacres existentes entre etnias inimigas. Os conferencistas indicaram que o Brasil acolhe bem, mas existe ainda muita burocracia e adversidades para estabelecer moradia e ter emprego.

O Quarto Diálogos do CEM tratou do tema “Migração e educação”. Na ocasião, foi lançado o livro *MigraEducas: vulnerabilidade como potência*, organizado por Margarita Victoria Gomez. A obra reflete sobre a educação universitária para imigrantes e refugiados.

O Museu do Imigrante do Estado de São Paulo acolheu o lançamento do Caderno Globo sobre deslocamento e refúgio. A mesa foi composta por Pedro Bial (apresentador de TV/Rede Globo), Prudence Kalambay (ativista e refugiada da República Democrática do Congo) Camila Sombra (Acnur Brasil) e Rosana Baeninger (professora da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp). Na ocasião, os participantes receberam um exemplar da publicação.

A pesquisa de campo possibilitou uma experiência enriquecedora junto às pessoas que estão em fluxo migratório. E justamente a partir desta vivência foi possível reformular alguns objetivos que haviam sido propostos no pré-projeto, pois “o chão do campo” tem força transformadora e mostra quais caminhos podem ser tomados para refletir sobre o refúgio e a imigração.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender quais são os impactos que a presença de imigrantes e refugiados causa em uma escola pública da cidade de São Paulo. Os objetivos específicos são:

- apresentar o tema da imigração e do refúgio sob vários ângulos.
- descrever o contexto histórico e social dos imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo.
- compreender como se dá a dinâmica existente entre hospitalidade e hostilidade no ambiente escolar.

A metodologia aplicada nesta pesquisa é o estudo de caso, por ser uma modalidade que permite abarcar uma realidade que está em constante mobilidade e transformação.

A tese faz um movimento de reflexão a partir de dados e acontecimentos sobre o deslocamento humano que acontece em várias partes do mundo, visto por vários ângulos distintos. Em seguida, é descrito o contexto social e histórico no qual a escola se localiza. Por fim, a atenção é direcionada para o cotidiano escolar transformado pela presença de refugiados e imigrantes.

Para a análise das entrevistas, foram elencados temas que se sobressaíram por constituírem pontos em comum entre os entrevistados, como: acolhida, aluno, movimento, formação, políticas públicas, linguagem/comunicação e contexto escolar. Estes temas criaram uma ponte de diálogo e reflexão entre os dados apresentados por instituições governamentais e ONGs e os teóricos. Vale salientar que os entrevistados ocupam cargos distintos dentro da escola, mas, para preservar-lhes a identidade, cada um receberá a denominação de “professor” ou “professora” e um nome fictício.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: a “Introdução” explica a gênese da pesquisa; o capítulo “O tema em movimento” apresenta a crise migratória a partir de seis ângulos que visam a proporcionar uma percepção caleidoscópica sobre o tema. O primeiro ângulo exhibe as reportagens de jornais que relatam a situação da imigração forçada no mundo. O segundo compila filmes que retratam, de forma sensível, situações de medo, incerteza e esperança que os imigrantes e refugiados vivenciam. O terceiro expõe o trabalho do artista plástico Ai Weiwei, que propõe uma percepção não convencional sobre o refúgio, ao mesclar a cultura clássica com este drama humanitário. O quarto ângulo aponta para a memória dos imigrantes, que é preservada pelo Museu da Imigração da Cidade de São Paulo. O quinto ângulo traz o discurso do Papa Francisco, defensor da acolhida irrestrita aos refugiados e que se tem dedicado a falar com líderes mundiais e a população em geral. O sexto ângulo apresenta uma revisão de literatura, pois as dissertações, teses e artigos científicos contribuem com a reflexão sobre o tema da imigração forçada.

O capítulo “Um lugar, várias realidades” descreve e analisa a história e o contexto social em que a escola pesquisada está inserida. No campo histórico, compreendido entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XXI, são expostos alguns acontecimentos fundamentais para se entender o processo migratório: a libertação dos escravos, o desenvolvimento de fábricas na capital paulista, a imigração em massa e as políticas públicas, que ajudam a entender o fluxo humano na cidade de São Paulo. No campo social são apresentadas questões sobre moradia, trabalho e segurança. Estes elementos são desafios para os que se encontram em situação de refúgio e imigração, pois eles se deparam com habitações precárias, desemprego e violência. Uma vez descrito o ambiente externo, passa-se a descrever e refletir sobre o ambiente interno da escola. São apresentadas a estrutura do prédio, o perfil dos alunos e a presença dos refugiados e imigrantes em sala de aula.

Esse capítulo promove um diálogo entre os professores entrevistados e os teóricos Zygmunt Bauman, que argumenta sobre as fragilidades das relações humanas, marcadas por hospitalidades e hostilidades, Edgar Morin, que a partir do pensamento complexo propõe uma

ética da solidariedade e da compreensão, e Durval Muniz Albuquerque Júnior, que analisa a questão da xenofobia nos processos migratórios e propõe uma cultura solidária.

O capítulo “A jornada e seus desafios” tem como foco situações do cotidiano escolar, como os desafios com o idioma, a formação e a autoformação dos professores, a transitoriedade dos alunos e as políticas públicas sobre refugiados e imigrantes. O capítulo promove uma tessitura dos depoimentos dos entrevistados com os teóricos sobre o processo migratório e seus desdobramentos na sociedade, em especial na escola.

As “Considerações finais” apresentam ideias e possibilidades de pesquisa sobre os refugiados e imigrantes na escola pública.



**“Os seres humanos não dominam o universo. Somos passageiros temporários.”
(Ai Weiwei)**

2 O TEMA EM MOVIMENTO

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se. A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir-se embora. Contudo, isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la. Se então considerarmos cada onda no sentido de uma amplitude, paralelamente à costa, será difícil estabelecer até onde a frente que avança se estende contínua e onde se separa e se segmenta em ondas autônomas, distintas pela velocidade, a forma, a força, a direção. (CALVINO, 1994, p. 7)

A epígrafe citada acima é uma analogia que pode ser aplicada ao fenômeno migratório vivenciado no mundo atualmente. Nota-se que, como ondas do mar, a imigração está em constante movimento, no qual a força e a intensidade variam de acordo com o tempo. Por se tratar de um fenômeno complexo, deve ser entendido a partir de vários ângulos, pois a imigração forçada expõe a fragilidade e a limitação humanas, que não podem ser compreendidas a partir de um único aspecto.

O Brasil, que se tornou destino da onda migratória, recebeu na última década (2010-2019) refugiados de diversas nacionalidades: haitianos, congolese, sírios e venezuelanos, por exemplo. Isto provocou uma série de desafios para o país, pois, em termos históricos, é algo recente acolher um número tão elevado e constante de pessoas que cruzam as fronteiras, sejam por ar, mar ou terra. Lidar com a questão dos refugiados e imigrantes exige e exigirá esforço conjunto do governo, entidades públicas e privadas e de cada cidadão.

Para Magalhães, Bôgus e Baeninger (2018, p. 402):

[...] o Brasil tem se inserido, de maneira crescente, na dinâmica da mobilidade internacional de refúgio, na medida que [*sic*] a vinculação do Estado Brasileiro aos tratados internacionais de refúgio e a Lei n. 9.474/1997 (Estatuto Jurídico do Refugiado) estabelecem garantias que trouxeram novos povos para o país. Isso não significa que não tenhamos recebido fluxos de imigrantes e refugiados em décadas anteriores, mas sim que, especialmente desde o início do século XXI, estes fluxos têm crescido em número, diversidade e complexidade, exigindo novos olhares teóricos e aportes metodológicos.

Pela exigência de novos olhares sobre a imigração, é necessário apresentar vários entendimentos sobre este fenômeno de formas e cores diversas, fazendo com que o observador tenha informações, percepções, conheça as ideias e propostas sobre o tema.

2.1 IMIGRANTES E REFUGIADOS: PERCEPÇÕES SOBRE O TEMA

A discussão sobre os refugiados, principalmente entre os que se sensibilizam com a situação, é um desafio marcado por incertezas e esperanças. O impacto da imigração forçada vem ressoando em vários países ao redor do mundo, interferindo diretamente nas relações internacionais. Para Bauman (2017), existe um pânico migratório, principalmente no continente europeu, devido a sua localização, próxima às grandes áreas de conflito do Oriente Médio e África.

Os noticiários de TV, as manchetes de jornal, os discursos políticos e os tuítes da internet, usados para transmitir focos e escoadouros das ansiedades e dos temeres do público, estão atualmente sobrecarregando de referências à “crise migratória” – que aparentemente estaria afundando a Europa, sinalizando o colapso e a dissolução do modo de vida que conhecemos, praticamos e cultivamos. (BAUMAN, 2017, p. 7)

Este sentimento de pânico não se encerra apenas na Europa, espalha-se pelo mundo. É notícia diária, em que o sofrimento, a dor e a morte tornam-se protagonistas desta história de seres humanos sem nome e sem voz.

A presença do estrangeiro parece provocar medo, pois tudo nele causa estranheza, sendo mais seguro evitá-lo e torcer para que volte logo ao país de onde veio. Em meio a debates calorosos e discussões intensas, a divisão de ideias e concepções sobre o destino da massa imigrante parece não ter fim. Há os que se posicionam a favor, quando argumentam sobre o direito de ir; e há os que são contra, ao alegarem a necessidade de defender os costumes e tradições de seu país.

Assim como Bauman (2017), Harari (2018) identificou que o continente europeu é o principal destino para os que se encontram em situação de refúgio, principalmente vindos da África e do Oriente Médio. A chegada desta população provocou uma série de reações, que desencadearam várias discussões sobre a identidade e o futuro do velho continente, pois, apesar de ser uma região marcada por um sistema próspero e multicultural, a Europa vem registrando cada vez mais intolerância aos que ultrapassam suas fronteiras sem a devida permissão. Dois grupos se destacam neste debate: os pró-imigração e os contra imigração.

Para Harari (2018, p. 179):

Para esclarecer a questão, talvez fosse útil considerar a imigração como um trato entre três condições ou termos básicos: Termo 1: O país anfitrião permite a entrada de imigrantes. Termo 2: Em troca, os imigrantes têm de adotar as normas e os valores centrais do país anfitrião, mesmo que isso signifique abrir mão de alguns de seus valores e normas tradicionais. Termo

3: Se os imigrantes se assimilarem num grau considerado suficiente, com o tempo tornam-se membros iguais e integrais do país anfitrião. “Eles” passam a ser “nós”.

Os três termos apresentados suscitam debates sobre a preservação da identidade, da cultura e da tradição, tanto de quem chega quanto de quem recebe. Adaptar-se às regras irá determinar quem fica e quem vai. Neste jogo de acolhida e exclusão, de hostilidade e hospitalidade, ambos os lados parecem perder. Cada um tem seus próprios argumentos e soluções para o problema migratório.

É necessário perceber o tema a partir de ângulos diversos, por isso serão apresentados alguns elementos que possam contribuir para a reflexão.

2.1.1 Jornais

Os jornais, impressos ou *online*, ainda são as principais fontes de informação em várias partes do mundo. Para retratar a situação dos refugiados, foram selecionados títulos de reportagens de jornais de circulação abrangente em seus respectivos países e que são reconhecidos internacionalmente. O período de destaque foi entre os anos de 2016 e 2109, devido ao aumento progressivo do número de pessoas em deslocamento no mundo.

a) The Washington Post (Estados Unidos)

- 20 out. 2016: *America already uses strict refugee vetting*
(Os Estados Unidos usam verificação rigorosa com refugiados)
- 14 nov. 2016: *Obama confronts refugee crisis on his final trip to Europe*
(Obama enfrenta crise de refugiados em sua última viagem à Europa)
- 2 out. 2017: *Trump could help refugees. Instead, he shrugs*
(Trump poderia ajudar os refugiados. Em vez disso, ele encolhe os ombros)
- 15 dez. 2017: *How refugees are being forced back to a war zone to repay their debts*
(Como os refugiados estão sendo forçados a voltar para a zona de guerra para pagar suas dívidas)
- 8 nov. 2018: *UN says there are 3 million venezuelan refugees and migrants*
(ONU diz que existem 3 milhões de refugiados e imigrantes venezuelanos)
- 14 nov. 2018: *The latest: Italy's anti-migrant minister greets refugees*
(A última: ministro anti-imigração da Itália recebe refugiados)
- 26 jul. 2019: *The enduring cruelty of Trump's immigration agenda*
(A crueldade duradoura da agenda de imigração de Trump)

- 1 set. 2019: *Pope names 13 new cardinals, including 2 who help migrants*
(Papa nomeia 13 novos cardeais, incluindo dois que ajudam imigrantes)

b) The New York Times (Estados Unidos)

- 12 abr. 2016: *Bono: time to think bigger about the refugee crisis*
(Bono: hora de pensar melhor sobre a crise dos refugiados)
- 14 set. 2016: *The refugee experience*
(A experiência dos refugiados)
- 15 jun. 2017: *The many reasons why admitting fewer refugees is wrong*
(As muitas razões pelas quais admitir menos refugiados é errado)
- 29 set. 2017: *We should keep our word on refugees*
(Nós deveríamos manter nossa palavra sobre os refugiados)
- 3 out. 2018: *No exit: refugees trapped in a squalid greek camp*
(Sem saída: refugiados presos em um esqualido acampamento grego)
- 14 set. 2018: *Turkey stands between Europe and the next refugee crisis*
(A Turquia está entre a Europa e a próxima crise de refugiados)
- 12 nov. 2018: *UN refugee agency warns against returning rohingya refugees*
(Agência de refugiados da ONU alerta contra retorno de refugiados rohingya)
- 18 jul. 2019: *What's the future of syrian refugees in Turkey?*
(Qual é o futuro dos refugiados sírios na Turquia?)
- 5 ago. 2019: *Colombia offers citizenship to 24.000 children of venezuelan refugees*
(Colômbia oferece cidadania a 24 mil filhos de refugiados venezuelanos)

c) Clarín (Argentina)

- 28 out. 2016: *Del infierno al paraíso: el refugiado sirio salvado por el Papa Francisco vive feliz en Roma*
(Do inferno ao paraíso: o refugiado sírio salvo pelo Papa Francisco vive feliz em Roma)
- 4 nov. 2016: *Desalojan un campamento de refugiados en Paris*
(Despejam um acampamento de refugiados em Paris)
- 30 nov. 2017: *Francisco bendijo, en Bangladesh, a refugiados rohingya*
(Francisco abençoa, em Bangladesh, refugiados rohingya)
- 2 dez. 2017: *Estados Unidos se retira del pacto mundial sobre migración y refugiados*
(Estados Unidos retiram-se do pacto mundial sobre imigração e refugiados)

- 28 ago. 2018: *Crisis económica y éxodo: Brasil enviará a las fuerzas armadas a la frontera con Venezuela por la llegada masiva de refugiados*
(Crise econômica e êxodo: Brasil enviará as Forças Armadas à fronteira com a Venezuela por causa da chegada maciça de refugiados)
- 12 out. 2018: *El sueño roto de los refugiados en Grecia: aumentan los intentos de suicidio y la violencia en los campamentos*
(O sonho desfeito dos refugiados na Grécia: aumentam as tentativas de suicídio e a violência nos acampamentos)
- 8 nov. 2018: *Argentina es el cuarto país que más refugiados de Venezuela recibió*
(Argentina é o quarto país que recebeu mais refugiados da Venezuela)
- 6 abr. 2019: *La desesperanza reina en un campo de refugiados en una isla griega*
(A desesperança reina num campo de refugiados em uma ilha grega)
- 26 jun. 2019: *La capitana de un barco con 42 refugiados a bordo desafía a Roma y entra a Italia sin permiso*
(A capitã de um barco com 42 refugiados a bordo desafia Roma e entra na Itália sem permissão)

d) La Repubblica (Itália)

- 9 jan. 2016: *Kenya: epidemia di colera nel campo do Dadaab. Dieci morti tra i profughi somali*
(Quênia: epidemia de cólera no campo de Dadaab. Dez mortes entre os refugiados somalis)
- 4 maio 2016: *L'Ateneo si apre ai giovani*
(O Ateneu se abre aos jovens refugiados)
- 23 maio 2017: *L'alto commissario per i rifugiati parla di accoglienza*
(O Alto comissariado para os refugiados fala de acolhida)
- 31 mar. 2017: *Infoimigrants, il portale per i rifugiati*
(Infoimigrantes, o portal para os refugiados)
- 13 nov. 2018: *Rifugiati, esami all'università per riconoscere i loro diplomi.*
(Refugiados, exames na universidade para reconhecer seus diplomas)
- 28 nov. 2018: *Alloggio e lavoro solo ai rifugiati*
(Alojamento e trabalho apenas para refugiados)
- 13 jun. 2019: *Il film sui rifugiati*
(O filme sobre os refugiados)
- 27 fev. 2019: *Il laboratorio audiovisivo per giovani rifugiati*
(O laboratório audiovisual para jovens refugiados)

e) Le Monde (França)

- 26 out. 2016: *3.800 migrants sont morts en Méditerranée en 2016, un chiffre record selon l'ONU*
(3.800 imigrantes morreram no Mediterrâneo em 2016, um número recorde de acordo com a ONU)
- 16 nov. 2016: *Méditerranée: 3.200 personnes secourues en cinq jours*
(Mediterrâneo: 3.200 pessoas resgatadas em cinco dias)
- 20 out. 2017: *L'“horreur bouleversante” d'un naufrage au large de la Libye*
(O “horror chocante” de um naufrágio na Líbia)
- 2 nov. 2017: *Bangladesh: les camps de réfugiés rohingya au bord de la catastrophe sanitaire*
(Bangladesh: os campos de refugiados rohingya à beira da catástrofe sanitária)
- 5 nov. 2018: *Départ au compte-gouttes des réfugiés syriens du Liban*
(Partida a conta-gotas dos refugiados sírios da Líbia)
- 15 nov. 2018: *Birmanie: les rohingya redoutent d'être rapatriés*
(Birmânia: os rohingya temem o repatriamento)
- 19 jun. 2019: *Des milliers de réfugiés sans solution de logement en France*
(Milhares de refugiados sem solução habitacional na França)
- 13 ago. 2019: *Grave crise interne à l'agence de l'ONU pour les réfugiés palestiniens*
(Grave crise interna na agência da ONU pelos refugiados palestinos)

f) Folha de S. Paulo (Brasil)

- 26 out. 2016: *Refugiados sírios são explorados em fábricas de grifes na Turquia, diz BBC*
- 13 dez. 2016: *Ilha vira prisão para mais de 900 refugiados recusados pela Austrália*
- 23 nov. 2017: *Prefeita de Boa Vista avisa o governo que Roraima pode ter 85 mil refugiados venezuelanos em meses*
- 1 out. 2018: *Ao menos 1,9 milhão de venezuelanos deixaram o país desde 2015, diz ONU*
- 15 nov. 2018: *Venezuelanos relatam roubos e agressões em albergue*
- 26 out. 2018: *Acnur e Forças Armadas abrem maior abrigo para venezuelanos em Roraima; novo espaço receberá mais de mil pessoas*
- 9 ago. 2019: *Em carta, agência da ONU condena portaria de Moro que prevê deportação sumária*
- 1 set. 2019: *Grupo atira bomba de gás lacrimogêneo em restaurante palestino em SP*

As notícias estampadas nos jornais descrevem um cenário aterrador em relação aos refugiados: morte, indiferença, exploração, crueldade e ameaça são termos corriqueiros para definir a maior crise humanitária de nosso tempo. As matérias jornalísticas indicam não haver uma solução para este problema, pois é algo sem saída e sem futuro. Os governos são retratados como se não se preocupassem com esta população itinerante, mas apenas com a proteção de suas fronteiras.

A cada novo embate, nova guerra, nova perseguição política e religiosa, a multidão de imigrantes forçados aumenta. Neste cenário, as notícias não param de ser produzidas. Constitui-se, assim, uma situação que parece não ter fim.

Segundo Bauman (2014, p. 122),

Viver em condições de incerteza prolongada e em aparência incurável provoca duas sensações humilhantes: ignorância (não saber o que o futuro trará) e impotência (ser incapaz de influenciar em seu curso). Elas são humilhantes de verdade. Em nossa sociedade altamente individualizada, em que se presume que cada indivíduo seja responsável por seu próprio destino na vida, essas condições implicam a inadequação do sofrer para tarefas que outras pessoas, mais exitosas, parecem desempenhar graças à maior capacidade e ao maior esforço.

A crise dos refugiados cria incertezas sobre o futuro, pois, diante de uma situação que envolve milhões de pessoas em várias partes do mundo, o problema apresenta-se como algo intransponível. Ignorar a situação parece não ser mais uma opção. As notícias, dadas quase que cotidianamente, apresentam o agravamento deste cenário dantesco.

2.1.2 Filmes

Os filmes exercem encanto sobre o ser humano. Ao visualizar as histórias ali contadas, é possível identificar-se com os personagens e viver, na imaginação, tudo o que passam. Risos, lágrimas, medo e esperança são alguns exemplos disto. A seguir, serão apresentadas películas que abordam a questão dos refugiados e da imigração. Baseados na realidade ou em mera ficção, elas possibilitam ver narrativas que, às vezes, não se percebem ou não se imaginam existir.

- *Welcome* (2009)
Título em português: Bem-vindo
Direção: Philippe Lioret
Produção: Philippe Lioret
Distribuidora: Univison

Duração: 110 min

Gênero: drama

Sinopse: o jovem curdo Bilal, 17 anos, mora no Iraque e seu maior desejo é visitar o grande amor de sua vida, que mora na Inglaterra. Durante sua viagem, acaba chegando a Calais, França, onde se depara com a difícil realidade que sofrem os imigrantes: medo, injustiça e preconceito.

- *Terra firme* (2013)

Título em português: Terra firme

Direção: Emanuele Crialese

Produção: Marco Chimenz

Distribuidora: Esfera Cultural

Duração: 86 min

Gênero: drama

Sinopse: um grupo de imigrantes ilegais está preso em uma embarcação sobrecarregada. Diante da situação, Ernesto, um pescador italiano, e sua família prestam ajuda, mas seu barco é confiscado pelas autoridades locais. Entre seguir a lei e ter compaixão, será preciso fazer uma escolha.

- *The good lie* (2014)

Título em português: A boa mentira

Direção: Philippe Falardeau

Produção: Brain Grazer

Distribuidora: Paris Filmes

Duração: 110 min

Gênero: drama

Sinopse: três sudaneses, Jeremiah, Mamere e Paul, decidem ir para os Estados Unidos refazer a vida. Lá, são acolhidos pela assistente social Carrie, que não sabe nada do passado dos jovens. O choque cultural é inevitável, pois ela é uma mulher solteira e independente, o que causa estranheza no trio estrangeiro, que estava acostumado a ver a mulher submissa ao homem.

- *Samba* (2014)

Título em português: Samba

Direção: Olivier Nakache e Éric Toledano

Produção: Laurent Zeitoun

Distribuidora: Califórnia Filmes

Duração: 118 min

Gênero: comédia/drama

Sinopse: proveniente do Senegal, o jovem Samba está na França há dez anos e vive de pequenos empregos temporários. Alice, uma executiva experiente, sofre com o estresse do trabalho. Juntos, cada um a sua maneira, tentam pôr a vida nos trilhos.

- *Dheepan* (2015)

Título em português: Dheepan: o refúgio

Direção: Jasques Audiard

Produção: Pascal Coucheteux

Distribuidora: California Filmes

Duração: 115 min

Gênero: drama

Sinopse: fugindo da guerra do Sri Lanka, Dheepan, Yalini e Illayaal forjam identidades falsas e passam a viver como se fossem uma família de verdade. Ao chegarem à França, mesmo não sabendo a língua local, conseguem empregos e agora deverão decidir se vale a pena permanecerem juntos.

- *Fire at sea* (2016)
 Título em português: Fogo no mar
 Direção: Gianfranco Rosi
 Produção: Gianfranco Rosi, Serge Lalou, Roberto Cicutto
 Distribuidora: Imovision
 Duração: 114 min
 Gênero: drama
 Sinopse: Lampedusa é uma ilha italiana que ficou famosa no mundo inteiro por ser um lugar de concentração de refugiados da África e do Oriente Médio. O local tornou-se porta de entrada da Europa para milhares de imigrantes que buscam proteção e abrigo das guerras e conflitos armados em seus países de origem.

- *Human flow* (2017)
 Título em português: Fluxo humano: não existe lar se não há para onde ir
 Direção: Ai Weiwei
 Produção: Ai Weiwei e Chin-Chin Yap
 Distribuidora: Paris Filmes
 Duração: 140 min
 Gênero: documentário
 Sinopse: ao longo de um ano, o artista plástico Ai Weiwei acompanhou de perto o drama dos refugiados em mais de 23 países. Seu documentário revela as causas e os sofrimentos de milhares de pessoas forçadas a deixar seus países em busca de um lugar em que possam viver.

- *Toivon tuolla puolen* (2017)
 Título em português: O outro lado da esperança
 Direção: Aki Kaurismaki
 Produção: Aki Kaurismaki
 Distribuidora: Imovision
 Duração: 100 min
 Gênero: comédia dramática
 Sinopse: o filme tem como centro a amizade entre um dono de restaurante, Wikstrom, que já foi caixeiro viajante e jogador profissional de pôquer, e o refugiado sírio Khaled, que acaba de chegar à Finlândia para buscar um novo recomeço e procurar sua irmã desaparecida.

- *Happy end* (2017)
 Título em português: Final feliz
 Direção: Michael Haneke
 Produção: Margaret Ménégoz e Veit Heiduschka
 Distribuidora: Sony
 Duração: 108 min
 Gênero: drama

Sinopse: uma família francesa de classe média da região de Calais (França) só pensa nos próprios interesses. Enquanto isso, a poucos quilômetros de sua residência, no acampamento de refugiados, a situação é desumana e sombria.

Os filmes configuram-se como um tipo de conhecimento que favorece a formação dos sujeitos, desenvolvendo ideias e um pensar estético. Eles também podem provocar a empatia pelo outro, na medida em que se conhece a vida do personagem, marcada por falhas e qualidades presentes no humano. Neste sentido, há um exercício de compreensão da situação por que o outro passa, possibilitando que o espectador se coloque no lugar dele.

No filme, os sentidos podem ser provocados, levando a vivenciar sentimentos que não se costumam expressar. Para Rancière (2007, p. 16):

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum etc.

As narrativas visualizadas nos filmes trazem ao conhecimento situações particulares que no dia a dia talvez não se tivesse a noção de existirem. Os filmes revelam acontecimentos, trazem histórias e partilham segredos que ajudam a pensar no outro de forma diferente.

2.1.3 Artes Plásticas

As Artes Visuais também se fazem presentes no relato sobre o drama humanitário do refúgio. A exposição *Raiz*, do artista plástico e ativista chinês Ai Weiwei, é um exemplo desta abordagem a mostrar um tema tão sensível. O olhar do artista abre horizontes e revela questões que escapam à nossa percepção, que em vários momentos ocupa-se apenas do prosaico. Entre barcos infláveis gigantes, porcelanas chinesas modificadas e papéis de parede sobre a imigração, a figura do refugiado vai tomando conta do imaginário dos visitantes, convidando-os a sentir a dor do outro.

Dentro da exposição, um aceno para a obra “Odisseia”, papel de parede que retrata a fuga dos refugiados por mar e terra, mesclando estilos gregos e sumérios. As imagens que abrem cada capítulo da presente pesquisa foram tomadas dessa obra.

Ai Weiwei é um artista plástico chinês reconhecido mundialmente por seus trabalhos, que mesclam arte e política. Devido ao seu posicionamento político, foi duramente criticado pelo governo da China, tendo suas obras e seu próprio nome sofrido censura em várias

ocasiões. Nascido em Pequim em 1957, e criado próximo ao Deserto de Gobi, aprendeu desde cedo com seu pai, o poeta Ai Qing (1910-1996), a perceber o mundo com outros olhos, de outra forma. Sua trajetória artística, que soma mais de 30 anos, é marcada por diversas questões fundamentais, tais como: liberdade de expressão, direitos humanos e o modernismo, forma de arte que assumiu para si.

Em 1975, foi enviado para o exílio durante a Revolução Cultural Chinesa (1966-1976). Na ocasião, passou a circular e conviver com jovens criativos: pintores, poetas, pintores e cineastas. Foi nesse meio que seu posicionamento político se fortaleceu, procurando formas e maneiras de expressar seus pensamentos. A partir de 1978, as academias de arte, que haviam sido fechadas durante a Revolução Cultural, foram reabertas. Entretanto, o público já não era mais o mesmo e o interesse por tais formas de expressão foram se exaurindo ao longo do tempo.

No ano de 2015, na Ilha de Lesbos, Grécia, Ai Weiwei teve uma experiência que modificaria sua percepção sobre a condição humana: a crise dos refugiados. Ele viu um barco inflável repleto de pessoas assustadas e desnutridas que estavam fugindo de uma guerra para salvar a própria vida. Ele assumiu para si esta causa, que mais tarde seria uma de suas plataformas artísticas.

A crise humanitária, agravada e causada por uma sequência de desastres políticos, produziu o maior êxodo desde a Segunda Guerra Mundial. Ai Weiwei estabeleceu um estúdio em Lesbos e fez a obra seminal com os coletes salva-vidas utilizados por refugiados ao cruzarem o mar revolto rumo à Europa. No período de um ano, percorreu mais de 28 campos de refugiados ao redor do mundo, o que rendeu um documentário, *Human flow* (Fluxo humano). Ai Weiwei passou a conviver e interagir com as pessoas. Presenciou o medo, a falta de esperança, a dor, a violência policial, os muros e cercas. Não se fez indiferente diante desta situação.

No Brasil, ele encontrou terreno fértil para desenvolver sua obra. Teve contato com expressões culturais do Norte e Nordeste do país e montou um ateliê em Trancoso, Bahia. Na cidade de São Paulo, entre outubro de 2018 e janeiro de 2019, teve suas produções expostas na Oca do Parque do Ibirapuera, na exposição *Ai Weiwei Raiz*, na qual apresentou obras inéditas sobre as crises do mundo contemporâneo, com destaque para a situação dos imigrantes. Seu olhar atento convida os espectadores a subverter uma lógica que coisifica os seres humanos e os impele a ver que a vida tem seu valor na própria vida.

A arte tem o poder de nos arrancar do prosaico, da imersão do cotidiano que nos impede de ver e entender o que se passa ao nosso redor. Na fábula contada por Nuccio Ordine (2016), pode-se entender melhor esta ideia.

Há dois jovens peixes nadando e, num certo momento, encontram um peixe ancião nadando na direção oposta, que acena para eles e diz:

– Olá, rapazes. Como está a água?

Os dois jovens peixes nadam mais um pouco, depois um olha para o outro e pergunta:

– Água? Que diabo é isso? (ORDINE, 2016, p. 34)

É pela arte que se pode transgredir o que está posto, aquilo que parece comum aos nossos olhos. É pela arte que se podem educar os sentidos e ir além do imanente, abrindo horizontes não antes imaginados. Ela inverte a lógica e a razão, apenas para a emoção e a imaginação. No contato com a obra de arte existe uma troca de ideias e sentimentos entre o autor e o espectador; é justamente neste contato que o exercício estético acontece, permitindo desbravar novas perspectivas.

2.1.4 Museus

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo mostrou ser um lugar para reacender e recuperar memórias. O fluxo humano está gravado no tempo, nas paredes. Os livros, fotos e objetos mostram histórias de vidas e de recomeços. Mergulhar nas narrativas ali contadas é conectar-se com homens e mulheres que por ali passaram.

Localizado no bairro da Mooca, zona leste da capital paulista, o Museu da Imigração começou como uma hospedaria que acolhia imigrantes recém-chegados ao Brasil, providenciando abrigo, trabalho e tratamento médico. Apenas em 1993 passou a ter a configuração atual, como museu e centro histórico.

Ao longo de seus 91 anos, a Hospedaria acolheu e encaminhou os imigrantes aos novos empregos. Para isso, o prédio contava com a Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Além dos alojamentos, foi criada uma Central de serviço médico com farmácia e laboratório de análises, serviços de correio e telégrafo, posto policial, lavanderia, cozinha, refeitório e um setor de assistência odontológica. Especialmente na década de 1930, a Hospedaria de Imigrantes passou a acolher também trabalhadores migrantes de outros estados brasileiros. Na década de 1970, perdeu sua função original e em 1978 recebeu pela última vez um grupo de imigrantes coreanos, pouco antes de encerrar suas atividades. (MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2019)

O museu também é palco de eventos, oficinas e palestras voltados aos imigrantes. Seu acervo cultural e histórico atrai pesquisadores do país e de fora dele, sendo um centro de referência para os que desejam aprofundar a questão migratória no Brasil.

Os museus têm importante função social ao preservarem e divulgarem a memória de fatos e acontecimentos. É por se ter memória que se podem perceber os avanços e retrocessos da história humana. A imigração é um destes aspectos, pois é algo que caracteriza o humano, um ser que está em movimento constante, arrisca-se por águas e terras desconhecidas, pois sua vontade e curiosidade o fazem ir além. Olhar para a história é querer saber de onde se veio, para que assim seja possível saber onde se está e para onde se quer ir. Cartas, documentos, fotos e tantos outros objetos guardam recordações de tempos que já se foram, mas que carregam sentimentos e lembranças de homens e mulheres que passaram pela experiência da partida e despedida.

Para Morin (2012, p. 202): “A história traz a primazia do tempo irreversível sobre o tempo cíclico, do tempo dos acontecimentos sobre o tempo repetitivo, do tempo agitado sobre o tempo circular. Embora construa ilhas ou arquipélagos de estabilidade, suscita a supremacia da mobilidade sobre a imobilidade”.

O tempo para os refugiados e imigrantes é um elemento dialógico, pois é, ao mesmo tempo, dor e esperança. A dor de não ver mais seu país, seus familiares e amigos. A esperança de voltar para casa e reencontrar as pessoas que ficaram para trás. A dor de presenciar os horrores da guerra e da morte. A esperança de encontrar um lugar seguro e recomeçar a vida. A memória dos acontecimentos passados, marcados por separações e encontros, indicarão os próximos passos a seguir.

2.1.5 Religião

Dentre os vários líderes mundiais, o Papa Francisco ocupa lugar de destaque quando se trata da questão migratória. Ele é uma voz que defende o direito à vida e à dignidade de milhões de pessoas que passam pelo drama do deslocamento forçado. Seja visitando os imigrantes acampados na Ilha de Lesbos (Grécia) seja rezando uma missa em Lampedusa (Itália) pelos imigrantes mortos no mar, ou abrigando no Vaticano famílias de refugiados sírios, o pontífice romano vem mostrando ao mundo a seriedade e o compromisso com os novos oprimidos de nosso tempo. Seu discurso é permeado por palavras como acolhida, compaixão e solidariedade. Sua mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2019 reforça sua posição a favor da vida e da dignidade do ser humano.

No dia 27 de maio de 2019, o Papa Francisco divulgou uma mensagem para a celebração do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, que seria no dia 29 de setembro de

2019.⁶ Voz forte no cenário internacional, Francisco tem destacado em seus discursos a figura dos imigrantes e refugiados, pois percebe, nesta população, pessoas que estão em situação de extrema fragilidade. Suas visitas a campos de refugiados ou abrindo as portas do Vaticano para acolher famílias imigrantes ganharam os noticiários em todo o mundo. Sua conduta desperta elogios e severas críticas. Seu discurso deseja enfrentar esta situação de imigração forçada, de coisificação do ser humano diante da indiferença e da xenofobia. Reconhecer o outro como um ser que merece respeito, merece ser devidamente acolhido.

Os ângulos abordados, até o momento, revelam as muitas possibilidades de percepção e entendimento sobre a questão da imigração. Cada um deles traz, ao seu modo, uma situação humana marcada por incertezas e sofrimento. É preciso levar em consideração cada um deles, mesmo que se discorde, faz parte do diálogo lidar com elementos contraditórios, que questionam a própria humanidade da humanidade.

2.2 OS REFUGIADOS NO BRASIL

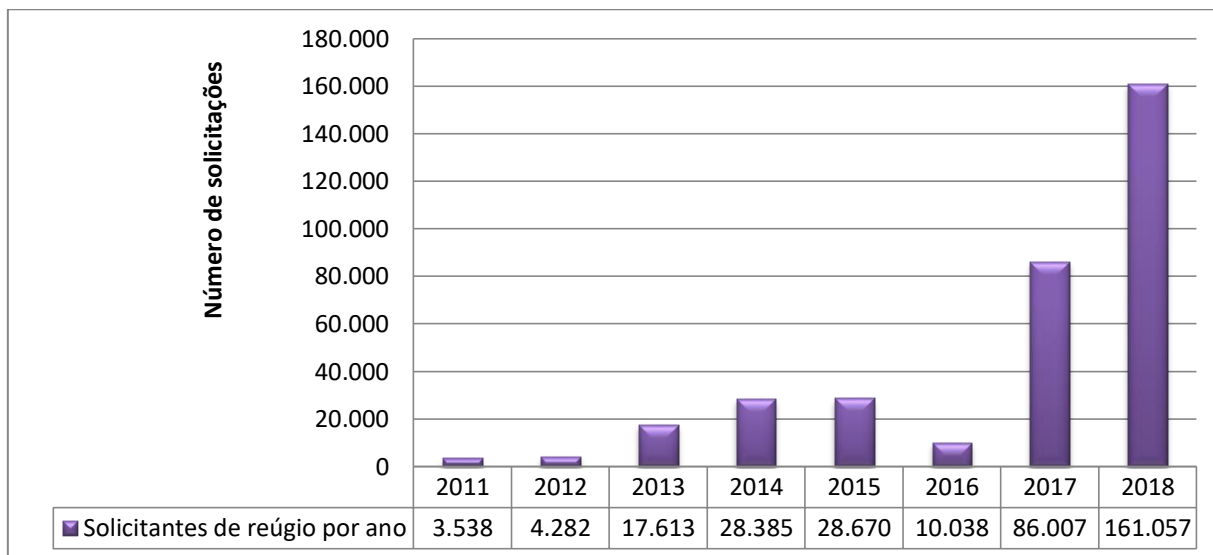
Em janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter atingiu o Haiti, causando mais de 200 mil mortes, milhares de feridos e desabrigados. Os dias que se seguiram mostraram uma nação devastada, num país que já era marcado pela pobreza e conflitos armados. Este acontecimento marcou o início da imigração em massa para o Brasil. Por não se encaixarem na lei dos refugiados – pois fenômenos naturais não são motivos de solicitação de refúgio –, os haitianos receberam o visto humanitário e permissão para trabalhar. Porém, o Brasil não estava preparado para receber tantas pessoas ao mesmo tempo e, naquele momento histórico, teve início uma nova realidade: a crise dos refugiados não era mais algo distante que se acompanhava pela televisão, agora era possível ver e perceber homens, mulheres e crianças pelas ruas das grandes cidades do país.

O Brasil recebe um número baixo de imigrantes e refugiados em relação à sua população geral e em comparação com outros países. Conforme dados divulgados pela Polícia Federal, os imigrantes representam no país menos de 1% da população. Segundo o Conare, o número de refugiados é de 6,5 mil vivendo no Brasil, de um total de 11,2 mil reconhecidos. Isto se dá pelo fato do país não ser lugar de destino, mas uma rota para outras regiões, como Estados Unidos e Canadá. Contudo, em 2018 a situação começou a mudar. Segundo o

⁶ Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20190527_world-migrants-day-2019.html. Acesso em: 30 set. 2019. Para entender como uma ideia, a partir de valores humanos, pode ser um elemento de reflexão para tratar de um assunto delicado e ao mesmo tempo controverso, a mensagem consta também do Anexo B, ao final deste trabalho.

ranking da ONU, o Brasil passou da 139ª posição para a sexta posição entre os países que mais recebem imigrantes e refugiados no mundo, devido à crise na Venezuela. O número de solicitações de refúgio passou de 86 mil, em 2017, para 161 mil, em 2018. Os dados a seguir mostram as solicitações feitas junto ao Estado brasileiro entre os anos de 2011 e 2018.

Gráfico 1 – Solicitantes de refúgio no Brasil entre 2011 e 2018



Fonte: o autor, com base em: DESLOCAMENTOS... (2019, p. 60).

Os países que mais solicitaram refúgio no Brasil foram: Haiti, 7.030 (9%), Cuba, 2.749 (3%), China, 1.450 (2%), Bangladesh, 947 (1%), Angola, 675 (1%), Senegal, 462 (1%), Síria, 409 (1%), Índia, 370 (1%) e outros, 4.284 (5%), perfazendo 80.057 solicitações. Vários estados do Brasil receberam o pedido de refúgio, os principais são: Roraima, 50.770 (63%), Amazonas, 10.500 (13%), São Paulo, 9.977 (12%), Santa Catarina, 1.894 (2%), Paraná, 1.408 (2%), Rio Grande do Sul, 1.223 (2%).

Segundo o Conare, do total de 1.086 pessoas solicitantes de refúgio em 2018, 34,25% eram mulheres e 65,75% eram homens. Em relação à faixa etária, 1,01% tinha de 0 a 4 anos, 8,38% tinha entre 5 e 11 anos, 6,45% de 12 a 17 anos, 38,58% entre 18 e 29 anos, 41,99% de 30 a 59 anos e 3,59% com mais 60 anos.

A nova Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, regulamenta como o Brasil passa a acolher, dentro de seu território, imigrantes e visitantes. É preciso destacar que a lei não altera ou prejudica a aplicação de normas internas e internacionais, principalmente no que toca aos refugiados. Em seu artigo 3º, inciso XI, tem-se: “acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência

jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social” (BRASIL, 2017). Por este motivo, o Brasil tornou-se um destino possível para os imigrantes e refugiados.

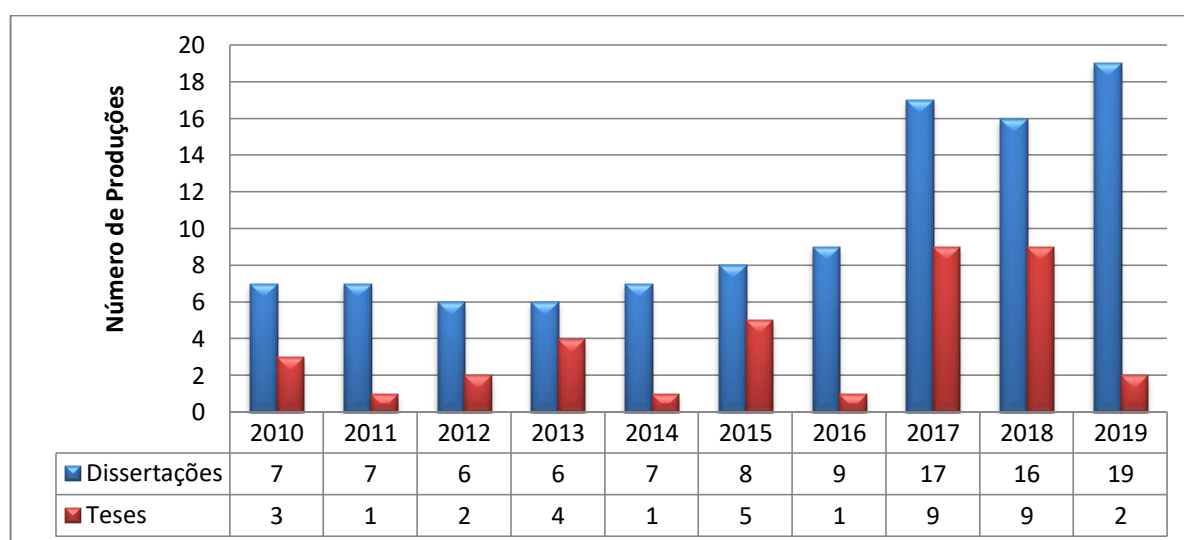
2.3 AS PESQUISAS NA ACADEMIA

As pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno migratório, em especial a questão dos refugiados, vêm ganhando espaço no Brasil nos últimos anos. Para a composição deste estudo serão utilizadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

a) BDTD

Em uma pesquisa com o termo “refugiados” na barra de procura, sem qualquer tipo de filtragem, foram encontrados 795 resultados. Em uma segunda pesquisa, delimitando o tempo entre 2010 a 2019 (mais precisamente até dia 22 de dezembro de 2019), obtiveram-se 621 resultados. Na terceira pesquisa, agora utilizando o filtro “assunto”, apresentaram-se 135 resultados, dos quais 98 dissertações e 37 teses.

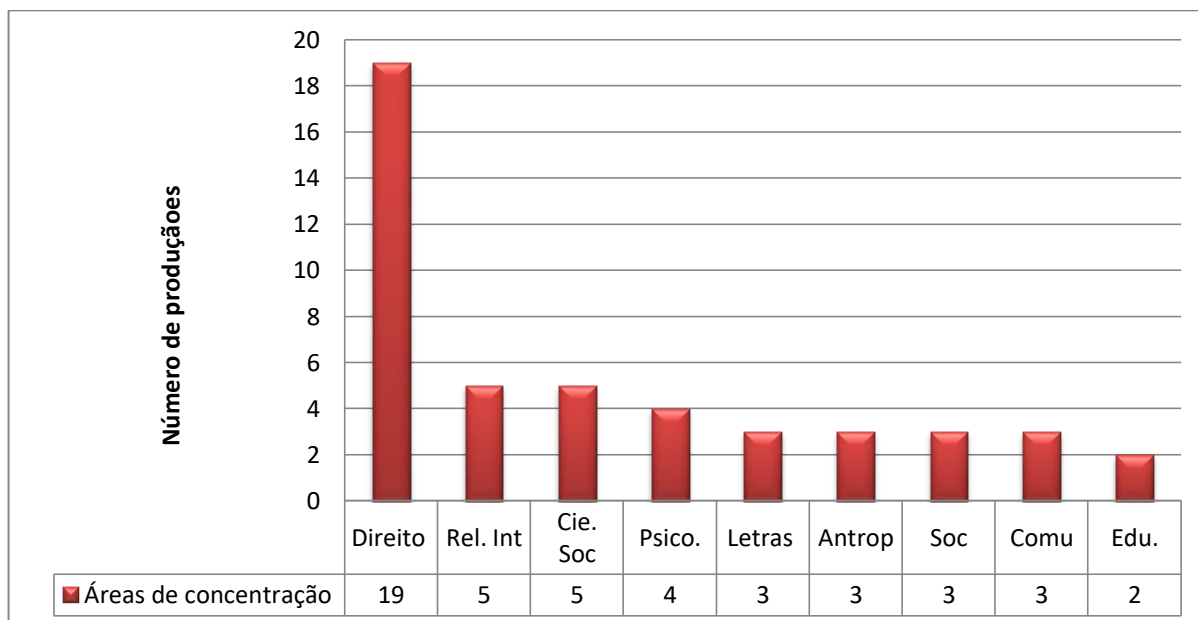
Gráfico 2 – BDTD: teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019



Fonte: o autor, com base em: BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (2019).

Ao voltar o olhar para as áreas de concentração, depara-se com os seguintes resultados, conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 – BDTD: teses e dissertações com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2019



Fonte: o autor, com base em: BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (2019).

Como se pode perceber, o Direito puxa o número de pesquisas quando se trata do tema refugiados, principalmente no que toca à questão legal e dos direitos humanos. Por sua vez, a Educação carece de mais pesquisas sobre o assunto. O Quadro 1, a seguir, traz alguns destaques entre as pesquisas encontradas.

Quadro 1 – BDTD: destaques de teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019

Autoria	Título	Área do conhecimento/tipo	Instituição	Ano
HAYDU, Marcelo	Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração ou segregação	Ciências Sociais (Dissertação)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2010
REZENDE, Paulo Sérgio	A constituição identitária de refugiados em São Paulo: moradias na complexidade do ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira	Linguística (Tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2010

Autoria	Título	Área do conhecimento/tipo	Instituição	Ano
OLIVERIA, Tania Biazioli de	O esquecimento do passado por refugiados africanos	Psicologia Social (Dissertação)	Universidade de São Paulo	2011
MENEZES, Thais Silva	Direitos humanos e refúgio: a violação de direitos antes e após a determinação do status de refugiado	Ciência Política (Tese)	Universidade Estadual de Campinas	2012
MOREIRA, Julia Bertino	Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)	Ciências Políticas (Tese)	Unicamp Universidade Estadual de Campinas	2012
PERIN, Vanessa Parreira	Um campo de refugiados sem cercas: etnografia de um aparato de governo de populações refugiadas	Sociologia (Dissertação)	Universidade Federal de São Carlos	2013
CARDOSO, Anelise Zanoni	Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira	Comunicação (Tese)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2013
BRAVO, André Luiz Morais Zuzarte	O milhão restante, o Brasil e a evolução da proteção internacional a refugiados	Historia política e bens culturais (Dissertação)	Fundação Getúlio Vargas	2014
CALEGARI, Marília	“Felicidade clandestina”: refúgio e família no Brasil	Demografia (Dissertação)	Universidade Estadual de Campinas	2014
SANTOS, Marta Aline	Ações de educação ambiental Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, Capela/SE	Desenvolvimento e meio ambiente (Dissertação)	Universidade Federal de Sergipe	2014
CLARO, Carolina de Abreu Batista	A proteção dos “refugiados ambientais” no Direito Internacional	Direito (Tese)	Universidade de São Paulo	2015
ZOZZOLI, Cécile Diniz	A vivência do refúgio de mulheres migrantes: uma análise da afetividade nos contextos de São Paulo e Paris	Psicologia (Tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2015
LEITE, Larissa	O devido processo legal para o refúgio no Brasil	Direito (Tese)	Universidade de São Paulo	2015
RODRIGUES, Viviane Mozine	Reassentamento e integração local: as limitações institucionais e de políticas em relação aos refugiados palestinos em São Paulo	Ciências Sociais (tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2015

Autoria	Título	Área do conhecimento/tipo	Instituição	Ano
SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral	Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil	Linguística (Tese)	Universidade Federal de São Carlos	2016
LACERDA, Allana de Freitas	Educação e direitos humanos para mulheres em comunidades islâmicas	Educação (Dissertação)	Universidade Federal do Ceará	2017
TALAYER, Carlos Alberto Lima	Imigrantes e refugiados na perspectiva da Política Nacional de Extensão Universitária: estudo de caso de um projeto de extensão em uma instituição federal de ensino superior	Gestão educacional (Dissertação)	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2017
LANGOSKI, Deisemara Turatti	O sujeito cidadão nos deslocamentos humanos	Direito (Tese)	Universidade Federal de Santa Catarina	2017
MERIGUETI, Diego Souza	Da invisibilidade ao reconhecimento: o processo como instrumento de luta dos refugiados pela efetividade de seus direitos	Direito processual (Dissertação)	Universidade Federal do Espírito Santo	2017
SIMÕES, Gustavo da Frota	Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada: colombianos em São Paulo e em Ontário	Ciências Sociais (Tese)	Universidade de Brasília	2017
SILVA, João Guilherme Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da	Por razões humanitárias: cidadanias, políticas públicas e sensibilidades jurídicas na reforma migratória brasileira	Direito (Tese)	Universidade de Brasília	2017
HAYDU, Marcelo	Refugiados congolezes na cidade de São Paulo: processos migratórios e itinerários terapêuticos	Saúde Coletiva (Tese)	Universidade Federal de São Paulo	2017
DECKER NETO, Norberto	Nessa terra somos todos migrantes: interfaces entre religião, acolhida humanitária e políticas de imigração no Brasil de ontem e de hoje	Antropologia Social (Tese)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2017
RIZENTAL, Sabrina Sant'Anna	Refugiados: tensões em um imaginário de acolhimento	Linguagem (Dissertação)	Universidade Federal Fluminense	2017
	Da invisibilidade ao protagonismo: uma etnografia	Antropologia Social	Universidade Federal do Rio	2017

Autoria	Título	Área do conhecimento/tipo	Instituição	Ano
ZELAYA, Silvia Cristina	em espaços de luta, participação e criação de políticas públicas para imigrantes e refugiados no Brasil	(Tese)	Grande do Sul	
MENEZES, Thais Silva	Refúgio e soberania: tensões na política internacional relativa aos refugiados (de 1949 a 2016)	Relações Internacionais (Tese)	Universidade de Brasília	2017
BARROS, Wellington da Silva de	Mobilidade humana e pluralismo religioso: a Missão Paz e o diálogo inter-religioso na acolhida de imigrantes e refugiados	Ciências Sociais (Tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2017
SILVA, Allan Rodrigo de Campos	Imigrantes africanos solicitantes de refúgio no Brasil: cooperação para o desenvolvimento e humanitarismo no Atlântico Sul	Geografia (tese)	Universidade de São Paulo	2018
MATOS, Ana Carolina Siqueira	O sistema de proteção a refugiados e sua atuação perante as refugiadas sírias no Brasil	Ciências Sociais (Dissertação)	Universidade de Brasília	2018
RODRIGUES, Anna Cristina de Araújo	Naufrágio e ressurreição da imagem: a fotografia de Aylan Kurdi inquieta o imaginário contemporâneo	Comunicação (Dissertação)	Universidade de Brasília	2018
NATHANSOHN, Bruno Macedo	O regime de informação entre o tratamento humanitário e a vigilância para o controle: ecos da gramática global no sistema de refúgio brasileiro	Ciência da Informação (Tese)	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2018
DEL CARPIO, David Fernando Santiago Villena	Rechaçando refugiados na União Europeia: a influência da guerra global ao terror nas políticas migratórias da União Europeia no período de 2011 a 2015	Direito (Tese)	Universidade Federal de Santa Catarina	2018
GRAJZER Deborah Esther	Crianças refugiadas: um olhar para a infância e seus direitos	Educação (Dissertação)	Universidade Federal de Santa Catarina	2018
CHALITA, Gabriel Benedito Issaac	Dignidade da pessoa humana e a (re) formulação do conceito de soberania estatal frente ao direito internacional dos	Direito (Tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2018

Autoria	Título	Área do conhecimento/tipo	Instituição	Ano
	refugiados: por uma cultura político-jurídica internacional de responsabilidade comum			
TITTANEGRO, Cláucia Rita	Perspectiva sem ponto de fuga: a figura do refugiado e a saúde global como dispositivo da biopolítica na contemporaneidade	Saúde Global e Sustentabilidade (Tese)	Universidade de São Paulo	2018
SANTOS, Isabelle Dias Carneiro	A proteção das crianças e adolescentes refugiados no Brasil: a necessidade de políticas públicas de integração	Direito (Tese)	Universidade Presbiteriana Mackenzie	2018
SOUZA, Juliana Aparecida Borre	Cultura e integração social de refugiados no Brasil: o caso do projeto Abraço Cultural	Bens Culturais e Projetos Sociais (Dissertação)	Fundação Getúlio Vargas	2018
BANDEIRA, Larissa da Veiga Vieira	Para oferecer a hospitalidade: aula e refugiados no Brasil	Educação (Tese)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2018
SPONTON, Leila Rocha	A proteção integral à criança refugiada	Direito (Dissertação)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2018
PAES, Vanessa Generoso	Fronteiras políticas em movimento: dilemas e tendências de novos fluxos migratórios em São Paulo: trabalho, gênero e direitos	História Social (Tese)	Universidade de São Paulo	2018
BRANCO-PEREIRA, Alexandre	Viajantes do tempo: imigrantes-refugiadas, saúde mental, cultura e racismo na cidade de São Paulo	Antropologia Social (Dissertação)	Universidade Federal de São Carlos	2019
CABRAL, Johana	Políticas públicas de proteção para as crianças na condição de refúgio no Brasil: limites e possibilidades	Direito (Dissertação)	Universidade do Extremo Sul Catarinense	2019
FURLAN, Fabrício Moreno	O direito ao trabalho pelo refugiado: uma abordagem segundo a universalidade do princípio da dignidade da pessoa humana	Direito (Tese)	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2019

Os destaques a seguir mostram como os autores, em suas áreas de conhecimento e em anos diferentes, pesquisaram sobre o tema refugiados.

Rezende (2010) investiga o fenômeno da constituição identitária de 21 refugiados em São Paulo, exposta durante oficinas de língua portuguesa como língua estrangeira. A fundamentação teórico-metodológica considera o pensamento complexo de Morin como terreno no qual as experiências se desenvolvem, e dois construtos teóricos, aculturação e identidade, fazendo um diálogo com outros teóricos. As experiências vividas pelos participantes foram registradas em textos escritos e imagéticos durante o curso de língua portuguesa para refugiados.

Oliveira (2011) pesquisa o esquecimento do passado por refugiados africanos. A partir de entrevistas com imigrantes e refugiados abrigados na Missão Paz, desenvolve uma reflexão sobre os traumas trazidos dos que habitaram em zona de guerra e conflitos. O autor compreende o esquecimento a partir das teorias desenvolvidas por Freud e Benjamin, com as quais lança um olhar sobre a dificuldade dos africanos em comunicar a experiência sobre seu passado.

Menezes (2012) analisa a relação entre direitos humanos e refúgio nos momentos anterior e posterior à determinação do *status* de refugiado. Em relação ao primeiro momento, o autor argumenta que a violação de direitos humanos é a causa que leva à determinação da condição de refugiado. Por sua vez, no segundo momento o pesquisador analisa como o Acnur tem-se manifestado em relação aos direitos humanos dos refugiados nos países de acolhida.

Perin (2013) procura compreender como se compõe um sujeito (refugiado) apreensível ao “olho” do Estado, a partir da análise do conjunto de relações que estes sujeitos têm de estabelecer com as diversas organizações com as quais entram em contato ao solicitarem refúgio. Para isso, o autor descreve como os sujeitos são produzidos e categorizados como refugiados e, concomitantemente, como sujeitos de direitos que podem tornar-se cidadãos plenos, cuja dignidade humana precisaria ainda ser resgatada pelo aparato descrito, como sujeitos vulneráveis e ao mesmo tempo como sujeitos com demandas políticas.

Calegari (2014) parte do pressuposto teórico de que, no Brasil, o refúgio aparece como modalidade migratória do século XXI, para estudar o fenômeno a partir da dinâmica familiar. A partir dessa condição, tal dinâmica é essencial para compreender o refúgio como modalidade de um processo social mais amplo, uma vez que a compreensão acerca do movimento passa pela família do integrante que tem o estatuto de refugiado.

Zozzili (2015) investiga a processualidade dos sentidos, afetos e relações da vivência no refúgio de mulheres imigrantes em seu processo de exclusão/inclusão social. Nesse contexto, a afetividade torna-se elemento fundamental para esclarecer até que ponto as diferentes situações analisadas se guiam em direção ao desenvolvimento ou diminuição da potência de ação, num movimento de alternância entre esses dois polos. Para tanto, busca-se conhecer a história do processo de refúgio.

São Bernardo (2016) desenvolve uma pesquisa-ação em um curso para imigrantes e refugiados na Universidade de Brasília. O material didático foi elaborado por meio de temas como: trabalho, moradia, saúde, relações sociais, tidos de maior necessidade para o aprendizado da língua. A autora apresenta uma (re)construção do conceito de língua, que é uma forma de acolher os refugiados.

Lacerda (2017) investiga a concepção do direito à educação e sua expressão de universalidade nas comunidades islâmicas, que estão inseridas no âmbito dos direitos humanos num contexto geo-sociopolítico. A pesquisa foca principalmente em mulheres e meninas, por estarem no grupo de pessoas em situação de vulnerabilidade e fragilidade social. A partir de teóricos como Bobbio e Foucault, o autor tenta compreender a educação nas sociedades interculturais e multiculturais, fazendo um contraponto com posturas que impedem o processo educativo. O autor também argumenta que por meio da educação é possível combater uma cultura de guerra e melhorar as oportunidades de trabalho na sociedade.

Bandeira (2018) pesquisa as implicações para a educação e para os professores, que derivam da necessidade dos refugiados saírem de seus países de origem e se deslocarem ao redor do mundo. A pergunta central é: quais as possibilidades que a aula oferece para ser o espaço de hospitalidade aos recém-chegados? A autora pensa uma aula que vá além daquela que é planejada para que os refugiados integrem a norma social e se tornem produtivos.

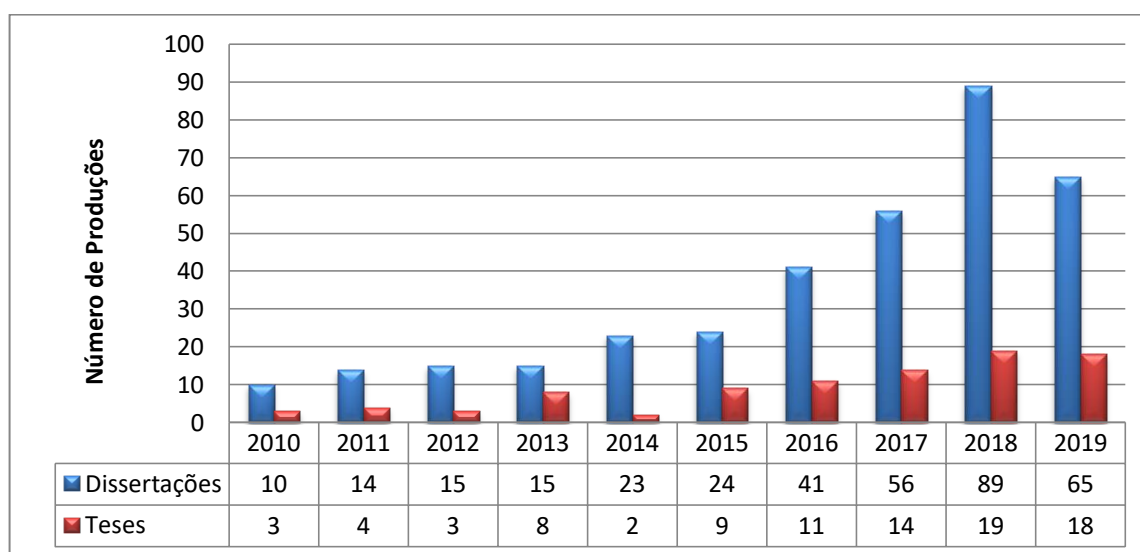
Furlan (2019) estuda a questão do direito ao trabalho pelo refugiado em confronto com os mecanismos de bloqueio do ingresso de estrangeiros empregados pelos países receptores, que não permitem a entrada de estrangeiros em seu território de forma discricionária. A pesquisa debate, ainda, se numa visão evoluída e atual de soberania ainda existe espaço para decisões absolutas e carentes de análise dos direitos fundamentais ou se a universalidade dos direitos humanos pode afastar as noções clássicas de soberania, criar barreiras e discriminação dos refugiados.

b) Catálogo de teses e dissertações da Capes

O *site* da Capes, ao se inserir o termo “refugiados” no campo de busca, retornou 485 resultados, sendo 374 dissertações e 96 teses. Em uma segunda pesquisa, agora limitada ao intervalo de tempo entre 2010 e 2019, apresentaram-se 403 resultados, dos quais 310 dissertações e 81 teses. A seguir, a produção anual do período: em 2010, 13 pesquisas; em 2011, 18 pesquisas; em 2012, 18 pesquisas; em 2013, 23 pesquisas; em 2014, 25 pesquisas; em 2015, 33 pesquisas; em 2016, 55 pesquisas; em 2017, 74 pesquisas; em 2018, 110 pesquisas; e em 2019, 61 pesquisas.

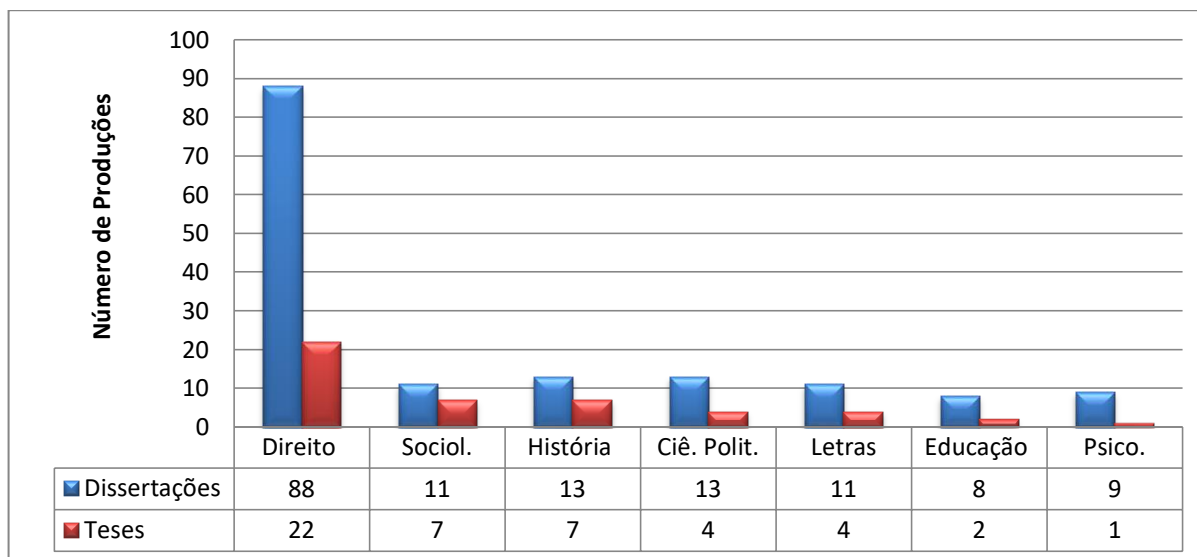
Em um terceiro momento, agora utilizando o filtro de área de conhecimento, foram obtidos 65 resultados, tendo destaque: Direito, 120, Sociologia, 21, História, 18, Ciências Políticas, 16, Letras, 16, Educação, 10, Psicologia, 10, Geografia, 10.

Gráfico 4 – Capes: teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2019



Fonte: o autor, com base em: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2019).

Gráfico 5 – Capes: teses e dissertações com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2019



Fonte: o autor, com base em: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2019).

O Quadro 2 apresenta os destaques dentre os trabalhos que se aproximam do tema.

Quadro 2 – Capes: destaques de teses e dissertações com o tema refugiados – 2010-2018

Autoria	Título da pesquisa	Área de conhecimento	Instituição	Ano
AYDOS, Mariana Recena	Migração forçada: uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil	Demografia (Dissertação)	Universidade Estadual de Campinas	2010
COSTA, Cláudia Silvana da	Refugiados no contexto das mudanças ambientais	Ciências Humanas (Tese)	Universidade Federal de São Carlos	2011
VIEIRA, Lígia Ribeiro	Refugiados ambientais: desafios à sua aceitação pelo Direito Internacional	Direito (Dissertação)	Universidade Federal de Santa Catarina	2012
SILVA, Cesar Augusto Silva da	A política brasileira para refugiados (1998-2012)	Ciência Política (Tese)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2013
NAVIA, Ângela Mercedes Fecundo	Êxodos e refúgios: colombianos refugiados no Sul e Sudeste do Brasil	Antropologia Social (Tese)	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2014

Autoria	Título da pesquisa	Área de conhecimento	Instituição	Ano
MIGLIORINI, Valder Bocalon	Refugiados: a legislação brasileira, a soberania e o direito internacional	Direitos coletivos e cidadania (Dissertação)	Universidade de Ribeirão Preto	2015
CARDOSO, Ivanilda Amado	Educação das relações étnico-raciais: limites e possibilidades no curso de pedagogia da Ufscar	Educação (Dissertação)	Universidade Federal de São Carlos	2016
QUAIATTI, Daniela Cristina Suniga	Refugiados no Brasil e sua contribuição na ONG Abraço Cultural: uma escuta em educação sociocomunitária	Educação (Tese)	Centro Universitário Salesiano de São Paulo	2017
GRAJZER, Deborah Esther	Crianças refugiadas: um olhar para a infância e seus direitos	Educação (Dissertação)	Universidade Federal de Santa Catarina	2018
PONCHECK, Dione do Rocio	A migração contemporânea dos haitianos para o Brasil e o sentido da educação através do ensino da língua portuguesa: limites, desafios e possibilidades	Educação (Dissertação)	Universidade Tuiuti do Paraná	2018

Fonte: autor, com base em: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (2019).

A seguir, as principais ideias das pesquisas citadas no Quadro 2.

Aydos (2010) aborda a situação dos refugiados em suas configurações jurídicas e analíticas. Ela entende o deslocamento forçado como um fenômeno que rompe com os limites do estatuto jurídico de refugiado, vinculando-se a outros sujeitos desta questão e a diversos fatores migratórios. A violência é um elemento presente neste meio, pois os Estados de direito impõem força e coerção sobre os imigrantes. Para a autora, o fluxo dos angolanos para o Brasil, desde 1970, merece um olhar para entender os processos migratórios no país.

Costa (2011) desenvolve um estudo sobre os refugiados ambientais, uma nova categoria de deslocamento forçado que ainda não é reconhecida pelos órgãos internacionais. Segundo a ONU, nos próximos anos aumentará o número de pessoas nesta situação. A autora propõe repensar o conceito de refugiado levando em consideração esta população imigrante.

Vieira (2012) reflete sobre os refugiados ambientais. Seu objetivo é analisar as possibilidades de aceitação dos refugiados ambientais pelo Direito Internacional, como forma de garantir-lhes os direitos necessários a uma vida digna. Utilizando o estatuto jurídico do

refúgio, a autora desenvolve sua pesquisa indicando os caminhos legais para tratar de um tema ainda em debate. Com isso, busca propor soluções para a questão da imigração por motivos de desastres climáticos e naturais.

A partir de uma verificação das instituições que lidam com a questão das políticas públicas para refugiados, Silva (2013) analisa a burocracia que envolve a questão da imigração forçada no Brasil, destacando o Comitê Nacional para Refugiados e a Polícia Federal. Há a identificação das dificuldades institucionais, os limites e desafios para a implementação de políticas públicas para refugiados. O estudo abarcou os anos de 1998 a 2012. Verificou-se com a pesquisa que as políticas públicas para refugiados sofrem de falta de coordenação e fragmentação da política migratória, deparando-se com um autoritarismo arcaico e a restrição de direitos para os estrangeiros.

Navia (2014) desenvolve sua pesquisa sobre a figura contemporânea do refugiado no Brasil, tendo como centro os colombianos. O estudo indaga as diferentes categorias de refúgio e seu processo de produção na conjuntura de três estados brasileiros: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Ganha destaque na tese a relação entre os refugiados e os agentes administrativos do Estado. A autora busca saber como estes agentes públicos agem diante do sofrimento alheio, neste caso do refugiado, que carregam consigo toda a história de vida.

Migliorini (2015) percebe que na conjuntura atual o tema sobre refugiados e imigrantes vem chamando a atenção da comunidade internacional, que, por meio de debates, congressos e encontros, discutem a questão do domínio reservado e do domínio internacional. A partir do pós-guerra, o fenômeno migratório é estudado com mais afinco e a defesa do direito internacional das garantias dos direitos humanos ganham destaque. O autor identifica um retrocesso nos direitos da pessoa humana em situação de refúgio, devido à segurança nacional e ao combate ao terrorismo.

Cardoso (2016) analisa alguns aspectos da política de formação de professores/as para a educação das relações no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (SP). É percebido que as exigências sociais, históricas e legais da educação das relações étnico-raciais provocam as escolas e universidades a repensarem seu currículo, gestão, práticas e perspectivas pedagógicas.

Quaiatti (2017) relata a experiência educativa com refugiados na ONG Abraço Cultural, da cidade de São Paulo. As relações interculturais são entendidas como elementos que quebram as barreiras culturais e atuam na desconstrução de preconceitos, no âmbito da acolhida e do respeito. Teóricos como Morin e Sousa Santos entram como base reflexiva do

tema proposto. A autora conclui que a educação sociocomunitária é fundamental no acolhimento e na emancipação desses professores na sociedade brasileira.

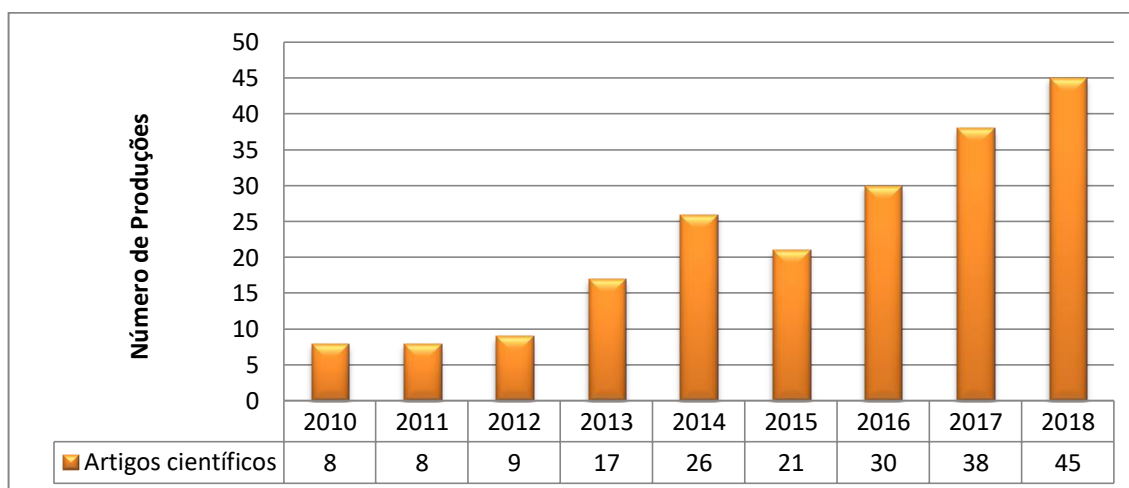
Grajzer (2018) lança um olhar sobre a condição das crianças em situação de refúgio, problema pouco abordado na ótica da autora. Utilizando-se de referenciais teóricos da sociologia da infância e da perspectiva histórico-cultural, o estudo tem como marco a doutrina da proteção integral e a aplicabilidade do direito da criança e do adolescente como afirmação do direito internacional dos direitos humanos. Agências internacionais, como a Acnur e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), servem como base de dados para a pesquisa.

Poncheck (2018) objetiva em seu estudo a melhoria da vida dos imigrantes no país por meio da Educação. Ele conclui que o curso de português para imigrantes é uma necessidade social para este grupo étnico.

c) SciELO

SciELO é uma biblioteca digital de livre acesso que, diferentemente dos bancos de dados da Capes e da BDTD, trabalha com periódicos científicos do Brasil e de vários países do mundo. Ao pesquisar o termo “refugiados” no campo de busca “Coleções”, foram obtidos 232 resultados; entre os anos de 2010 e 2018, é a seguinte a produção sobre o tema, conforme Gráfico 6.

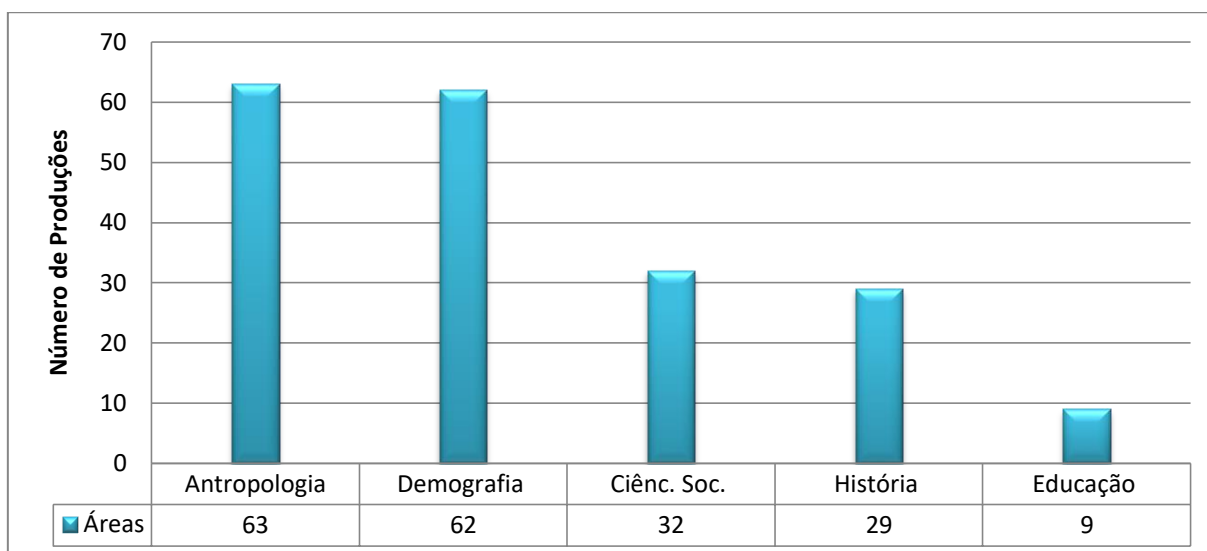
Gráfico 6 – SciELO: artigos científicos com o tema refugiados – 2010-2018



Fonte: o autor, com base em: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (2019).

Voltando o olhar para as áreas de concentração que se destacam, obtiveram-se os resultados apresentados no Gráfico 7, a seguir. A Educação, por exemplo, não se encontra entre as áreas que desenvolvem mais pesquisas sobre o tema dos refugiados para esse banco de dados.

Gráfico 7 – Scielo: artigos científicos com o tema refugiados por área do conhecimento – 2010-2018



Fonte: o autor, com base em: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (2019).

O quadro a seguir apresenta artigos de várias áreas do conhecimento que tratam sobre o tema refugiados e ajudam a expandir a compreensão sobre o assunto.

Quadro 3 – Scielo: principais artigos científicos sobre refugiados – 2010-2018

Autoria	Título	Periódico	Instituição	Ano
ROCHA, Rossana Reis; MOREIRA, Julia Bertino	Regime internacional para refugiados: mudanças e desafios	Revista de Sociologia e Política	Universidade Federal do Paraná	2010
MOULIN, Carolina	Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto	Revista Brasileira de Ciências Sociais	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais	2011
BORGES, Lucienne Martins; POCREAU, Jean-Bernard	Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica	Revista Estudos em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2012

Autoria	Título	Periódico	Instituição	Ano
CASSARINO, Jean-Pierre	Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno	Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana	Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios	2013
MOREIRA, Julia Bertino	Direitos humanos e refugiados no Brasil: políticas a partir de 1997	Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana	Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios	2014
LUSSI, Carmem	Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio	Revista de Psicologia	Universidade de São Paulo	2015
ANNONI, Danielle; MANZI, Maria Júlia Lima	Política migratória brasileira e seus reflexos para os estados da Unasul: um estudo a partir do tratamento dado pelo Brasil ao caso dos haitianos	Boletín Mexicano de Derecho Comparado	Universidad Nacional Autónoma de México	2016
GALINA, Vivian Fadlo	A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos	Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”	2017
LIMA, Fábio Bezerra Correia	Educação entre as fronteiras do direito e da cidadania	Revista de la Secretaría del Tribunal Permanente de Revisión	Secretaria do Tribunal Permanente de Revisão – Mercosul	2018

Fonte: o autor, com base em: SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (2019).

Apresentamos abaixo um resumo dos trabalhos que compõem o Quadro 3.

Rocha e Moreira (2010) discutem os dilemas e desafios da gestão sobre a crise dos refugiados pelo mundo na atualidade. Para isso, é apresentada a evolução das normas institucionais e organizações que compõem o regime internacional para refugiados elaborado pela ONU, desde o término da Segunda Guerra Mundial até o ano de 2010. A autora argumenta que é possível identificar as fragilidades que atingem o trato com os refugiados; um exemplo disto são as políticas públicas para esse grupo específico.

Moulin (2011) desenvolve reflexão acerca da crise contemporânea sobre o discurso dos direitos humanos, relacionada à reprodução de inseguranças globais, e os limites apresentados pelo Estado, território e cidadania. Neste contexto, as noções de cidadania e

humanidade se contrapõem quando se trata de refugiados. Para a autora, o regime internacional de direitos humanos atua reforçando, e não subvertendo, a ordem política existente.

Borges e Pocreau (2012) apresentam um programa de Psicologia da Universidade de Quebec, no Canadá, que é dirigido a atender à população imigrante e refugiada. O projeto permite ao público migratório ter maior acessibilidade a outros serviços de saúde oferecidos por aquele país.

Cassarino (2013), tendo seu foco na dinâmica de retorno dos refugiados a seus países de origem, desenvolve sua pesquisa elencando as várias abordagens teóricas sobre o retorno e suas implicações legais e humanas.

Moreira (2014) pesquisa o processo de integração dos refugiados no Brasil. Para isso, discute sobre a categoria de refugiado, visto como um problema a ser resolvido pelo Estado e outros grupos não estatais. O estudo também reflete sobre a literatura conceitual especializada acerca do tema da integração.

Lussi (2015) pesquisa a alteridade de imigrantes e refugiados como um desafio para as políticas públicas. Tal fato acontece em meio a um ambiente que discrimina, exclui e criminaliza. Ao não perceber que o outro, o estrangeiro, pode ser alguém que enriquece a convivência e contribui de forma positiva, o foco é a desigualdade e a reprodução de vulnerabilidades. Para a pesquisadora, é preciso formular políticas migratórias igualitárias.

Annoni e Manzi (2016) analisam como os Estados-membros da União das Nações Sul-Americanas (Unasul) são afetados pela decisão do Brasil em não aceitar a condição de refugiados aos imigrantes haitianos após o terremoto que ocorreu em 2010. Para isso, as autoras comparam os argumentos utilizados pela ação civil pública, com o aval do Ministério Público Federal, e os argumentos da Acnur sobre o conceito de refugiado.

Galina (2017) investiga as consequências mentais que a situação de refúgio provoca nas pessoas, de crianças a adultos. Elementos como diversidade cultural e presença da família têm forte impacto sobre os refugiados e imigrantes.

Lima (2018) tece uma reflexão sobre como os países da União Europeia que recebem os imigrantes, principalmente as crianças, estão garantindo o acesso à educação para que este público possa atingir sua plena capacidade cognitiva.

É possível perceber que as pesquisas sobre refugiados e imigrantes vêm crescendo a cada ano. Os campos do Direito e da Sociologia concentram a maioria das pesquisas realizadas com a temática refugiados, principalmente as que envolviam a lei dos direitos sociais, questões urgentes no início da onda migratória no Brasil. Por sua vez, a educação

ainda está tateando o tema. Isso pode ser explicado porque só nos últimos anos a presença deste público tem marcado presença constante na educação básica e na educação de jovens e adultos.

Ao deparar com as várias formas de abordagem da imigração humana, nota-se que as ideias criam uma tessitura na qual as várias realidades se encontram e criam um quadro geral da situação, na qual os seres humanos são jogados em condições de extremo perigo e incerteza. Ao dizer que o tema está em movimento, quer-se dizer também que ele se move entre a objetividade e a subjetividade. Para conhecer o outro, certo, deve-se percebê-lo objetivamente, estudá-lo se possível, objetivamente, mas também se deve compreendê-lo subjetivamente. O desenvolvimento de um conhecimento objetivo do mundo deve avançar junto com um conhecimento intersubjetivo do outro (MORIN, 2012, p. 80).

No campo da objetividade, têm-se as pesquisas científicas, os dados, os gráficos que indicam com imparcialidade o que se observa da realidade; por sua vez, no campo da subjetividade, com filmes, exposições de arte, museus, aflora uma percepção sensível e poética. Para Morin (2012), é preciso combinar os olhares para ver o todo, não se limitando e se encerrando num único ponto de vista.

Desta forma, depois do levantamento das teses e dissertações, foi possível concluir que o debate sobre a hostilidade e a hospitalidade com alunos imigrantes e refugiados, objeto deste estudo, é um assunto pouco explorado, ainda que os trabalhos elencados anteriormente se concentrem na defesa dos direitos humanos e nas políticas públicas em favor da população imigrante. No que se refere à educação, nota-se que a formação dos professores e a elaboração de material didático foram as primeiras e principais preocupações nesta área, justamente por se tratar de uma conjuntura relativamente nova, isto é, a chegada de milhares de pessoas, em situação de refúgio no país, num curto período de tempo.

Enfim, ao propor neste estudo, pensar as relações hostis e hospitaleiras, que acontecem na escola com o público imigrante é uma tentativa de reforçar as vozes que denunciam todas as formas de exclusões e preconceitos, que apontam a necessidade de uma cultura do respeito à dignidade humana e da disseminação da solidariedade. A situação dos imigrantes e refugiados requer o reconhecimento da condição humana, que deve ser permeada por solidariedade e compreensão; porém, é necessário basear-se no conhecimento para elaborar propostas que possam atender aos apelos da população que se encontra em fluxo migratório.

Este estudo apresentará, na sequência, a descrição do cenário que marca a escola pesquisada e seu entorno.



**“Não estou interessado em uma região específica ou uma pessoa ou uma história.
Estou interessado na situação global.”
(Ai Weiwei)**

3 UM LUGAR, MUITAS HISTÓRIAS

“Com que se parece um elefante?” – perguntou o rei a um grupo de cegos. Diante do animal, teve início uma calorosa discussão. O que segurava a perna, por exemplo, falou que se parecia com uma coluna. A outro, que tateava a orelha, parecia-lhe um grande leque. Um terceiro, por sua vez, ao agarrar firmemente o rabo do paquiderme, afirmava que era semelhante a um espanador. Os outros, cada um a seu modo, descreveram de forma diversa a criatura que estava diante deles.

O conto dos cegos e do elefante, contado acima de forma resumida, serve como ponto de partida para a reflexão deste capítulo. Cada imigrante e refugiado que chega ao Brasil possui sua própria versão dos acontecimentos que motivaram e marcaram sua jornada. Independentemente da singularidade de cada relato, alguns elementos são comuns: a hostilidade sofrida, o medo sentido e a esperança em um futuro melhor. Essas histórias se cruzam e se encontram num país constituído por pessoas vindas de várias partes do mundo, uma nação de desterritorializados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016); cada relato vai se somando e compondo um quadro geral deste fenômeno tão complexo que é o fluxo migratório.

Diante dos grandes deslocamentos humanos, a escola se apresenta como um lugar de encontro, onde histórias são contadas por pessoas que são, ao mesmo tempo, tão diferentes e tão semelhantes entre si em suas necessidades e projetos de vida. As crianças, que são o grupo mais frágil dentro da dinâmica migratória, ao chegaram à escola trazem consigo marcas que muitas vezes não são visíveis a olho nu.

Os impactos destrutivos das crises humanitárias atingem de forma mais devastadora as crianças em deslocamento. As ameaças e os perigos que elas enfrentam diariamente nos caminhos envolvem atrocidades como sequestros, tráfico humano, escravidão sexual, recrutamento forçado, casamento forçado e trabalho infantil. Quando capturadas em um sistema perverso de exploração e extrema crueldade, são submetidas a espancamentos, mutilações, torturas, usadas como escudos humanos, moeda de troca, para fabricar bombas e fazer ataques suicidas. (REIS, 2019, p. 72)

No fluxo migratório, as crianças enfrentam situações que fragmentam e desumanizam, como escravidão, exploração e morte. Elas se tornam uma espécie de objeto que pode ser manuseado e utilizado das mais diversas formas, sendo descartadas em seguida.

As que conseguem chegar ao destino tampouco possuem garantias de que os problemas sejam resolvidos. O novo lugar traz consigo novos desafios para elas e seus

familiares: língua, documentação, emprego, moradia, enfim, uma série de adversidades que se somam às já existentes.

Para compreender o que se passa no cotidiano escolar com a chegada das crianças refugiadas e imigrantes, faz-se necessário um conhecimento do que acontece fora da escola. A Emef “Duque de Caxias” está inserida em um contexto marcado pela imigração, pelas carências sociais e econômicas e por várias formas de violência, e isso tem ressonâncias dentro do estabelecimento de ensino, um lugar no qual muitas histórias podem ser contadas e ouvidas.

3.1 O “DUQUE”

A Emef “Duque de Caxias”, “Duque”, como é também chamada pelos frequentadores do local, foi inaugurada em 28 de fevereiro de 1957. Conhecida anteriormente como Escola Isolada da Liberdade, iniciou suas atividades atendendo aos alunos da região do centro da cidade de São Paulo. Faz parte da Diretoria Regional de Educação (DRE) Ipiranga e oferece ensino fundamental I e II e educação de jovens e adultos (EJA). No ano de 2019 contava, em todos os seus segmentos, com 992 alunos.

Em relação ao seu funcionamento: no período da manhã, das 7h às 11h50 – 4º, 5º e 6º anos (ciclo interdisciplinar – ensino fundamental de nove anos), 7º ano (ciclo autoral – ensino fundamental de nove anos). No período da tarde, das 13h35 às 18h25, 1º, 2º e 3º anos (ciclo interdisciplinar – ensino fundamental de nove anos), 8º ano (ciclo autoral – ensino fundamental de nove anos). No período noturno, EJA, 2ª etapa (alfabetização), 3ª etapa (complementar) e 4ª etapa (final).

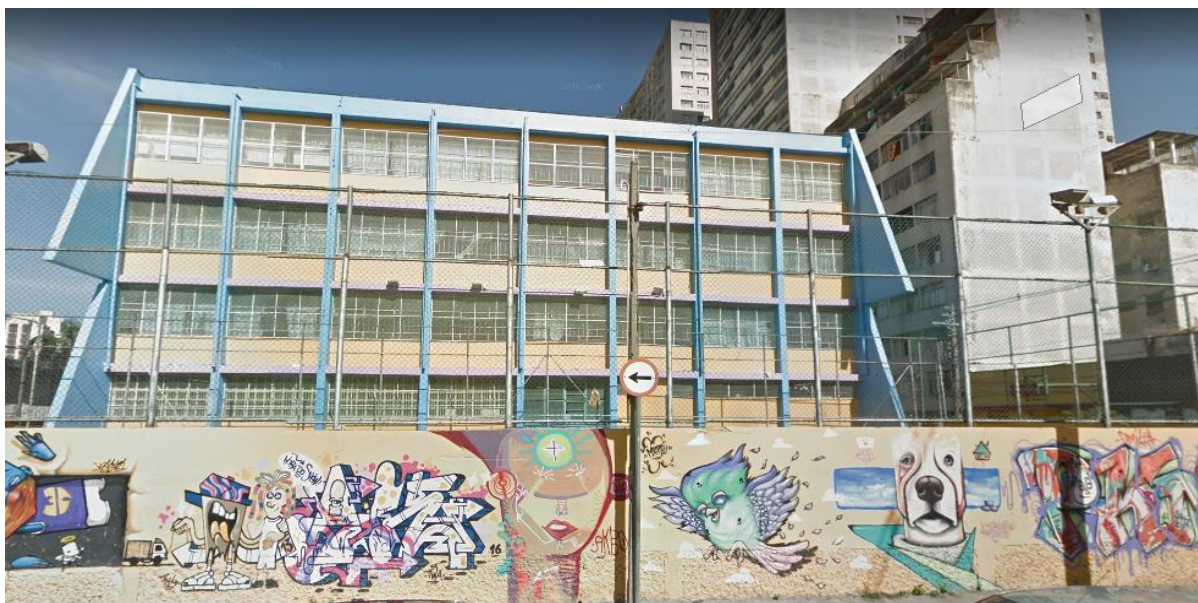
O prédio possui três andares e é cercado por muros altos e telas de metal. Em 2016, assim como várias casas da vizinhança, os muros e paredes externos foram grafitados por artistas locais, trazendo um colorido para o entorno da escola. O acesso à parte interna da escola é feito por escada e rampa, havendo duas entradas. O prédio conta com refeitório, duas quadras de esportes, 21 salas de aula, uma sala dos professores, duas salas de coordenação, uma sala de direção, uma secretaria, uma brinquedoteca, uma sala de vídeo, uma sala de recursos multifuncionais, uma sala de informática, uma sala de leitura e uma sala de livros. A circulação entre os andares é feita por escada e elevador, sendo cada andar isolado por grades. Por estar localizada ao lado de uma importante via de acesso ao centro, Rua Glicério, o barulho intenso do tráfego de veículos é constante, o que dificulta várias atividades da escola, como aulas e reuniões de professores, por exemplo.

Fotografia 1 – Emef “Duque de Caxias” (frente) – Praça Mario Margarido



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5546428,-46.6292249,3a,75y,121.77h,113.36t/data=!3m6!1e1!3m4!1s33EKanSyWq7bWuV-gVjSMw!2e0!7i13312!8i6656>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Fotografia 2 – Emef “Duque de Caxias” (fundos) – Rua do Glicério



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5549605,-46.628626,3a,75y,297.78h,109.16t/data=!3m6!1e1!3m4!1swNxmFLEININHKdW7-6AzkQ!2e0!7i13312!8i6656>. Acesso em: 21 jan. 2020.

A Emef “Duque de Caxias” recebe alunos imigrantes e refugiados. Contudo, não é possível determinar o número exato dos que estão nesta situação, pois as matrículas, transferências e desistências são constantes. Para se ter uma ideia aproximada deste número, foi realizado um levantamento entre 8 de maio e 27 de junho de 2019, no qual foram vistos 801 prontuários, que correspondem ao ensino fundamental I e II. Os resultados obtidos foram:

- a) 53 alunos são imigrantes, sendo 29 meninos e 24 meninas;
- b) nove alunos são refugiados, sendo cinco meninos e quatro meninas;
- c) 14 nacionalidades marcam presença na escola;
- d) os alunos refugiados são: quatro de Angola, dois do Haiti, um de Guiné Bissau, um da República Democrática do Congo e um da Venezuela.
- e) os alunos imigrantes são: 19 do Haiti, oito da Colômbia, sete da Bolívia, quatro do Paraguai, três de Angola, três da República Democrática do Congo, dois da Síria, dois da Guiné Bissau, um do Marrocos, um da Argentina, um do Equador, um do Peru e um da República Dominicana.

A presença de várias nacionalidades no mesmo ambiente causa impactos no cotidiano escolar, sobretudo para os professores, que estão em contato direto com os alunos estrangeiros. Os docentes acabam lidando com culturas, costumes e línguas distintas das suas, o que causa, num primeiro momento, fragilidade na comunicação e no aprendizado. Podemos perceber isto na fala do professor Mathias, que diz: “existe uma diversidade de alunos, que são de origens distintas. Contudo, a identificação da proveniência destes alunos não é fácil, pois, para identificá-los, é preciso aprofundamento [da convivência]”. Devemos levar em consideração que os professores lidam com carga horária cheia e salas lotadas, como também a transitoriedade destes alunos imigrantes, o que dificulta o conhecimento destas crianças em sala de aula. Diante desta situação, o diálogo é o primeiro de muitos passos que deverão ser dados em direção a estas crianças. Nesta linha de pensamento, comenta a professora Margareth:

[...] o menino que vem pra cá, ele é refugiado, veio com a família, tem um sofrimento emocional de deixar parte da família lá, de ter que lidar com uma nova cultura. Nós tentamos fazer esse acolhimento, mas precisamos ir muito além dessa acolhida que é feita.

Os professores entendem que seus alunos imigrantes e, principalmente, refugiados passam por sofrimentos causados pela imigração e que acabam entrando num estado de fechamento diante de estranhos, neste caso, os docentes e os colegas de sala. Há um esforço,

por parte da escola, em acolher e tecer diálogos com estes alunos, mas se reconhece que é preciso ir além das ações feitas.

Nesta linha de pensamento, Morin (2005) ressalta a necessidade de conhecer e ensinar a condição humana, que leva em consideração todas as dimensões do sujeito, que é, ao mesmo tempo, cultural, natural, físico, psíquico, mítico e imaginário. Em outras palavras, compreender o humano é saber que ele carrega dentro de si forças e fragilidades, sabedorias e contradições.

Diante desta situação, uma das ações possíveis é o cultivo do diálogo na convivência com estes alunos, como assinala a professora Margareth:

[...] nós começamos a conversar, nós quando estamos sala de aula. Nós conseguimos fazer este diálogo e saber um pouco mais. Só que não é muito rápido isso. Demora um pouco. Porque, de alguma forma, pra eles não é fácil também chegar nesse novo contexto. Até porque, geralmente tem a barreira da língua, uma das barreiras principais que acontecem.

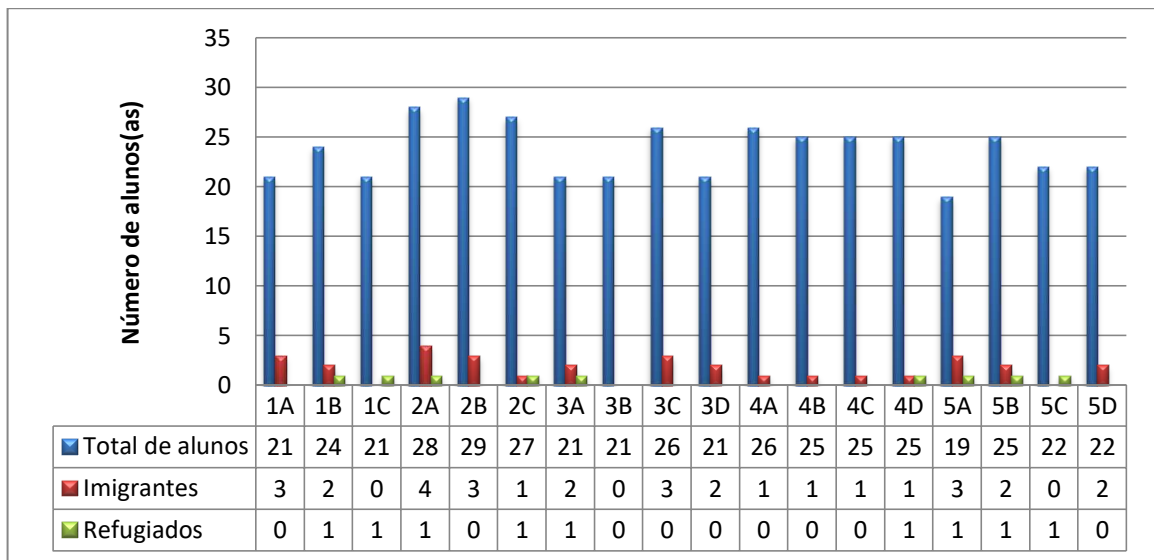
Para as crianças que estão vivendo uma situação de imigração, além do idioma, o tempo de permanência no mesmo lugar é algo problemático. Dependendo das condições ou da falta delas no país de acolhida, podem entrar novamente em movimento migratório, pois precisam acompanhar seus familiares e conhecidos. Esta situação é um desafio tanto para os alunos quanto para os professores. Quebrar as barreiras impostas pelo idioma e pela cultura leva tempo, justamente o que não se tem nestas situações de fluxo migratório.

Embora o tempo possa ser curto para se construírem relações dentro da escola, pode-se cultivar uma malha de cordialidade. Gestos cordiais, como um aperto de mão ou um “bom dia”, possuem virtude civilizadora (MORIN, 2011). Desta forma, tal postura esvazia a hostilidade do outro e suscita a benevolência. Para Morin (2011, p. 105), “cortesia e civilidade não podem ser consideradas como disposições anódinas, pois são signos de reconhecimento do outro como pessoa”. Essa cordialidade ou a falta dela pode ser encontrada pelo aluno quando chega à escola.

Quando falamos de movimento migratório na escola, um elemento que deve ser considerado, e que está relacionado ao tempo de permanência, é a presença e a distribuição de alunos nas salas de aula e na série que estão cursando. No ensino fundamental I e II, é possível perceber que os imigrantes estão presentes em quase todas as turmas, do 1º ao 9º anos, por sua vez, os refugiados concentram-se nos anos iniciais, 1º ao 5º.

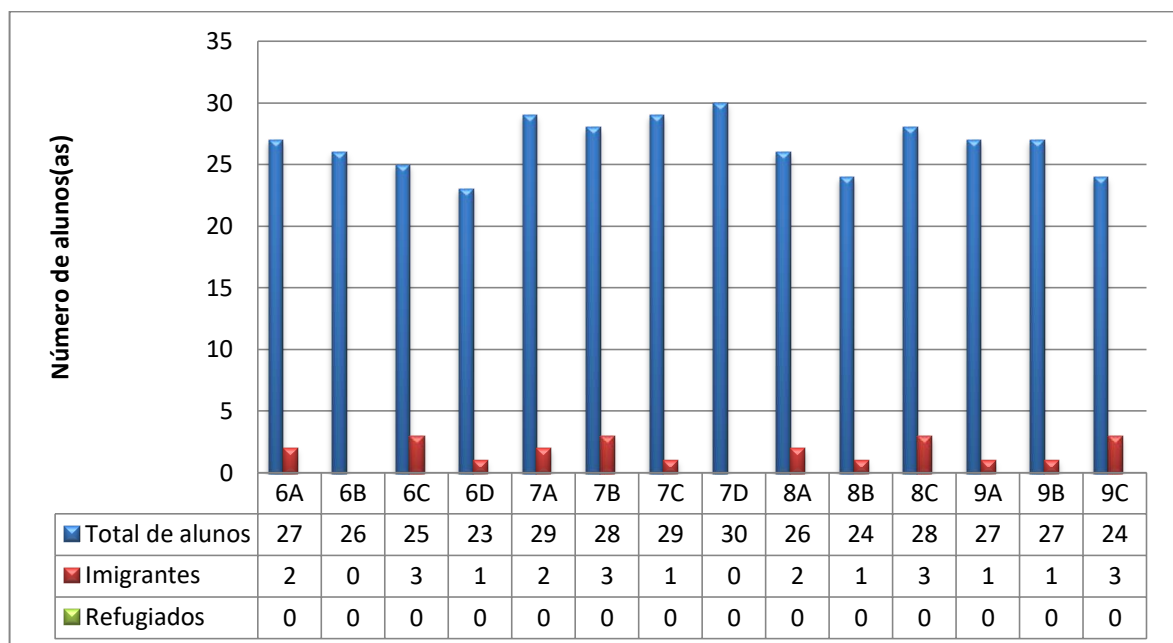
Nos gráficos a seguir é possível ver a distribuição dos alunos imigrantes e refugiados por séries.

Gráfico 8 – Alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias” no ensino fundamental I – 1º a 5º ano



Fonte: o autor, com base em dados da pesquisa.

Gráfico 9 – Alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias” no ensino fundamental II – 6º a 9º ano



Fonte: o autor, com base em dados da pesquisa.

Os gráficos ajudam a entender os movimentos dos imigrantes e refugiados, quando se observam as presenças e/ou ausências nas séries que compõem os dois segmentos. Analisando os prontuários dos alunos, foi visto que:

- a) os alunos imigrantes frequentam por mais tempo a escola em comparação com os refugiados, pois seus familiares possuem certa estabilidade (emprego e moradia) e contam com a ajuda de parentes que moram na região em que se localiza a escola;
- b) a condição de refúgio do aluno pode mudar quando o Estado brasileiro concede a ele o Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), legalizando sua situação no país. Desta forma, não é possível identificar, nos registros escolares, que o aluno um dia já foi refugiado;
- c) o aluno, imigrante ou refugiado, saiu da escola porque mudou de bairro, de cidade, de estado ou de país.
- d) o aluno entrou novamente no fluxo migratório para outros países não determinados ou retornou para seu país de origem.

O fluxo constante de alunos torna-se um desafio para a escola, para os professores e para os próprios alunos. O processo de aprendizagem dos alunos imigrantes e refugiados é comprometido pela falta de continuidade, pois chegam e saem da escola no decorrer de todo o ano letivo. Diante desta situação, a professora Margareth explica:

Difícilmente meu aluno vem do 1º ano até o 9º ano na mesma escola. Eles, às vezes, voltam pro Nordeste ou voltam pro país de origem ou não permanecem na região central, porque morar na região central é muito caro. Então, tem muitos alunos que vêm aqui, ficam aqui um ou dois anos, depois acabam indo pras periferias da cidade. Porque, apesar desta região ter algumas questões de vulnerabilidade, é uma região muito cara pra se morar. Então, às vezes é uma moradia transitória.

Diante deste quadro, o professor tem diante de si vários desafios a serem enfrentados, que vão desde explicar várias vezes o mesmo conteúdo visto em sala até aprender algumas palavras de um idioma desconhecido até então para estabelecer contato com o aluno estrangeiro. Nestas situações, o docente contará com sua criatividade e a ajuda da escola, que também está aprendendo a lidar com este cenário.

Essa situação de transitoriedade também é observada em alunos brasileiros, pois, segundo o professor Oswaldo:

[...] existe uma rotatividade porque é uma escola de passagem. Ela tem essa característica. O próprio migrante de origem nordestina não fica muito por aqui. Alguns até ficam aqui, assim, a tendência é mudar de bairro. Continua na cidade de São Paulo, mas muda de bairro. Então, ele vai pra outra escola, uma outra comunidade, numa outra realidade.

Por estar numa região de constante chegada e saída de estrangeiros, e também de brasileiros de outros estados, a escola torna-se um lugar de passagem, pois é ela que atende à

demanda local. É possível observar que os imigrantes e refugiados que chegam ali já passaram por outros estabelecimentos de ensino ou mesmo estavam sem estudar há algum tempo. A dinâmica migratória impõe ao aluno a necessidade de recomeçar várias vezes, tendo de se readaptar a algo que lhe é desconhecido. Tal conjuntura também requer do professor um olhar sobre o humano que está ali, diante dele.

Dessa maneira, a professora Solange acredita que os docentes devem:

[...] estar abertos e atentos para perceber de que maneira nós temos que tratar e agir com aquela criança, mas eu acho que com todos os alunos. Sempre em primeiro lugar o respeito e o carinho. O que não significa que nós não possamos ser firme, acolhedor, mas seguindo. E as nossas crianças, são crianças que querem aprender, que precisam de um estímulo, mas não têm um estímulo familiar. Então, isso se torna um pouco mais difícil para nós trabalharmos, mas que cabe à gente estimular e levar pra frente.

Ainda segundo Solange, trabalhar com alunos imigrantes e em situação de refúgio é algo:

[...] mais desafiador, mas rico, porque nós trabalhamos com culturas diferentes. Nós trazemos pro nosso dia a dia uma diversidade que nós trabalhamos tanto, e que, eu acho, que é tão importante pro crescimento da gente como pessoa, como ser humano. Então, os aspectos culturais, os aspectos de valores, de saber respeitar as diferentes culturas, as diferentes formas, as diferentes pessoas. Os valores como aceitação, respeito, desenvolver a solidariedade e, além, do enriquecimento pedagógico. Que você aproveita aquela criança, aquela história. Você trabalha a história em si. Geografia e tudo mais. Então, é muito trabalhoso. É complicado. Às vezes é desesperante, porque você não sabe como vai trabalhar com aquela criança que você não consegue uma comunicação, mas ao mesmo tempo é isso, é muito desafiador e enriquecedor.

A professora identifica as dificuldades e as conquistas que emergem no contato com a diversidade trazida pelos alunos imigrantes e refugiados. Nesta conjuntura, o docente está em permanente aprendizado, ora acertando ora errando, pois está lidando com pessoas muito diferentes dele, em costumes e valores. Neste sentido, Morin (2012, p. 77) argumenta:

Estamos, numa relação ambivalente, diante de um desconhecido, hesitando entre a simpatia e o medo, não sabendo se ele se mostrará amigo ou inimigo. Para pacificar a relação e ir na direção da amizade, trocamos com ele gestos de cortesia. Mas estamos prontos, em caso de hostilidade, a fugir, atacar, defendermo-nos.

Como seres marcados pelas contradições – amor *versus* ódio, tristeza *versus* alegria, hostilidade *versus* hospitalidade –, estabelecemos relações contraditórias com o outro, e ele conosco. Nesta via de mão dupla, a compreensão e a acolhida serão contrapostas pela incompreensão e pela repulsão.

Há, então, na escola, uma relação delicada de ambos os lados, particularmente o das crianças, que, embora tenham maior facilidade em se adaptar a novas realidades, enfrentarão os medos e as incertezas existentes no Brasil. Neste novo mundo, aprenderão a procurar um lugar de pertencimento, tarefa complexa para quem está distante de seu território de origem.

3.2 CAMINHOS QUE SE CRUZAM E VIDAS QUE SE ENCONTRAM

A Emef “Duque de Caxias” localiza-se no bairro do Glicério, que pertence ao distrito da Liberdade, região central da cidade de São Paulo. Esse bairro também é conhecido como Baixada do Glicério, por causa de uma rua que leva o mesmo nome, ou Várzea do Carmo, em referência à Igreja do Carmo, que fica na região. A localidade encontra-se numa área de várzea às margens do Rio Tamanduateí, palavra de origem tupi que significa “rio dos tamanduás verdadeiros”.

Vale ressaltar que a localização da escola varia conforme o órgão que a descreve. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), por exemplo, em matéria publicada em seu portal institucional (SÃO PAULO, 2019), situa a Emef no Glicério, ao passo que a Subprefeitura da Sé, em seu *site* oficial, apresenta um mapa que mostra a escola dentro do perímetro da Sé.⁷ Por sua vez, o próprio estabelecimento escolar, em seu *blog*, informa sua localização no bairro da Liberdade, mesmo que em seu endereço eletrônico conste Glicério.⁸ A presente pesquisa assumirá a informação dada pela SME-SP.

O Glicério é caracterizado por ser uma região que abriga moradores de baixa renda, sendo também um local de concentração de imigrantes e refugiados que chegam à cidade pela primeira vez, especialmente haitianos. Nas principais vias da região observa-se um acúmulo de lixo e vários moradores em situação de rua, que buscam abrigo debaixo do Viaduto do Glicério, que faz a ligação Leste-Oeste da capital paulista.

A violência é outro ponto de destaque na região. O tráfico de drogas e os pequenos furtos fazem parte do cotidiano da comunidade, como também a violência física e assassinatos. Apesar da vigilância policial, que possui uma base móvel na Rua do Glicério, o bairro é evitado por moradores de outras localidades da cidade devido a sua fama de local perigoso. Pode-se inferir que na região do Glicério há uma relação entre a vulnerabilidade social e a violência a qual se apresenta em vários ângulos: física, psicológica, sexual ou por

⁷Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/index.php?p=36876> Acesso em: 22 nov. 2019.

⁸ Disponível em: <http://duquedecaxiasglicerio.blogspot.com/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

descaso. Pode-se notar também que nesta localidade as hostilidades ocorrem tanto por meio da pobreza, como pelo abandono do Estado ou da falta de emprego entre outras formas, sendo visivelmente expressa pelo grande número de pessoas em situação de rua, ou envolvidas com o consumo de substâncias psicoativas, assim como pelas condições precárias de higiene, tanto nas ruas quanto nos cortiços e casebres que compõem e se contrapõem à paisagem do centro da capital paulista. Acrescenta-se a isto, a violência do racismo, pois a região concentra grande número de haitianos e congolezes. No Brasil, a questão racial está cada dia mais visível, algo que se apresenta como um desafio a mais na condição de refugiados.

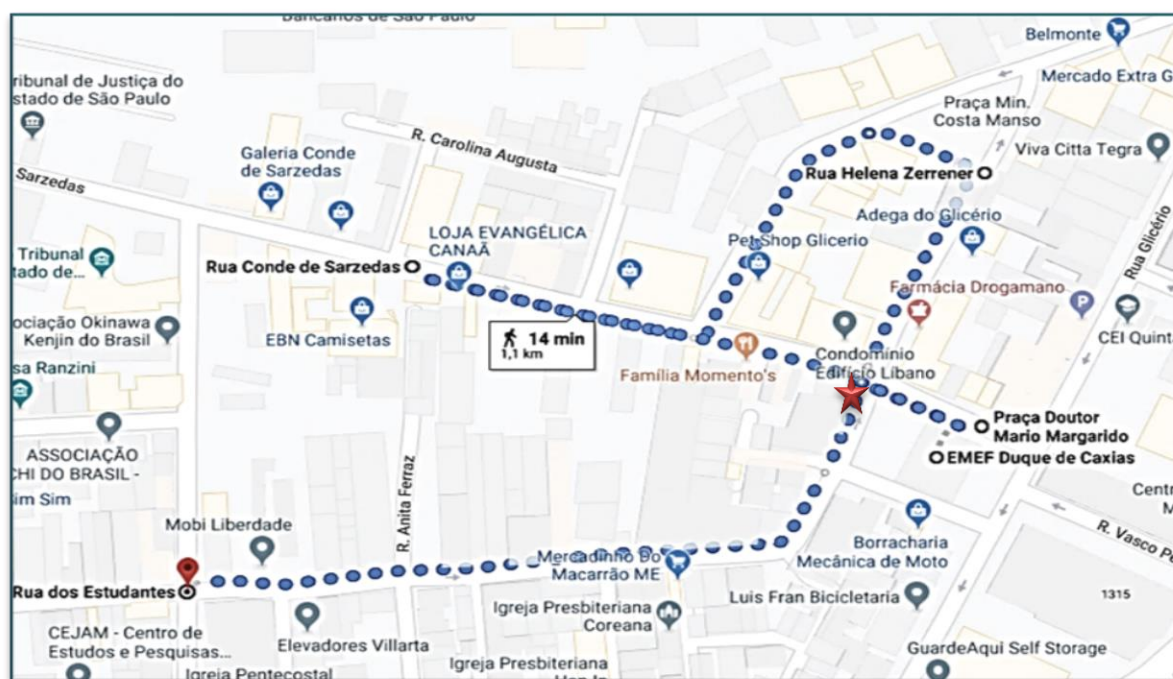
O preconceito fecha portas, gera desconfiança e impede o avanço na condição social, como se fosse proibido ter qualidade de vida. Expõe-se aqui vulnerabilidades que se retroalimentam e parecem, a princípio, não serem passíveis de superação, ao menos aos olhos de quem as vê de fora. O fracasso das políticas públicas na região acirra as contradições e a situação de abandono social.

Dizer, todavia, que a violência na Baixada do Glicério é uma característica da região seria estigmatizar milhares de pessoas que ali vivem e que se empenham em desconstruir tal ideia, por meio do movimento de moradores e comerciantes locais. O caminho para reverter à situação, no entanto, ainda parece longínquo, requerendo vontade política e esforços dos vários setores que constituem a sociedade. A nosso juízo, a análise das reais necessidades e a proposta de novas formas de enfrentamento das questões imbricadas no fenômeno da imigração são iniciativas que necessitarão ser pautadas, sobretudo pelos gestores de uma macro política, da qual a Educação se apresenta apenas como um importante componente. Este tema será novamente tratado nos próximos capítulos desta pesquisa.

O comércio local, por sua vez, é marcado pela presença de pequenos estabelecimentos, como armazéns e minimercados. Nota-se a presença do comércio feito por estrangeiros, que se aglomeram na Rua do Glicério, em uma galeria e em uma feira de rua improvisada nas calçadas, oferecendo alimentos, roupas e calçados típicos de outros países.

A religião tem destaque importante nessa região, onde merece menção a Missão Paz, que oferece atendimento a imigrantes e refugiados, e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, grade templo religioso que se destaca na paisagem local e recebe fiéis de toda a cidade.

Mapa 1 – Ruas em que se concentram os alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias”



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.554241,-46.6295858,18.39z>. Acesso em: 21 jan. 2020.

O acesso do bairro do Glicério para os bairros da Liberdade e da Sé é feito por duas vias: a Rua dos Estudantes e a Rua Conde de Sarzedas (em destaque no mapa acima). A primeira tem seu início na Praça da Liberdade, onde se localiza uma estação de metrô. A presença da colônia japonesa dá a característica da região e é vista na culinária, nas vestimentas, no idioma e no comércio. À medida que se desce a rua sentido bairro, em declive acentuado, é possível perceber a presença de outras nacionalidades: latinos (venezuelanos e colombianos), caribenhos (haitianos) e africanos (congoleses e angolanos). Há também uma mudança nas construções, que vão se tornando degradadas. A segunda rua é caracterizada pela presença de dois prédios do Tribunal de Justiça de São Paulo e um museu do mesmo órgão, como também por um forte comércio de produtos, como bíblias, roupas e acessórios, voltados ao público evangélico. Em ambas as ruas pode ser vista a construção de novos prédios de apartamentos, que vão revitalizando a região e aumentando o valor dos imóveis ao redor.

Como podemos notar, a região do Glicério é marcada por uma série de fragilidades humanas, sociais e econômicas, o que atinge diretamente a escola, inserida bem no centro desta localidade.

Em se tratando dos locais de moradia dos alunos, temos o seguinte: os que estão em situação de refúgio concentram-se nos bairros da Liberdade e Sé; os imigrantes espalham-se por outros bairros para além do centro: Sé, Liberdade, Brás, Cambuci, Mooca, Vila Monumento.

Mapa 2 – Bairros em que moram os alunos imigrantes e refugiados da Emef “Duque de Caxias”



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.54634,-46.6281285,14.07z>. Acesso em: 21 jan. 2020.

É possível perceber um movimento dos alunos do centro em direção à zona leste da cidade; os motivos são o aumento do custo de vida no centro, como, por exemplo, os preços dos aluguéis, e a oportunidade de emprego no setor têxtil, que se concentra nos bairros da zona leste.

A moradia é um dos principais desafios para os que chegam à cidade. Alguns conseguem pagar o aluguel e outros necessitam da ajuda do Estado ou de ONGs. Em uma verificação dos prontuários dos alunos da Emef “Duque de Caxias”, foi possível perceber algumas peculiaridades em relação aos endereços:

- a) declarações de residência feitas a mão, sem numeração postal e emitidas pelo locador do imóvel;
- b) comprovantes de conta de água e luz com valor de consumo muito acima do normal e compartilhada por vários alunos sem nenhum parentesco ou vínculo. Tal fato pode indicar que viviam no mesmo endereço, um sinal de moradia encortiçada, no qual cada família aluga um único quarto na residência;

- c) endereços de abrigos provisórios assinados por uma assistente social;
- d) endereços não existentes ou errados.

Diante desta situação, e dependendo da residência, o aluno prefere ficar mais tempo na escola, pois existem casos em que nem a moradia existe, como relata a professora Margareth ao partilhar uma situação que aconteceu com um de seus alunos.

Eu tinha um aluno meu, venezuelano, que residia aí na Igreja da Paz, e que ele durante o dia ele ficava meio que perambulando pelo centro porque ele não tinha um lugar para ser acolhido. E como lá é um lugar de dormitório, pra dormir, e não é culpa da igreja, porque a igreja tá fazendo o máximo que ela pode.

A preocupação do docente, com esse aluno e com outros que enfrentam a mesma situação, tem por base o contexto da região em que vivem. Essas crianças, que não tem para onde ir após o horário escolar, estão à mercê de uma série de situações que as colocam em risco, como a violência, por exemplo. A ajuda dada tanto pela igreja quanto pela escola é limitada nestas situações e o máximo que pode ser feito é encaminhar para os órgãos de proteção à criança, como é o caso do conselho tutelar.

As vidas e caminhos que se cruzam na Emef “Duque de Caxias” e seus arredores são fruto de um processo histórico e social. Uma realidade marcada por fragilidades e limitações para os de dentro e os de fora, neste caso, os imigrantes e refugiados. Neste cenário, a moradia, o emprego e a falta de segurança vão caracterizando a região, que é esquecida pelo Estado.

3.3 O FLUXO MIGRATÓRIO: TEMPOS E ESPAÇOS

O estudo do fenômeno migratório necessita de um recorte de tempo e de espaço para observação, pois cada deslocamento está sujeito a variáveis, como guerras, perseguições religiosas e políticas e desastres naturais, que não têm data nem local para acontecer.

Considerando tais aspectos, a história do Brasil, desde o período colonial, narra “a chegada de povos estrangeiros a estas terras, como europeus e africanos, que aqui encontraram inúmeros povos indígenas, que se consideravam estranhos e estrangeiros entre si...” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 12). Em sua música *Chegança* (1997), o músico e compositor pernambucano Antônio Nóbrega assim retrata estes primeiros encontros:

Sou pataxó, sou xavante e cariri,

Ianonami, sou tupi
 Guarani, sou carajá.
 Sou pancaruru, carijó, tupinajé,
 Potiguar, sou caeté, ful-ni-ô, tupinambá.
 Depois que os mares dividiram os continentes
 Quis ver terras diferentes.
 Eu pensei: “vou procurar
 Um mundo novo,
 Lá depois do horizonte,
 Levo a rede balançante
 Pra no sol me espreguiçar”.
 Eu atraquei
 Num porto muito seguro,
 Céu azul, paz e ar puro...
 Botei as pernas pro ar.
 Logo sonhei
 Que estava no paraíso,
 Onde nem era preciso
 Dormir para se sonhar.
 Mas de repente
 Me acordei com a surpresa:
 Uma esquadra portuguesa
 Veio na praia atracar.
 Da grande-nau,
 Um branco de barba escura,
 Vestindo uma armadura
 Me apontou pra me pegar.
 E assustado
 Dei um pulo lá da rede,
 Pressenti a fome, a sede,
 Eu pensei: “vou me acabar”.
 Me levantei de borduna já na mão.
 Aí senti no coração,
 O Brasil vai começar. (CHEGANÇA, 1997)

O encontro entre povos tão distintos tende a provocar as mais diferentes emoções, sendo uma delas o medo. É justamente este sentimento que está na base da xenofobia, do grego *xênos* (estranho) e *phobos* (medo). O medo pode apresentar-se de maneiras diversas, desde impedir uma simples aproximação ou uma conversa casual até levar a agressões físicas e, em casos extremos, a morte.

Para Albuquerque Júnior (2016), o medo provocado no encontro com o estranho tem como motivação a perda da identidade, seja ela individual ou coletiva. Há, também, por trás disso uma insegurança do próprio indivíduo, que, ao se deparar com o outro diferente, sente-se ameaçado de ser privado de seus bens e de seu território.

Para que isso não aconteça, é necessário formular algumas regras para os estranhos, que também podem ser vistos como os “não convidados”. Sobre isto, Harari (2018) argumenta que para o estrangeiro ser aceito no país que o recebe são necessárias três ações: 1)

ter a permissão de entrar no país, 2) adotar a cultura local e abandonar a sua própria e 3) ser assimilado pela cultura do país que o recebeu, chegando ao ponto de não ser mais confundido com um estrangeiro.

A princípio, as regras parecem mínimas e razoáveis, mas implicam diretamente a anulação total daquilo que faz do estrangeiro, estrangeiro. Este medo desencadeia uma série de outros sentimentos, que excluem e marginalizam os indivíduos. A visão do outro como um eterno estranho marcará a história humana e ditará pensamentos e ações em várias partes do planeta.

O estrangeiro teve papel fundamental na formação do povo brasileiro. As grandes ondas migratórias no país tiveram início no século XIX e se estendem até hoje. Um olhar para a História mostra alguns acontecimentos relevantes que foram fundamentais para compreender a imigração.

Em meados do século XIX, o Brasil vivenciou o movimento abolicionista que culminou com a libertação dos africanos escravizados, em 1888. Este acontecimento provocou impactos imediatos no setor agrícola, sobretudo entre os produtores de café do Estado de São Paulo. A vacância no trabalho cafeeiro atraiu uma massa imigrante da Europa, que já vinha sofrendo com as mudanças econômicas e sociais no Velho Continente. Famílias inteiras desembarcaram no Porto de Santos para tentar a sorte na nova terra, funcionando como mão de obra de baixo custo, em substituição à mão de obra escrava.

Na virada do século XIX para o XX, ocorreu um movimento de imigração para a capital paulista. Os registros do Arquivo Público do Estado de São Paulo assim caracterizam o período:

No final do século XIX, a imigração é fomentada pela necessidade de mão de obra para a produção cafeeira e pela política de subsídios do governo paulista. Em 1902, a Itália estabelece o Decreto Prinetti, que proíbe a imigração subsidiada para o Brasil, refletindo em forte queda na entrada de imigrantes. Após breve recuperação, a imigração europeia sofre nova queda, provocada pela I Guerra Mundial. Com o fim do conflito a lavoura recupera-se, levando a novo surto migratório. Em 1927, encerram-se os subsídios para a vinda de novos imigrantes. Em 1930, com a crise provocada pela superprodução do café, o governo brasileiro impõe restrições à imigração, que só voltaria a crescer após a II Guerra Mundial, com o desenvolvimento da indústria. Sai de cena o colono, entra o operário. Italianos, portugueses e espanhóis são os primeiros a migrar em massa para o Brasil no final do século XIX. No início do século XX, os italianos chegam a compor mais da metade dos estrangeiros da capital. Em menor número, chegam os japoneses, austríacos e alemães. Na década de 1920, a imigração diversifica-se: são registradas entradas de romenos, lituanos, sírios, iugoslavos, polacos, entre outros. A vida dos recém-chegados não é fácil. O acesso à terra é difícil, e o sonho de “fazer a América” parece distante. Apesar da

quantificação irregular, são significativas as taxas de emigração. (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2009)

Como se pode perceber, a história da imigração brasileira nos séculos XIX e XX não pode ser resumida à agricultura e ao desenvolvimento industrial. Embora eles tenham sido fatores impactantes no modo de vida da sociedade, outros elementos devem ser levados em consideração, como, por exemplo, as transformações locais provocadas pela cultura dos povos estrangeiros (idioma, culinária, religião etc.), que os identifica e caracteriza. No processo migratório, ao longo dos anos, foram sendo construídas novas identidades que nasciam do contato e da convivência entre os diferentes grupos étnicos que habitavam a mesma região.

A diversidade étnica torna-se o novo rosto de São Paulo. Uma obra de arte que representa bem o período histórico da imigração na cidade é a pintura *Operários*, de Tarsila do Amaral (1933). Ela representa o surgimento da classe operária, com a multidiversidade racial e cultural presente na capital paulista na época em que a indústria estava se desenvolvendo, ao retratar os trabalhadores que imigravam para São Paulo em busca de emprego, fragilizados pela exploração e sem acesso a leis que pudessem defendê-los.

Fotografia 3 – Pintura *Operários*



Fonte: AMARAL (1933).

Fuks (2018) descreve assim o quadro:

Tarsila imortaliza em seu quadro as feições dos trabalhadores das fábricas. Chama a atenção o fato das faces serem bastante distintas: existem trabalhadores de todas as cores e raças representados lado a lado. É de se sublinhar que, apesar das diferenças, todos carregam no semblante feições extremamente cansadas e desesperançadas. São cinquenta e um rostos, muitos deles sobrepostos, todos sem o corpo registrado. Essa mistura de trabalhadores exibidos em sequência aponta para a massificação do trabalho. Os operários olham todos na mesma direção, – para frente – e não estabelecem qualquer contato visual uns com os outros. A disposição dos trabalhadores, em um formato crescente, de pirâmide, permite que se veja a paisagem ao fundo: uma série de chaminés cinzentas de fábricas. Alguns dos rostos são conhecidos do grande público, como, por exemplo, o arquiteto Gregori Warchavchik e a cantora Elsie Houston, outros são conhecidos apenas pela pintora, caso de Benedito Sampaio, o administrador da fazenda da família.

Mesmo depois de várias décadas, esta obra continua sendo um retrato fiel da realidade paulistana. O lugar tornou-se ponto de confluência das mais variadas nacionalidades que desejam recomeçar a vida. É preciso assinalar que na primeira metade do século XX também aconteceu o deslocamento em massa da população nordestina para o Sudeste, devido aos períodos de seca prolongada e à falta de oportunidades de emprego.

Os grandes fluxos migratórios, como se percebe hoje, tiveram seu marco inicial no século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No ano de 1951 foi elaborado pela ONU o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, que entrou em vigor em 1954. No “Preâmbulo” do referido documento, lê-se o seguinte:

As Altas Partes Contratantes, *Considerando* que a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos do Homem aprovada em 10 de Dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, afirmaram o princípio de que todos os seres humanos, sem distinção alguma, devem gozar dos direitos e liberdades fundamentais, *Considerando* que a Organização das Nações Unidas manifestou em diversas ocasiões o seu profundo interesse pelos apátridas e se tem esforçado por lhes assegurar o exercício mais amplo possível dos direitos e liberdades fundamentais, *Considerando* que a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 28 de Julho de 1951 só é aplicável aos apátridas que também são refugiados, não abrangendo, assim, muitos deles, *Considerando* que é desejável regularizar e melhorar a condição dos apátridas através de um acordo internacional [...] (BRASIL, 1960).

As atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial e suas consequências foram sentidas em todo o mundo. A imigração forçada revelou uma faceta de dor, sofrimento e rupturas. Por causa disto, foi preciso formular princípios que garantissem e respeitassem o direito à vida, à dignidade e à liberdade. O Brasil assumiu o Estatuto dos Refugiados de 1951

em seu território e em 1997, com a Lei nº 9.474 (BRASIL, 1997), definiu mecanismos para a sua implementação. Já no ano de 2017, com a nova Lei da Migração, Lei nº 13.455 (BRASIL, 2017), o país passou a reconhecer o movimento migratório como direito humano.

O Brasil começou a receber as grandes ondas migratórias de refugiados com a chegada dos haitianos, no início da segunda década do século XXI. Vale lembrar que o Haiti sofreu dois desastres naturais no período: o primeiro em 2010, com terremoto de 7 pontos na escala Richter, e o segundo em 2016, com o Furacão Matthew. Nos anos que se seguiram, observou-se a chegada dos sírios, congoleses e venezuelanos, tendo como elemento motivador de imigração guerras, conflitos armados e perseguições políticas, nesta ordem.

Na última década (2010-2019), o país entrou na rota internacional da imigração e do refúgio. As situações geradoras de movimento forçado, já existentes no Oriente Médio e na África, agora se fazem presentes na América Latina. Povos vindos da Venezuela e Colômbia, por exemplo, procuram abrigo em território brasileiro e a cada dia o número de pessoas que buscam proteção aumenta, demandando a revisão das políticas públicas e a alteração do discurso sobre acolhida dessa população.

Ao depararem com essa nova realidade, os brasileiros se apercebem da inexistência de estrutura física e política para receber e absorver tantas pessoas. O medo e a incerteza passaram a reger as ações, a exemplo do que aconteceu na cidade de Paracaima, no Estado de Roraima, localizada próxima à fronteira com a Venezuela. Em agosto de 2018, os moradores expulsaram, a “paus e pedras”, os refugiados que estavam acampados pelas ruas e praças. Atearam fogo nos abrigos improvisados e a barbárie tornou-se realidade.

Em 2019, o Brasil deixou o Pacto de Migração da ONU, alegando que cada país deve ter autonomia para lidar com esta questão. Por não ser mais partícipe deste pacto, o país está sujeito a ver seus próprios cidadãos que se encontram em situação de refúgio ou imigração ilegal em outros países serem vítimas de atos que possam tirar-lhes a liberdade e a própria vida.

Dentro do fluxo migratório, o Brasil é considerado um destino possível, todavia não ideal para se buscar refúgio, sendo Estados Unidos e Canadá os países desejáveis como destino final. Quando se diz “possível”, significa dizer que, para os imigrantes, ainda é possível em território brasileiro ter direito ao menos à documentação e acesso à educação, à saúde e à ajuda do Estado.

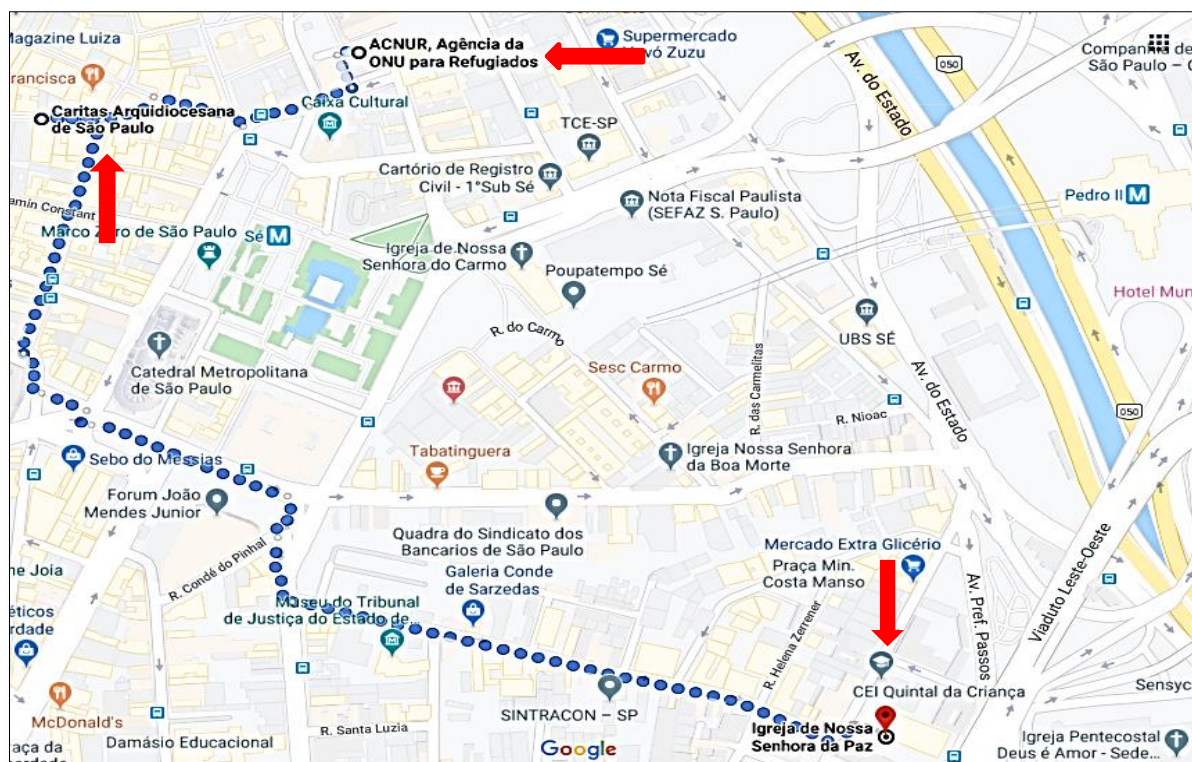
Uma primeira preocupação é a documentação, pois é o que viabiliza o livre trânsito pelo país e o acesso aos serviços públicos básicos. Dentre os documentos que podem ser solicitados junto ao Governo Federal, temos: o RNE, a Carteira de Trabalho e Previdência

Social (CTPS) e o Cadastro de Pessoa Física (CPF). No caso do solicitante de refúgio, é emitido um Protocolo Provisório⁹, que deve ser renovado a cada 12 meses, até que o Conare analise sua situação. Com este documento é possível solicitar os demais.

Para a professora Iolanda, além dos documentos principais, por falta de informação os imigrantes não conseguem tirar a carteira de vacinação, elemento exigido no ato da matrícula escolar de crianças e adolescentes. Uma realidade que se deve ter em conta é que imigrantes deixam seus países sem qualquer tipo de identificação. Nesta mesma linha de pensamento, a professora Margareth percebe que existem dificuldades para providenciar novos documentos devido aos custos altos, à burocracia e ao longo tempo de espera.

Existem instituições e ONGs que auxiliam na retirada da referida documentação, informando e esclarecendo quais são os procedimentos necessários. No centro da capital paulista estão localizadas algumas delas, com destaque para: Missão Paz, Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e Acnur.

Mapa 3 – ONGs que trabalham em prol dos imigrantes e refugiados



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-23.5518402,-46.6338471,17.01z>. Acesso em: 21 jan. 2020.

⁹ Ver Anexo A.

As instituições, que se localizam nas proximidades da Emef “Duque de Caxias”, exercem um papel importante nas etapas de acolhida e adaptação dos imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo. Elas oferecem cursos de idiomas, orientação para trabalho e educação, apoio psicológico e de assistência social. Uma vez conseguidos os documentos, como veremos a seguir, o próximo desafio é conseguir emprego e moradia.

3.3.1 Trabalho: direito de todos?

O trabalho é elemento essencial para a sobrevivência das pessoas que se encontram no processo migratório. Além de enfrentarem altos índices de desemprego, devem lidar também com a exploração, a desconfiança e a desvalorização de suas capacidades. A Lei nº 13.445 (BRASIL, 2017), conhecida como Lei da Migração, garante aos imigrantes e refugiados o direito ao trabalho. Em seu primeiro capítulo, seção II, artigo 3º, inciso XI, temos: “acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social” (BRASIL, 2017). Os solicitantes de refúgio e os refugiados têm o direito de obter a carteira de trabalho e a previdência social, com acesso legal ao trabalho.

Almeida e Fonseca (2019, p. 124) indicam que:

Recentemente o Acnur realizou uma pesquisa, por meio de oito universidades brasileiras conveniadas à cátedra Sérgio Vieira de Mello, para identificar o perfil socioeconômico das pessoas refugiadas no Brasil, com vistas a entender como vivem, levantando informações sobre suas características demográficas, seu nível de inserção social, acesso ao trabalho, renda familiar e suas potencialidades. Foram feitas cerca de 500 entrevistas, em 14 cidades brasileiras, de oito estados. Os dados que emergem dessa pesquisa, que constituem o perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil, apontam um enorme potencial produtivo dessa população, mas também mapeiam os desafios atuais. Ao final, indica um cenário em que o processo de inserção social econômica do Brasil está em marcha, mas ainda são necessários esforços do setor privado, das diferentes instâncias civil organizada para enfrentar os obstáculos presentes.

Almeida e Fonseca (2019) verificaram que a população refugiada tem formação escolar e universitária maior que a brasileira: 34,5% dos refugiados que chegam ao Brasil possuem formação de nível superior, enquanto entre os brasileiros esse percentual fica nos 18%.¹⁰ Outro elemento detectado é que a barreira da língua vai sendo ultrapassada em questão de meses, por meio do convívio e necessidade. Embora possuam bom nível de formação, o

¹⁰ Para dados complementares sobre o tema, ver: ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (2019).

mercado brasileiro não oferece emprego devido às altas taxas de desemprego: segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹¹, no terceiro trimestre de 2019 o Brasil possuía 11,2% de desempregados.

A validação do diploma de outro país apresenta-se como mais um desafio: ele não é reconhecido de imediato e necessita ser submetido a um longo processo que pode demorar meses e até anos, sem garantia de revalidação. Os que conseguem trabalho, por meio de programas sociais ou ONGs, acabam aceitando algo que está abaixo de sua capacidade e que não exige formação específica, sobretudo, funções de limpeza e serviços gerais.

Os imigrantes e refugiados têm presença marcante em bairros conhecidos pelo comércio de tecidos e roupas, como Brás, Cambuci e Mooca, que formam a “rota da costura”. As condições de trabalho são precárias, chegando ao ponto de serem consideradas análogas à escravidão. O Ministério da Economia divulgou uma nota em relação a este tipo de trabalho.

Quase 70,8 milhões de pessoas em todo o mundo fogem hoje de guerras e perseguições, segundo a Acnur, a agência da ONU para refugiados. Neste 20 de junho, Dia do Refugiado, a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia informa que a Inspeção do Trabalho resgatou 723 trabalhadores estrangeiros submetidos a condições análogas às de escravo desde 2010. O resgate de mais da metade ocorreu no estado de São Paulo, seguido de Minas Gerais. Foram 96 estabelecimentos flagrados. (BRASIL, 2019)

Apesar dos esforços do governo e de entidades que lutam contra o trabalho escravo, a situação é de difícil resolução, pois o fluxo de pessoas nestas regiões é contínuo, havendo constantemente alguém que explora e alguém que é explorado.

Em 2019, a Acnur, em parceria com o Pacto Global, lançou uma plataforma digital para divulgar empresas e instituições que respeitam os direitos trabalhistas e contratam refugiados¹². Contudo, uma das principais reclamações dos habitantes locais é justamente sobre a oferta de emprego para imigrantes, pois a preferência, na opinião deles, deveria ser dos brasileiros. Por este argumento se quer dizer que são os estrangeiros que estão “roubando o trabalho”, algo que, ainda na concepção deles, não deveria ser assim.

Albuquerque Júnior (2016) argumenta que a xenofobia faz com que pensemos que existem vidas que valem mais e vidas que valem menos. Vidas que são humanas e vidas que são inumanas, que estão à beira do abismo e não valem a pena serem salvas. Para Morin (2005), diante desta situação é necessário um exercício constante de compreensão para com

¹¹ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=desemprego+2019>. Acesso em: 9 jan. 2020.

¹² Disponível em: www.empresascomrefugiados.com.br. Acesso em: 13 dez. 2019.

o outro, pois, caso contrário, estaremos em batalhas constantes pelo próprio direito de viver.

Diz ele:

A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas. (MORIN, 2005, p. 100)

O trabalho não é apenas um sustento para o indivíduo; é também fonte de dignidade. Dá sentido a vida e permite sonhar com futuros possíveis. É no trabalho que podemos expressar talento, dedicação e paixão. O apelo de Morin pela compreensão só tem sentido quando tratamos o outro como ser humano, mesmo em tempos que tendemos a julgar antes de conhecer, pois, segundo este entendimento, cada vida possui valor único e não pode ser comparada a outra.

3.3.2 Moradia: uma situação de degradação

A região central e a zona leste de São Paulo são os lugares que os imigrantes e refugiados escolheram para procurar e fixar moradia. Nelas, o trabalho, a educação, a saúde e o transporte são mais acessíveis do que nas periferias ou em outras cidades da zona metropolitana da capital paulista.

Segundo reportagem da *Folha de S. Paulo* (MANTOVANI, 2019), a Cáritas, em parceria com a Acnur, publicou relatório sobre quem são e onde moram os refugiados na cidade de São Paulo. Das 5.643 pessoas atendidas pela Cáritas em 2018, 64% eram homens e 36% eram mulheres, sendo que metade tinha entre 18 e 35 anos. Provenientes de 84 nacionalidades, havia 20% angolanos, 19,8% venezuelanos, 13,6% congolese, 10,7% sírios e 34,9% de outros países. Em se tratando de local de moradia 90,2% vivia na cidade de São Paulo e 9,8%, na região metropolitana; dos instalados na cidade, 55% estavam na zona leste, 26% no centro, 9,5% na zona sul, 6,5% na zona norte e 3% na zona oeste. Em relação aos bairros, os refugiados estavam distribuídos da seguinte maneira:

- venezuelanos: São Mateus, Sé, Raposo Tavares, República e Pari;
- angolanos: República, Itaquera, Sé, Pari e Santana;
- congolese: Artur Alvim, Itaquera, Sé, Sapopemba e José Bonifácio;
- sírios: Brás, Belém, Pari, Sé e Mooca.

As informações acima confirmam os dados elaborados a partir dos prontuários dos alunos da Emef “Duque de Caxias”, indicando a presença constante dos imigrantes e refugiados no centro e na zona leste da cidade.

Esta escola também foi palco de uma pesquisa de doutorado em Arquitetura e Urbanismo (KOHARA, 2009), que estudou as condições de moradia e o rendimento escolar dos alunos. Em amplo levantamento, constatou a precariedade das habitações no entorno da escola, o descaso do governo e a violência que marcam a região. Neste contexto, a escola é o lugar que se contrapõe a esta realidade, proporcionando aos alunos outra visão de mundo, capaz de produzir ideias e pensamentos que transcendam aquele contexto. O autor assevera que os bairros do centro da capital paulista tinham na época uma das maiores concentrações de cortiços do município. Dentre elas, a região chamada Baixada do Glicério ou Várzea do Carmo, local em que está a escola. Por se encontrar em uma depressão, as moradias, o comércio e a escola estão sujeitos a enchentes devido ao aumento do nível das águas do Rio Tamanduateí, o que acarreta uma série de problemas, como doenças, perda dos móveis e fechamento dos estabelecimentos da região.

Decorridos mais de dez anos desde a pesquisa de Kohara (2009), as condições descritas não apresentaram grandes mudanças. Os cortiços ainda se fazem presentes em torno da escola e os alagamentos persistem. Os profissionais entrevistados reconhecem a situação da região e entendem o que acontece com seus alunos e familiares.

Sampaio (2007) afirma que o cortiço é fruto da desigualdade social que existe no Brasil, sobretudo nas grandes metrópoles como São Paulo. É no centro da cidade que se pode encontrar um aglomerado de habitações irregulares e encortiçadas. Em uma retrospectiva histórica, ele aponta que no final do século XIX houve crescimento da população, que passou de 23.244 habitantes em 1872 para 130 mil habitantes em 1895. Por este motivo, a demanda por moradia cresceu e as opções diminuíram. Viu-se, então, o aumento do número de moradias precárias, alugadas por proprietários que viram nesta demanda uma oportunidade de lucro fácil. Os moradores eram de várias nacionalidades e tinham vindo para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Naquele período havia forte presença de europeus, dentre os quais portugueses, italianos, espanhóis e alemães. Na primeira década do século XX a população paulistana presenciou novo aumento populacional. Em 1910, contabilizou-se o número de 375 mil habitantes.

Sampaio (2007) afirma que o processo de “periferização” do centro da cidade teve início com o avanço da industrialização, que acabou criando diversos núcleos populacionais. A elite da cidade, que outrora habitava o centro, abandonou seus casarões e passou a morar

em outros bairros, para escapar das epidemias e insalubridade das áreas de cortiço que agora se espalhavam pela região central, onde grupos de indivíduos lucravam com a necessidade dos mais pobres. A vulnerabilidade encontra-se com a necessidade, fazendo com que os que lá habitam não possam levantar a voz para pedir justiça e dignidade. O problema tende a aumentar quando se trata de estrangeiros que não sabem a língua e não entendem as leis locais. São duplamente vitimados por esta situação e o que lhes resta é aceitar a situação.

Para o professor Mathias, o perfil das escolas do centro da cidade de São Paulo é marcado “pela heterogeneidade e pela diversidade”. Ele percebe “uma variação de diversidade bastante grande desde aqueles que vivem em abrigos. Aqueles que vivem em moradias conjugadas, tipo pensões, alojamentos, essa coisa toda, apartamentos, apartamentos antigos. Enfim, as mais diversas possíveis”.

As condições precárias das habitações em que vivem os imigrantes e refugiados, dentre eles vários alunos da Emef “Duque de Caxias”, reforçam o sentimento de fragilidade e vulnerabilidade. Neste sentido, Albuquerque Júnior (2016, p. 48) comenta:

O estrangeiro seria, assim, um ser humano já fragilizado por se ver em território estranho, por se ver fora de seu território, aquele que era como se fosse não só a sua casa, pois lugar de habitação e morada, mas como se fosse sua pele, seu corpo, pois o lugar que o viu nascer e ganhar corporeidade. A xenofobia é um sentimento cruel, entre outras coisas, por incidir sobre um ser humano já em estado de fragilidade, já em situação de estranhamento e precariedade territorial.

A fragilidade decorre de tudo aquilo a que foi submetido aquele imigrante. No momento em que deu o primeiro passo para sair de seu país, teve início uma jornada incerta e repleta de desafios. Ele passa a ser percebido como um ser de segunda classe; sua identidade é questionada e posta à prova, pois ele não pertence mais a nenhum lugar, nem onde está nem onde esteve.

Segundo Margareth:

[...] quando eles vêm morar aqui no Brasil, por exemplo, muitos deles vão morar nas moradias provisórias, que são os cortiços no entorno, são moradias que não têm saneamento básico, são moradias que não têm um espaço restrito que a pessoa pode ter sua intimidade preservada. Então, tudo isto acaba, de alguma forma, não garantindo os direitos da pessoa enquanto ser humano. De ter oportunidade de crescer, de estudar. Então, tudo isso acaba – e a gente percebe isto –, eles ficam aqui por um tempo só de modo geral. Alguns permanecem, mas geralmente aqui é um momento transitório.

O local da moradia está diretamente relacionado ao lugar onde se consegue trabalho. Famílias e grupos locomovem-se pela cidade à procura de um lugar que possam pagar,

mesmo que em cada mudança seja necessário começar tudo novamente: nova escola, novo emprego, novos vizinhos, nova realidade.

3.3.3 Violência: o medo que sempre espreita

A violência é um dos principais problemas para os que habitam o centro da cidade de São Paulo. Todos os anos, o Governo do Estado disponibiliza dados sobre as ocorrências e a atuação da polícia. Segundo as informações do *site*¹³, na região Sé, onde a Emef “Duque de Caxias” se encontra, acontece uma série de práticas violentas: roubos, furtos, lesão corporal, estupros e homicídios.

Segundo a professora Solange (2019), “temos uma comunidade difícil, porque a escola fica num local complicado. A gente tem muita violência. Eles vivem em situação de risco, mas são meus alunos e são crianças”. Sendo o grupo mais frágil entre os refugiados, as crianças sofrem com as mais variadas formas de violência, não necessariamente físicas. Por trás de cada um desses infantes existem histórias de deslocamento forçado ou mesmo por necessidade de suas famílias em buscar um lugar com melhores condições para viver. A experiência de deixar seu território de origem e ir para outro país, com língua e costumes diferentes, causam traumas que podem se estender por toda a vida.

A primeira situação de violência aos quais as crianças refugiadas são expostas se apresenta na falta de documentação, quando eles não podem comprovar seus nomes e origem, tornando-se seres sem identidade, a mercê da boa vontade do país que as recebem no ato de reconhecê-las como pessoas. O segundo ato violento acontece nas moradias precárias e insalubres nas quais se amontoam várias pessoas e onde a privacidade e o silêncio são quase que inexistentes. Há também o caso das crianças que não possuem moradia, que vivem em instituições de acolhimento ou mesmo se encontram em situação de rua. É na rua que as vulnerabilidades se ampliam, pois podem se tornar presa fácil do tráfico de drogas, da exploração sexual ou mesmo da exploração do trabalho. Nesse contexto, a escola se apresenta como contraponto, um lugar que pode oferecer segurança e servir como referência. Nela as crianças encontram abrigo, alimento, afeto, visibilidade e atenção. Lidar com este contexto, revela-se como um grande e complexo desafio para a escola.

¹³ Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/pesquisa.aspx>. Acesso em: 2 jan. 2020

Para Margareth, “os alunos da escola, devido à violência, acabam sendo encaminhados para redes de proteção” como o conselho tutelar e varas da infância e juventude, por exemplo. Continua ela:

[...] dependendo do horário que você vai do outro lado da igreja, você percebe que tem um monte deles sentados ali, de forma aleatória. E de alguma forma, como a gente tá numa região que tem questões de vulnerabilidades sociais muito fortes, acaba sendo um alvo muito fácil para questões que não são muito adequadas ao contexto social, né? Se você pensar. Até a questão da criminalidade mesmo. É uma coisa que eles ficam muito à mercê, porque, já que eles estão ali, são de modo geral.

Ser forçado a sair de sua própria casa, de seu próprio país, faz com que o imigrante perca parte de sua identidade. O lugar que outrora ficou para trás. Agora deverá recomeçar sua vida em um novo lugar, sob olhares desconfiados e assustados. Neste meio, os medos parecem convergir no encontro com os diferentes, no qual a cautela vem em primeiro lugar.

O professor Oswaldo concorda com a reflexão, ao dizer que:

[...] é um bairro de muita vulnerabilidade, de muita carência econômica e financeira, mas pertíssimo do centro. Então, isso atrai o aluno imigrante. Atrai também o migrante, seja do Mato Grosso, do Nordeste, de Goiás. Eles acabam morando aqui por perto. É uma situação de risco. É uma situação de muita vulnerabilidade...

A vulnerabilidade provoca violência e a violência provoca vulnerabilidade. Nesta relação quase que simbiótica, a população local não consegue ver uma saída, tornando-se vítima constante desta situação de barbárie.

É preciso notar, contudo, que, apesar desta situação, os educadores continuam resistindo e seguindo o caminho. Morin (2011, p. 200) percebe este aspecto, ao dizer: “A resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é de não ser cruel e não ser bárbaro, A ética remete-se para a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia”.

Como foi possível perceber ao longo deste capítulo, a realidade em que está inserida a Emef “Duque de Caxias” apresenta múltiplos desafios que vão além da competência da escola. No encontro das fragilidades nasce o desejo de propor caminhos que possam alcançar estas crianças cujas vidas foram fragmentadas. Assim como os cegos tinham suas próprias ideias sobre o elefante, será necessário fazer um exercício de escuta atenta das muitas vozes que falam sobre o refúgio e a imigração, tentando aglutinar pontos em comum e, assim, tecer diálogos entre pessoas tão diferentes. Será preciso também uma reforma do pensamento diante de tão complexo contexto.



**“Nacionalidades e fronteiras são barreiras à nossa inteligência,
à nossa imaginação e a toda sorte de possibilidades.”
(Ai Weiwei)**

4 A JORNADA E SEUS DESAFIOS

Eu sempre sonho com monstros e um abismo negro. Mas o melhor sonho de todos foi um em que sou um super-herói. Que está ajudando o mundo. Não queria sonhar com monstros e tempestades.

(CRIANÇAS..., 2016)

Ao ser entrevistado pelo canal de notícias BBC Brasil no ano de 2016, o menino Ja'afar, refugiado sírio, falou sobre como a guerra o havia afetado. Para ele, os conflitos eram transportados para seus sonhos, sendo representados como monstros que devoravam a todos ou como um abismo negro, um lugar de onde não existe retorno. Tanto o monstro quanto o abismo são sinais de ruptura com a vida, com a família e com o território. Não se pode ficar onde o terror habita, não existe lugar para seres humanos ali.

O sonho, todavia, revela algo mais: uma esperança. O menino encarna o herói, alguém que ajuda a todos, combatendo os monstros e salvando do abismo, principalmente, os que mais precisam. Porém, Ja'afar deverá acordar e encarar a terrível realidade que deu origem a seus medos. A ajuda não virá em forma de um super-herói, por meio do esforço quase sobre-humano de salvar-se a si mesmo.

O sonho dessa criança assemelha-se e mescla-se com ao de tantas outras crianças que se encontram em situação de refúgio e imigração. São justamente essas crianças que batem à porta da escola à procura de um lugar sem monstros e sem abismos. No Brasil, mesmo como as limitações que existem na Educação, ela ainda é uma instituição que permite sonhar novamente. Dentro desse contexto, temos a Emef “Duque de Caxias”, que procura responder aos desafios de formar crianças e adolescentes de vários países, oriundos de culturas e falantes nativos de idiomas tão distintos. Além disto, a escola lida com a formação de seus profissionais e as políticas públicas voltadas aos alunos estrangeiros, que tentam entender o fenômeno para propor caminhos e soluções.

Os professores entrevistados entendem que a escola sozinha não consegue enfrentar e responder à complexidade da situação migratória. Faz-se necessária a ajuda do Estado, no que toca à formação dos docentes e de outros profissionais da Educação, como também o planejamento e a execução de políticas públicas que atendam às carências da população migrante. Ao se falar de portas abertas e janelas fechadas – que nesta pesquisa remetem à ideia de hospitalidade e hostilidade – é possível empregar o termo “dialogia”, utilizado por Morin (2012, p. 300) para indicar “uma unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou

instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam uma da outra, se complementam, mas também se opõem e combatem”. Neste aspecto, termos como “acolhida”, “linguagem”, “políticas públicas” e “formação dos docentes” são marcados por este pensamento dialógico.

4.1 O DESAFIO DA ACOLHIDA

A palavra “acolhida” remete à ideia de buscar abrigo ou refúgio. Pode, ainda, ser entendida como o ato de dar ou receber hospitalidade. Contudo, a chegada de pessoas de várias partes do mundo, com culturas e valores tão diferentes, vem provocando repulsa por parte da população nativa. Às vezes, os que estão acolhendo não compreendem o motivo da presença desses indivíduos estranhos no país.

Estas pessoas que estão vindo agora são refugiados que não são famintos, sem pão ou água. São pessoas que, ontem, tinham orgulho de seus lares, de suas posições na sociedade, que, frequentemente, tinham um alto grau de educação e assim por diante. Mas, agora eles são refugiados. E eles vêm para cá. Quem eles encontram aqui? O precariado. [...] O precariado vive na ansiedade. No medo. Nós temos pesadelos. Tenho uma ótima posição social e quero mantê-la. Os refugiados simbolizam, personificam nossos medos. Ontem, eram pessoas poderosas em seus países. Felizes. Como nós somos aqui, hoje. Mas, veja o que aconteceu hoje. Eles perderam suas casas, perderam seus trabalhos. O choque está apenas começando. Não existem atalhos para o problema. Não existem soluções rápidas. Então, precisamos nos preparar para um tempo muito difícil que está chegando. Essa onda de imigração que aconteceu ano passado não foi a última. Há mais e mais pessoas esperando. Precisamos aceitar que esta é a situação. Vamos nos unir e encontrar uma solução. (ZYGUMUNT..., 2018)

Como aponta Bauman (2017), quem passa por uma situação de refúgio ou imigração e teve de deixar para trás família, amigos e a própria identidade quer encontrar um lugar em que seja acolhido, pois vai precisar recuperar as forças, e isto requer tempo. Essa ideia é reforçada por Celestino (2019, p. 40), ao dizer que, “na nova vida, a ignorância e a indiferença em relação ao passado dos recém-chegados são uma dor que demora a passar ou não passa nunca”. A perda do território e o vazio no olhar passam a marcar a existência destas pessoas, um sentimento que não se pode explicar por palavras.

Ao chegar à escola, o aluno imigrante ou refugiado carrega consigo uma história fragmentada e marcada pelo medo daquilo que deixou para trás e, ao mesmo tempo, daquilo que está a sua frente, neste caso, o novo ambiente. Diante disto, a professora Solange diz que “a preocupação principal mesmo é com o bem-estar dessa criança dentro da escola”. Para que

isto possa acontecer, segundo a mesma professora será necessário cultivar a confiança e descobrir “como trazer essa criança para perto, sem ele esquecer quem ela é”. Existe aqui uma dupla problemática: estabelecer laços de confiança com este aluno – o que, em alguns casos pode demorar ou mesmo não acontecer – e manter a identidade do aluno, para que este não tenha de abrir mão de sua história e valores. Neste sentido, Harari (2018) assinala a possibilidade de que esta criança renegue suas origens para adaptar-se ao novo ambiente, pois, assim, poderá ser aceita no país que a recebe.

O ato de acolher, neste caso, necessita de uma atitude que leve em consideração que o outro tem sua própria identidade, com qualidades e limites. É na acolhida que as diferenças começam a ser perceptíveis e irão requerer ações que permitam que esse aluno estrangeiro sinta-se parte do ambiente. O professor Oswaldo assim entende a situação:

Porque, se você quer incluir, nada melhor que a pessoa perceber que aquilo que é ensinado pro outro, que é dito normal, é ensinado para ele também. Porque o imigrante, o aluno, ele fica com esse estigma. É como se ele não fosse também normal. Porque ele não fala minha língua, não conhece a minha cultura. Por menos que você pense que não, esses preconceitos se manifestam no ambiente escolar.

Acolher é uma ação que gera o sentimento de pertencimento, uma vez que este aluno imigrante perdeu seu referencial de território. Contudo, esta ação não é só responsabilidade do professor e do corpo diretivo, mas de toda a escola. A professora Solange diz que no decorrer do ano letivo é avisada quando os novos alunos estrangeiros vão chegar à sua turma; então ela prepara seus alunos, dizendo: “Olha, gente, a gente vai receber um aluno que não fala nossa língua. Então, a gente precisa acolher, precisa mostrar a escola; conto com a ajuda de vocês”. Envolver os alunos nesse processo é algo que ajuda na formação de quem chega, porque se sente acolhido, assim como na formação de quem já está, porque aprende a acolher. Esta acolhida é entendida pela professora Iolanda de forma diferente: para ela, os alunos brasileiros convivem de forma natural com os alunos imigrantes e refugiados, pois já se acostumaram com a presença de estrangeiros na escola, não exigindo, assim, alguma ação que promova a interação entre os alunos.

Todavia, o fato de ser costumeiro receber alunos imigrantes todos os anos não é garantia de que existam ações de acolhida. O professor Mathias relembra: “Uma coisa que eu achei muito interessante na primeira vez que eu entrei aqui [...] foi os dizeres na entrada, próximo aqui da entrada da escola. Bem-vindo em quatro, cinco línguas diferentes: *bienvenido*, com inglês e tal”. Contudo, ele não percebe que a escola faça outras ações que promovam a acolhida. A professora Iolanda corrobora essa percepção ao dizer que, “na

prática, acaba sendo meio que cada professor, pensando no ensino fundamental I ou grupo de professores do ensino fundamental II, faz o que dá durante a aula. Não tem um projeto de acolhimento, nem nada do grupo em si”. Ao contrário deles, a professora Margareth argumenta que “o projeto de acolhida dos alunos é um processo e os projetos que visam isto estão sendo desenvolvidos”. É importante considerar, em meio a estas percepções de acolhida, que os projetos são modificados ao longo do tempo para responder às mais diversas problemáticas que a escola enfrenta. Nota-se também que, com a mudança da direção e coordenação, os projetos antigos podem ser reformulados e até mesmo abandonados, dando espaço para novos.

Um elemento fundamental para quem acolhe alunos refugiados e imigrantes é a compreensão. É ela que permite entender o que o outro está passando. Morin (2011, p. 112-113) apresenta três dimensões para que a compreensão possa ser aprendida:

A compreensão objetiva – comporta a explicação que obtém, reúne e articula dados e informações objetivas relativas a uma pessoa, um comportamento, uma situação.

A compreensão subjetiva – é o resultado de uma compreensão sujeito a sujeito, compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças.

A compreensão complexa – engloba as compreensões objetiva e subjetiva, visa captar aspectos singulares e globais, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas.

A ética da compreensão auxilia a perceber o outro como ele é, e não um ser fragmentado sem nome e sem passado. O refugiado e o imigrante possuem um nome, têm uma história, têm projetos de vida, têm medo e incertezas. Porém, educar para a compreensão não é tarefa simples, exigindo o combate à intolerância, ao ódio e à indiferença. A proposta de Morin é enfrentar toda forma de barbárie que destrói o ser humano.

4.2 O DESAFIO DO IDIOMA

A comunicação é um elemento fundamental para a acolhida e a convivência com os alunos imigrantes e refugiados. Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que o idioma é um dos principais desafios da escola, pois lá existem alunos de diversos países, que alternam suas falas entre o português, o idioma do país de origem e o dialeto, que é restrito a alguns grupos étnicos. Diante de tantas línguas diferentes, mesmo recorrendo a aplicativos de tradução ou pedindo ajuda de alunos para atuarem como tradutores, a comunicação entre professores e alunos estrangeiros é limitada e, por vezes, não acontece. Vale lembrar que não

são apenas os alunos que chegam à escola falando outro idioma; os pais e responsáveis também. Em momentos como os de reunião com os familiares, solicitações junto à secretaria e na orientação pedagógica, o idioma será sempre uma barreira a ser ultrapassada.

Para a professora Margareth dentro da escola “nós temos uma questão muito significativa que é a língua e esse comunicar, com esse adolescente, com essa criança, às vezes é um grande desafio”. Diante desta realidade, os docentes deverão estar atentos à forma como preparam suas aulas e como irão explicar o assunto diante de uma turma com vários idiomas presentes. De acordo com Margareth, os alunos “falam francês, alguns falam inglês. Então, de modo geral, a gente precisa sempre tá observando todas estas características”.

A professora Iolanda considera que os professores e os demais profissionais da escola, na medida do possível, usam da criatividade para se comunicar com os alunos estrangeiros. O esforço nem sempre tem resultado, o que dificulta o entendimento e o diálogo, limitado a ajuda e as orientações, o que provoca uma série de mal-entendidos.

Ao não compreender o que o aluno está falando, o professor não saberá como agir. É na quebra da comunicação que a incompreensão ganha espaço. Neste sentido, Morin (2011, p. 109) indica que “a incompreensão acompanha as línguas, os hábitos, os ritos, as diferentes crenças”. Nota-se que a língua carrega consigo uma identidade cultural, pois, a depender da origem do aluno, as palavras podem ganhar significados diversos. Esta preocupação se faz presente na prática docente do professor Mathias. Para ele:

[...] um desafio diante do aluno migrante e refugiado é a elaboração de um plano de aluno, de um planejamento pedagógico. Um dos principais pontos é a língua falada. A questão da língua falada e principalmente do dialeto. Porque estes povos têm vários dialetos locais. O dialeto fica mais difícil ainda de ser compreendido.

Ao considerar a barreira provocada pela língua, Mathias destaca a existência de vários dialetos, o que dificultaria ainda mais o entendimento dos docentes em relação aos alunos e vice-versa. Esta problemática também é reconhecida por Margareth ao argumentar que para o docente é difícil falar quatro, cinco, seis línguas, não conseguindo planejar sua aula ou mesmo fazer uma acolhida da forma que deveria ser feita.

O professor Oswaldo pondera que o estudante imigrante chega com dificuldades na comunicação, porque não conhece o idioma português, e os professores, por meio de metodologias e estratégias de ensino, tentam responder a tal desafio. Em relação à linguagem, Morin (2012) explica:

O homem faz-se na linguagem que o faz. A linguagem está em nós e nós estamos na linguagem. Somos abertos pela linguagem, fechados na linguagem, abertos ao outro pela linguagem (comunicação), fechados ao outro pela linguagem (erro, mentira), abertos às ideias pela linguagem, fechados às ideias pela linguagem. (MORIN 2012, p. 37)

A linguagem é parte fundamental do sujeito, sendo uma forma de expressão própria que carrega consigo a história e a identidade das pessoas. Neste processo de abertura e fechamento com a linguagem será necessário um passo de confiança, principalmente nos que os estão acolhendo, neste caso, a escola.

Nesse sentido, o movimento de abertura e do limite imposto pela língua aparece nas considerações feitas pela professora Solange ao perceber que, se o idioma não é entendido, é necessário recorrer a outros elementos em sala para estabelecer a comunicação com o aluno.

Eu abri o mapa mundi e ele veio e apontava a China e falava China, China. Que ele tinha vindo de lá. Aí, dali a gente tentou conversar um pouco mais, falar. E a criança foi mostrando depois o mapa do Brasil e daquele momento ele se aproximou um pouco mais.

Ao utilizar elementos familiares ao aluno estrangeiro, a docente criou um ponto de aproximação e diálogo. Ao identificar seu território, a criança sente-se reconhecida, pois possui um lugar de origem. Esse canal de comunicação dá oportunidades para estreitar a relação.

Contudo, Morin (2012, p. 37) entende que a linguagem carrega consigo um elemento fundamental do ser humano, pois ela é “a encruzilhada essencial do biológico, do humano, do cultural, do social. A linguagem é uma parte da totalidade humana, mas a totalidade humana está contida na linguagem”. Dessa forma, mesmo não entendendo por completo os idiomas presentes na escola, os docentes fazem um esforço para criar pontes de comunicação que possam respeitar as crianças que estão diante deles.

4.2.1 Cultura: conviver com as diferenças

No processo de acolhida ao aluno imigrante ou refugiado, deve haver respeito à cultura, assumida nesta pesquisa como sendo

[...] constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir-faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação. O primeiro capital humano é a cultura. (MORIN, 2012, p. 35)

Cada uma das crianças e adolescentes que chegam à escola traz consigo traços marcantes de sua cultura: o modo de falar, a crença no transcendente, uma alimentação diferente, a maneira de rir. É no encontro de diversas culturas que se torna possível o cultivo da convivência com pessoas completamente diferentes, na maneira de pensar e agir. Ainda, segundo Morin (2011, p. 115),

Os contextos culturais devem ser reconhecidos para compreender os pensamentos e os atos dos indivíduos de diferentes culturas, das quais o sagrado, o tabu, o lícito e a honra nos são estranhos e estrangeiros. Daí a necessidade de compreender que a honra do outro possa obedecer a um código diferente do nosso, logo de considerá-la segundo os critérios dessa cultura, não dos nossos.

A cultura anda de mãos dadas com a compreensão, uma parceria que produz frutos na convivência e no diálogo. Contudo, é preciso destacar que conviver com as diferenças é também um desafio e, em certos momentos, a incompreensão estará presente.

De acordo com a professora Solange, os alunos possuem “suas peculiaridades”, diante das quais os docentes não sabem bem como agir. A professora Margareth exemplifica isso ao relatar os debates nas reuniões dos professores em relação à alimentação:

Qual o dia da semana que se dá uma alimentação mais próxima da alimentação que eles têm no país de origem? Então. Não tem isso. Eles acabam tendo que comer o que a gente come. [...] eles acabam se adaptando. Você acaba comendo, porque a fome vem. Então, come. Mas, nem sempre a pessoa está acostumada a comer aquelas coisas que se come aqui no Brasil.

A alimentação não é a única diferença encontrada entre os alunos. Os próprios familiares e responsáveis têm costumes e valores distintos, sobretudo se comparados aos nossos, como no caso da aplicação de castigos físicos. Embora no Brasil tais castigos ainda ocorram, as leis e normativas vigentes, destacadamente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), garantem a defesa e a proteção das crianças e adolescentes. Neste sentido, Margareth relata:

Presenciamos situações em que a menina falava que apanhava muito e isso fazia parte do contexto cultural deles. [...] aqui no Brasil funciona diferente. Nós precisávamos comunicar a um órgão responsável e, pelo menos, depois ela parou de relatar isso. Mas é uma coisa que é uma parte cultural deles, que é uma questão de bater para resolver as questões.

Diante dessa realidade, a escola se coloca como orientadora também das famílias, que não sabem das leis e regras do país. Contudo, não é possível resolver todos os casos de violência e abuso, pois essas crianças não passam muito tempo na escola. Este é um dos muitos exemplos que podem ser encontrados no cotidiano escolar.

A apropriação de diferentes culturas apresenta-se como um importante elemento que o docente deverá agregar aos seus saberes, a fim de criar estratégias pedagógicas que o auxiliem na educação de seus alunos imigrantes. Segundo o professor Mathias:

A questão cultural é outro desafio. O professor precisa saber a cultura, precisa saber os costumes, como eles viviam lá em seu país. De repente o aluno lá era acostumado a assistir aula sentado no chão. Então, esses costumes são fundamentais para que eles realmente se desenvolvam.

Ora, devido ao fluxo constante de imigrantes e refugiados, o professor terá a tarefa contínua de aprender sobre as várias culturas que passam por sua sala. Como ondas, este fluxo pode aumentar ou diminuir durante o ano letivo.

A acolhida é um processo contínuo dentro da escola; ela leva em consideração a língua, cultura e costumes desses alunos, que chegam à escola confusos e necessitados de atenção. Seus dramas e medos misturam-se com sonhos e projetos que se expressam pelo olhar perdido, pelo jeito acanhado, pela surpresa e pelo desafio de falar uma nova língua e pela construção de novas amizades. Não existe um manual que explique o passo a passo do acolhimento de crianças imigrantes ou refugiadas, pois o caminho é feito no dia a dia, com novos aprendizados e desafios.

4.3 O DESAFIO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Desde a fundação da ONU, o Brasil, que é um país signatário, promove ações e projetos que visam a garantir os direitos humanos e a promoção da vida e da dignidade. Campanhas de prevenção e orientação, arrecadação de alimentos, fomento de pesquisas são algumas iniciativas desta parceria. Todavia, a partir de 2019, com a entrada do novo governo, observa-se uma postura diferente diante do fenômeno migratório. Naquele ano, o país retirou-se do Pacto Mundial de Migração, que havia sido assinado no ano de 2018 e, segundo reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* (CHADE, 2019), a justificativa dada pelo novo chanceler das Relações Exteriores foi a intenção de provocar uma reviravolta na relação do Brasil com a ONU. Tal decisão foi vista de forma preocupante pelas Nações Unidas, pois reverberaria em assuntos como migração e cooperação internacional. Ainda segundo a reportagem, o chanceler disse: “A imigração não deve ser tratada como questão global, mas sim de acordo com a realidade e a soberania de cada país. [...] O Brasil buscará um marco regulatório compatível com a realidade nacional e com o bem-estar de brasileiros e estrangeiros” (CHADE, 2019).

A decisão de retirar-se do pacto das migrações provoca uma ruptura com os outros países, impossibilitando projetos em conjunto e que possam enfrentar uma questão tão complexa como é o fenômeno migratório, que a cada ano vem aumentando consideravelmente.

Em 2019, o Ministério da Justiça e Segurança Pública divulgou dados sobre a chegada de imigrantes e refugiados entre os anos de 2012 e 2018. Registrou-se nesse período a entrada de 774.200 pessoas, sendo considerados todos os amparos legais, como direito a documentação e acesso aos serviços públicos (saúde, educação, emprego). Contudo, a mudança de postura do Brasil segue a linha adotada por outras nações que estão recebendo um grande número de imigrantes e refugiados. Sobre isto, Albuquerque Júnior (2016, p. 139) percebe que:

A xenofobia no Brasil vem crescendo, assim como na Rússia, Estados Unidos, Turquia e outros países, pelas posturas dos meios de comunicação que hostilizam, por motivos ideológicos e políticos, dados países e seus governos, o que termina por levar à intolerância em relação a seus habitantes. A adoção de políticas mais liberais ou inclusivas em relação aos imigrantes por parte de dados governos levam a que eles sofram pesadas críticas nos meios de comunicação mais conservadores e nacionalistas, o que termina por criar um clima de medo, insegurança e agressividade em relação a dados agrupamentos de imigrantes.

Esse clima provocado pela chegada do imigrante ou refugiado faz com que os países assumam posturas defensivas e decretam leis que possam proteger a população de qualquer espécie de ameaça ou ataque. Pensando nisto, ao publicar a Portaria nº 666/2019, o Ministério da Justiça previu a prisão e a deportação sumária de pessoas consideradas perigosas para o Brasil, principalmente as que estivessem envolvidas com terrorismo e associação com criminosos. Outro ponto importante era que o motivo da deportação poderia ser mantido em sigilo, não havendo necessidade de justificativa por parte do governo. Tal portaria trouxe preocupação aos que se encontravam em situação de refúgio, pois os motivos alegados poderiam ser os mais variados. Nesta situação, ser deportado significaria receber a pena de morte, pois, ao retornarem para seus países de origem, poderiam ser executados. Em outubro do mesmo ano, o ministro alterou a Portaria nº 666, retirando a deportação imediata e dando o prazo de cinco dias para os imigrantes serem investigados e recorrerem da sentença; também o motivo da deportação passou a ser justificado quando o imigrante estivesse envolvido com ilegalidades, como tráfico de drogas ou exploração sexual (BRASIL, 2019d).

O governo reconhece que o fenômeno migratório é um problema a ser enfrentado por toda a sociedade brasileira. Em nota sobre este assunto, a Secretaria Nacional de Justiça diz o seguinte:

[...] a presença de imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil traz desafios não somente para os formuladores e gestores das políticas públicas migratórias, mas também aos diversos atores da sociedade civil que cumprem papel histórico na acolhida de imigrantes e refugiados. (BRASIL, 2019c)

Embora de certa forma o governo mantenha a ajuda aos imigrantes, a professora Margareth considera que não existe um real acolhimento, pois isso se dá de forma superficial. Como exemplo desta realidade, ela percebe que,

[...] dependendo do poder aquisitivo, tem uma acolhida diferente, até no próprio sistema de saúde. Se você for lá na [Unidade Básica de Saúde] UBS que tem próximo aqui da escola a acolhida dos imigrantes chineses é diferente da acolhida dos imigrantes haitianos, colombianos, venezuelanos. Os chineses, quando chegam lá, eles furam a fila. Eles acessam a saúde de uma forma mais tranquila do que esses outros. Então, falta política pública para isso também.

Dentro da própria vulnerabilidade das pessoas que se encontram em situação de imigração existem aquelas que são ainda mais fragilizadas, neste caso, pela etnia.

As políticas públicas voltadas para os imigrantes e refugiados também se fazem presentes na cidade de São Paulo. A Lei municipal nº 16.478, de 8 de julho de 2016, propõe a política municipal para os imigrantes, dispondo diretrizes, princípios e ações que atendam este público. A lei também apresenta o Conselho Municipal de Imigrantes. Em seu artigo 7º, que trata das ações prioritárias, o inciso IV diz: “garantir a todas as crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas imigrantes o direito à educação na rede de ensino público municipal, por meio do seu acesso, permanência e terminalidade” (SÃO PAULO, 2016).

A lei garante o acesso dos imigrantes e refugiados à educação. Para os professores, contudo, existe um longo caminho a ser percorrido. Segundo Margareth, “falta muito um projeto de políticas públicas no centro pra ajudar e pra auxiliar nesse processo” de acolhida dos imigrantes e refugiados. Sob o mesmo ponto de vista, ao deparar com os desafios de ensinar a este público, Solange gostaria “muito que tivéssemos mais apoio, apoio de governo, apoio estatal. Pra gente conseguir seguir em frente”.

Existe o entendimento de que a formação de crianças estrangeiras, que se encontram em situação de fragilidade provocada pelo refúgio, exige mais dos professores do que eles podem

oferecer. Neste aspecto, é necessário o auxílio das autoridades públicas na promoção de formação para lidar com esta questão, que é complexa e se vem agravando ao longo dos anos.

Por sua vez, o professor Oswaldo percebe que existe uma liberdade dada pelo governo para que a escola e os professores tomem a iniciativa de atuarem sobre a questão migratória: “Na escola, eu percebo que eles têm dado essa autonomia para que a escola se reorganize e se refaça, se reconstrua, reflita sobre estas demandas que são novas e que, de certa forma, estão chegando. Não existe imposição”.

Apesar da autonomia dada às escolas para desenvolverem projetos e ações que respondam às demandas locais, Margareth reitera a necessidade de uma formação dos profissionais da Educação para acolher estes alunos imigrantes e refugiados: “Precisa aprender muita coisa, porque, para acolher de verdade, eu acho que o principal seriam políticas públicas para ajudar a fomentar a formação da gente como profissional, pra gente acolher de uma forma mais adequada mesmo”.

A demanda por políticas públicas em relação aos imigrantes e refugiados atinge toda a sociedade e reverbera na escola, que se vê, em certos momentos, sozinha diante deste desafio.

4.4 O DESAFIO DA FORMAÇÃO DOCENTE

A educação de crianças imigrantes e refugiadas exige do professor uma formação específica, pois ele enfrentará situações atípicas em relação ao que está familiarizado. A língua, os costumes, os valores são diferentes em cada etnia presente na escola. Diante disto, professores, coordenação e direção buscam caminhos que possam ser tomados para responder a estas demandas.

Neste sentido, Cortella (2015, p, 47) ressalta a coragem do professor, ao dizer: “As condições adversas para uma prática escolar mais elevada são tão expressivas no nosso cotidiano que fica até estanho imaginar por que alguém se dedica a essa atividade”. A tarefa de enfrentar o desafio da imigração na escola é algo que demanda as energias, já esgotadas, dos professores, que assumiram o compromisso com a educação de seus alunos.

Em grupo ou individualmente, os docentes procuram uma formação, como nos diz a professora Solange: “Aqui na escola, a gente compartilha muito entre os pares e com a coordenação, nas nossas reuniões de formação. Dentro da escola, é através do compartilhamento e da troca de experiências. O compartilhamento de angústias e tudo o mais”. Esta partilha, que acontece durante as reuniões de formação, possibilita aos professores compreender melhor as situações em vivem os alunos e como podem melhorar a orientação

em sala de aula ou pensar em projetos que possam atender às necessidades dos alunos, como a integração destas crianças na escola.

Todavia, segundo a professora Margareth, nem todos os professores participam das reuniões promovidas pela escola porque estão ministrando aulas em outra escola. Não existem políticas públicas que deixem o professor em uma única escola para completar sua carga horária semanal. As reuniões, que são promovidas duas vezes por semana, tratam de assuntos como acolhida, os desafios da língua, as diversas culturas presentes na escola, como orientar o comportamento desse aluno estrangeiro. Há, também, professores que não participam das reuniões e não receberam qualquer outro tipo de formação para trabalhar junto a refugiados e imigrantes. O professor Mathias diz que não recebeu formação para isso. Para ele, seria interessante aprender um pouco sobre a língua e a cultura dos alunos estrangeiros.

Em relação à formação dos docentes, a professora Margareth percebe que a discussão está ainda muito no início: “Nós temos formações que vêm de DRE que são relacionadas a essa dinâmica, mas que ainda são bem pontuais”. Para Margareth, o material fornecido pela secretaria para contribuir com a formação dos professores “precisa ir além”. Só assim será possível dar início a um trabalho mais sistematizado de treinamento dos docentes.

Para o professor Oswaldo, é preciso um material didático específico para tratar da questão do imigrante. Tal material poderia contribuir para “ressignificar as suas metodologias, a maneira que o professor entende que está aprendendo. Ela precisa ser refletida todo o dia. O professor não deve fazer uma coisa específica em termos de atendimento”.

A professora Iolanda diz que ninguém vai conseguir uma fórmula mágica para saber como lidar com tantas diferenças existentes entre os alunos imigrantes e refugiados. “Eu não tô falando de não aceitar a diferença. Não é essa a questão, mas como solucionar as questões, tanto burocráticas, questões pedagógicas, questões do idioma”. Iolanda reconhece que não existe uma solução imediata para o problema migratório na escola, sendo necessário, a cada dia, pensar e fazer ações em prol destes alunos.

Diante da questão da orientação para os docentes e demais profissionais da Educação, Margareth pondera: “se você não tiver uma política pública para possibilitar que este professor tenha a sua formação trabalhando, ele não vai atrás da formação, porque não tem tempo. Ele precisa manter a vida dele”.

É possível identificar que os professores têm seu tempo preenchido com aulas e planejamento, deixando a formação limitada às reuniões de HTPC, que tratam de questões práticas do cotidiano escolar. A formação específica sobre imigrantes e refugiados na escola ainda carece de material e projetos que possam auxiliar os professores nesta problemática.

Em pesquisa junto à SME, foi constatada a oferta de formação e orientação para educadores e alunos da rede municipal de ensino sobre a temática da imigração e do refúgio. No portal institucional¹⁴ da secretaria é possível ter acesso a informações, projetos e ações voltados ao público imigrante, com destaque para:

- Núcleo Técnico de Formação (NTF)¹⁵: organiza e articula formações com os profissionais da educação municipal, o que compreende o planejamento, a coordenação e a implementação de políticas e ações para estes profissionais. O NTF também monitora, acompanha e avalia as propostas de oferta de capacitação realizadas em vista da melhor qualificação dos professores. O gerenciamento de informações é outra ação do núcleo, que faz o levantamento das necessidades que deverão ser tratadas em cada região da cidade.
- Memória Documental¹⁶: com aproximadamente 4.500 documentos técnicos e pedagógicos em seu acervo, registra e divulga a história da Educação na cidade de São Paulo desde 1930.
- Biblioteca Pedagógica¹⁷: oferece serviço de assessoria à pesquisa, empréstimo e ambiente de estudos com acesso à internet. O empréstimo circulante é exclusivo aos profissionais da rede municipal de ensino e das instituições conveniadas à SME, mas os demais pesquisadores podem utilizar o empréstimo entre bibliotecas.

Além dos locais citados acima, a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC)¹⁸, juntamente com a SME, oferece oficinas de sensibilização e capacitação para os servidores públicos do município para o atendimento humanizado aos imigrantes e refugiados bem como orientação para estes grupos sobre como acessar os serviços públicos municipais. Ela também oferece cursos de língua portuguesa para os alunos imigrantes, realizados nas unidades escolares das várias diretorias de ensino da capital paulista.

É importante salientar que o material específico para o trabalho junto a alunos imigrantes e refugiados ainda é limitado, por se tratar de algo recente e com pouca produção. Apesar disso, no dia a dia os professores vão construindo maneiras de responder a tal situação. Para a professora Solange, é por meio “do grupo, das trocas de experiências, dos

¹⁴ Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/nucleo-tecnico-de-formacao/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/memoria-documental/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

¹⁷ Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

¹⁸ Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/. Acesso em: 22 jan. 2020.

estudos pedagógicos” que os professores juntam teoria e prática para dar continuidade à formação dos alunos estrangeiros.

Tanto a SME quanto a SMDHC podem auxiliar os professores a pensar em projetos e ações que possibilitem a melhoria da prática pedagógica para a acolhida dos alunos estrangeiros.

Perante uma realidade escolar marcada por desafios no que se refere à educação de alunos imigrantes e refugiados, os professores ainda acreditam na possibilidade de encontrar respostas para enfrentar a situação.

Na defesa dos direitos dos seres humanos, o professor Mathias promove uma conscientização entre seus alunos, afirmando: “todo ser humano, toda a pessoa tem direito a uma moradia digna, tem direito a uma educação de qualidade, tem direito à alimentação, ou seja, às necessidades básicas. Isso eu tenho discutido, de certa forma, discuti com os alunos”. Para os imigrantes e refugiados, a escola é um lugar em que eles aprendem sobre o Brasil e, ao partilharem com outros que se encontram na mesma situação, cria-se uma rede de informações que auxilia na busca de direitos e serviços dos quais eles, às vezes, não têm nenhum conhecimento.

A valorização do professor é um dos caminhos propostos por Margareth para exercer um melhor trabalho educativo. Segundo ela, seria adequado que o professor tivesse:

[...] melhores condições de trabalho, com melhores salários, para que ele conseguisse não acumular e que conseguisse se dedicar mais ao estudo também. Pra conseguir fazer um trabalho mais qualificado. Eles tentam fazer muitas coisas e eles fazem bastantes coisas relacionadas ao projeto da acolhida.

São os professores que estão na linha de frente na lida com alunos imigrantes e estrangeiros. Por não ter tempo suficiente para se preparar, eles não conseguem fazer um trabalho de qualidade, o que afeta diretamente o ensino e a aprendizagem de todos os alunos. Além disso, Margareth entende ser preciso formar parceria com outros profissionais, como psicólogos e pesquisadores universitários, para atuarem junto à escola, assim o trabalho de acolhida dos alunos imigrantes e refugiados seria feito de maneira mais abrangente.

Como os alunos estrangeiros são marcados pela transitoriedade, o professor Oswaldo sugere que se faça um trabalho com metodologias e estratégias que atinjam esses alunos. O ideal, para ele, seria “não se preocupar em organizar projetos específicos, porque o processo de ensino-aprendizagem é muito dinâmico. Ele precisa ser ressignificado, contextualizado e revisto, refeito, na medida da necessidade”. Como os alunos imigrantes e refugiados chegam

durante todo o ano letivo, os professores acabam fazendo e refazendo diversos trabalhos e projetos. A proposta de Oswaldo é que os docentes concentrem-se em conhecer mais seus alunos e, com isso, encontrar as melhores soluções para momentos específicos, sem pensar muito a longo prazo.

Neste cenário, o papel da escola é ensinar a condição humana, uma educação voltada a compreender os sujeitos como seres que dividem o mesmo destino. Neste aspecto, Stéphanie e Morin (2012) apresentam propostas que visam à formação do ser humano:

- Ensinar não apenas os conhecimentos, mas o que é o conhecimento, ameaçado pelo perigo do dogmatismo, do erro, da ilusão e da redução.
- Ensinar não apenas o humanismo, mas também o que é o ser humano em sua tripla natureza – biológico, individual e social.
- Ensinar a compreensão humana, a única que permite manter a solidariedade e a fraternidade.
- Ensinar o conhecimento do momento atual vivido pela humanidade, além de suas mudanças, chances e riscos.
- Ensinar a enfrentar as incertezas que persistem inevitavelmente em cada vida individual, na vida coletiva e na história das nações, incertezas essas agravadas por nós mesmos, por nossas sociedades, pela humanidade.

A formação dos alunos passa justamente por humanizá-los, que é uma forma de encarar uma história de vida marcada por desumanizações, provocadas por séries de sofrimentos, exploração e coisificação. Os ensinamentos propostos por Morin (2012) têm via de mão dupla, pois os docentes também entram nesse processo de autoformação, de humanização diante das incertezas, sendo o refúgio uma fonte delas. A vida de crianças marcadas pela incerteza proporcionada pelo fluxo migratório, pela transitoriedade.

Ao longo deste capítulo, percebeu-se que a acolhida de imigrantes e refugiados na escola enfrenta uma série de desafios que exigem dos docentes ações que ultrapassam suas forças. Lidar com alunos que trazem diferenças significativas, como idioma e cultura, por exemplo, vai além das forças e capacidades do professor. A necessidade de uma qualificação para esse trabalho é constante, mas, para que isso aconteça, são necessárias políticas educacionais que possibilitem metodologias e práticas educativas eficientes. Contudo, os professores continuam tentando proporcionar um ambiente que acolha com dignidade e respeito aqueles que batem à porta da escola.



**“O mundo é uma esfera, não há Oriente nem Ocidente.”
(Ai Weiwei)**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(ROSA, 1970, p. 52)

A jornada chegou ao fim, mas a sensação é que ainda existe muito a ser percorrido. Ao longo do caminho, esta pesquisa foi marcada por descobertas, desafios, pessoas, lugares, memórias e esperanças que ajudaram a elaborar um mapa do trajeto. E nesse percurso deparou com as hospitalidades e hostilidades que acontecem na acolhida a alunos imigrantes e refugiados na escola pública.

É “no meio da travessia”, como anuncia Guimarães Rosa, que se depara com a realidade das pessoas que se encontram em fluxo migratório. É nesse recorte de tempo e lugar, entre a chegada e a partida, que se podem reconhecer as histórias e os projetos de quem quer ter um lugar em que possa viver com dignidade e sem medo de perder a vida.

No decorrer do estudo, pôde-se contar com a colaboração de vários autores, como Morin, Bauman e Albuquerque Júnior, que auxiliaram na reflexão acerca das problemáticas que perpassam a situação do refúgio e da imigração. Foi preciso, contudo, mais ajuda para enfrentar essa situação. As entrevistas concedidas pelos professores tornaram-se fonte significativa para compreender as nuances que acontecem no processo de acolhida a esses alunos.

Para obter uma visão que pudesse captar os cenários mundiais das imigrações, recorreu-se a várias percepções advindas de fontes como jornais, filmes, exposições artísticas e estudos científicos sobre o tema. A partir dessas impressões de realidade, foi percorrida uma árdua trajetória, objetivando compreender como se dá o binômio hostilidade/hospitalidade com alunos imigrantes e refugiados.

Isso culminou com a percepção do tema sob vários ângulos, a principiar pelas 48 matérias jornalísticas citadas na pesquisa, das quais mais da metade denunciava as hostilidades e indiferenças cometidas contra refugiados. Situações como deportação, agressões, prisões, doenças, naufrágios e morte estamparam, por diversas vezes, as páginas dos jornais, apresentando um quadro geral da situação migratória no mundo. Todavia, os projetos e ações que ajudam os imigrantes e refugiados, como, por exemplo, a validação do diploma ou um curso profissionalizante, ainda são poucos e limitados.

Outro aspecto a destacar foi o contato com a arte e seu poder de desinstalar as pessoas de seu lugar de conforto, apresentando outras e novas realidades, que antes nem mesmo se havia pensado. A arte traz para perto o que não se deseja encarar no dia a dia: o feio, o sujo, o doente, o excluído, como fez Ai Weiwei ao expor o drama dos refugiados em suas obras, capturando a atenção do espectador para a situação de morte e indiferença da população imigrante.

Nesta mesma linha de pensamento, os filmes permitiram adentrar situações que demonstram as vulnerabilidades que marcam a vida de quem se encontra na situação de refúgio, mostrando as mais variadas formas de opressão, xenofobia e indiferença praticadas contra os imigrantes. Os filmes também têm o poder de transportar o espectador para dentro deles, fazendo-o identificar-se com os personagens e seus dramas, alegrias e esperanças.

O museu, por sua vez, como guardião das memórias, provocou o encurtamento das distâncias culturais, a descoberta do outro, estimulando o respeito às diferenças. Este contato com o passado, que se faz reverberar no presente, aponta para possíveis destinos, caso os acontecimentos trilhem o mesmo caminho.

No discurso do papa Francisco há uma forte crítica aos países que infligem maus tratos a pessoas em situação de refúgio. Ele também cobra dos líderes mundiais ajuda e proteção para essa população imigrante que está impotente diante de tragédias naturais, guerras e perseguição.

Outro aspecto importante é o olhar sobre o tema da imigração que emana da academia. As pesquisas levantadas apontam para uma situação que não tem resposta a curto ou médio prazos, sendo as ações atuais um paliativo para a situação. Por ser um fenômeno que envolve milhões de pessoas, os estudos realizados no Brasil incidem com maior intensidade no campo do Direito e da Assistência Social, por se tratar de uma situação emergencial. Neste meio, a Educação está dando seus primeiros passos, pois a situação agora começa a ser percebida com maior frequência, devido ao aumento significativo de alunos estrangeiros. Assim, é possível perceber um crescimento na quantidade de estudos na área de Educação nos últimos dez anos (2010-2019). Metodologias em sala de aula, projetos pedagógicos, formação de professores são elementos que vêm ganhando espaço na reflexão sobre o tema e colaborando para melhorar o atendimento aos alunos estrangeiros.

No microcosmo da Baixada do Glicério, localidade onde se encontra a escola pesquisada, acontecem encontros de fragilidades sociais, históricas e pessoais, que se mesclam e se articulam com os indivíduos que ali chegam, os que permanecem e os que vão embora.

A história da região foi marcada, desde seu início, pela presença de imigrantes, o que faz daquele lugar um ponto de convergência e referência para os que chegam à cidade. A partir de 2010, a região começou a receber grande quantidade de refugiados de diversos países, o que modificou a convivência. Ao longo dos anos, a Baixada do Glicério foi adquirindo a fama de ser um lugar perigoso, e levará um bom tempo essa impressão para se dissipar do pensamento popular dos cidadãos paulistanos.

As fragilidades sociais se fazem perceber nas condições das moradias – com destaque para a presença de cortiços –, moradores em situação de rua, usuários de drogas e assaltos. Esta situação é notada nos alunos imigrantes e refugiados, que são diretamente atingidos por essa conjuntura.

As fragilidades pessoais são demonstradas pela carência afetiva, derivada da violência doméstica, do medo sempre presente de ter de voltar para o lugar de onde fugiram ou que necessitaram abandonar, e ao mesmo tempo pela esperança de não mais ficar num país estranho, no caso, o Brasil. É também percebida a falta de interesse em aprender a língua portuguesa, pois a maioria pretende permanecer por pouco tempo no país, o que dificulta a comunicação.

Diante desta realidade, as instituições não governamentais citadas ao longo do trabalho destacam-se por seu papel significativo no combate a estas fragilidades. Algumas delas, ligadas à Igreja Católica, são lugares de referência para os imigrantes que buscam ajuda, uma vez que o Estado não consegue responder a todas as demandas.

Tais fragilidades encontradas no Brasil somam-se aos dramas humanitários trazidos pelos alunos. Nestas condições, eles batem à porta da escola. Nesse contexto a escola é, a seu modo, uma arquipélago de certezas em meio a mares de incerteza (MORIN, 2005). Em outras palavras, a escola pesquisada é um lugar onde os alunos podem vislumbrar outros horizontes e ver além da depressão, tanto geográfica quanto social, em que se encontram localizados.

Outro significativo elemento de destaque é representado pelos desafios no cotidiano escolar. Professores e alunos precisam ultrapassar as barreiras para estabelecer comunicação e aprendizagem. São perceptíveis os esforços para manter as portas abertas e entender os motivos de as janelas permanecerem fechadas.

Segundo os professores entrevistados, a acolhida aos alunos limita-se pelo idioma, pela falta de políticas públicas e pela formação dos docentes. Estes três desafios recaem tanto sobre os alunos quanto sobre os professores e demais profissionais da escola.

Com o aumento do fluxo migratório no país, a escola pesquisada vem recebendo cada vez mais alunos de várias nações, o que implica diretamente a pluralidade de línguas no

ambiente escolar. Tem-se aqui uma primeira dificuldade para uma acolhida hospitaleira, uma vez que professores e alunos não se entendem. A criatividade, então, é acionada. Gestos com a mão, mímica, utilizar o Google Tradutor, pedir ajuda a outro aluno para servir de intérprete, quando possível, são algumas das maneiras de tentar criar uma ponte de entendimento. Uma língua não entendida, de ambos os lados, põe em risco todos os esforços em sala de aula, sendo que o professor deverá cumprir seu cronograma, o conteúdo programático e tantas outras atividades. Por sua vez, o aluno não poderá tirar suas dúvidas, pois não saberá o que e como perguntar, terá dificuldades para realizar exercícios e avaliações. Diante disso, uma de suas opções é ficar em silêncio, fazendo com que o professor não consiga avaliar o processo de aprendizagem deste aluno.

Ainda sobre os idiomas, percebe-se que o professor não conseguirá dominar tantas línguas e, dependendo da proveniência do aluno, até mesmo reconhecer o idioma falado será uma tarefa desafiadora, principalmente se for um dialeto, que é algo tão específico.

Além dos professores, a secretaria da escola, que está na vanguarda do atendimento, passa pelas mesmas dificuldades, mas com solicitações diferentes. Solicitação de vagas, matrículas, transferências, justificativas de falta são alguns dos exemplos do que a secretaria da escola deverá explicar aos pais que não falam português e que, às vezes, não são alfabetizados em seus idiomas nativos. Durante esta pesquisa, foi elaborado um folheto explicativo para o público imigrante, no intuito de orientar os procedimentos para solicitar os documentos desejados. O folheto é uma tentativa da escola para ajudar no processo de acolhida. O problema da língua, todavia, apresenta-se como algo permanente para a escola.

O segundo desafio configura-se com a falta de políticas públicas que auxiliem a escola na acolhida dos que se encontram em situação de imigração e refúgio. Ao investigar a SME-SP, foi detectada a existência de projetos e ações voltados aos imigrantes e refugiados. O tema, contudo, está diluído nos estudos étnicos, com destaque para os povos indígenas e afrodescendentes, e nos direitos humanos. O material específico para imigrantes e refugiados ainda é insuficiente para responder as demandas sempre crescentes. Vale salientar que os projetos e materiais sobre imigração parecem não ter divulgação eficiente na escola, por motivos ainda desconhecidos para esta pesquisa.

Um aceno que deve ser feito é que as políticas públicas que tratam dos imigrantes e refugiados passam por reformulações, feitas a depender das propostas de governo das autoridades administrativas que estão no poder. Os posicionamentos tomados pela atual gestão modificam a forma pela qual são tratadas as pessoas que se encontram no fluxo migratório forçado. Percebe-se maior rigor na concessão e renovação de vistos para

solicitantes de refúgio e imigrantes. A justificativa apresentada é garantir a defesa do país contra possíveis crimes cometidos por estrangeiros, como no caso de terroristas.

Para os professores entrevistados, deveriam existir políticas públicas que contribuíssem e atuassem mais na acolhida de alunos imigrantes. Isto se daria por meio de agentes qualificados que auxiliassem a escola na questão linguística, na proteção à criança, como também na formação dos professores para lidar com a questão da imigração, que se constitui como o terceiro desafio. Pode-se observar que as novas necessidades educativas que emergem diante da crise migratória requerem do corpo docente e demais profissionais da Educação um preparo específico, que possa abarcar elementos como metodologias de aprendizagem, idiomas, conhecimento de outras culturas, na ausência das quais o professor, na busca por melhorar a acolhida dos alunos, incorre no risco de ser ele também hostilizado.

As entrevistas com os professores revelaram desgastes desses profissionais, sobretudo devido a atribuições de aula em diversas escolas, obrigando-os a se deslocar pela cidade para cumprir as horas semanais; falta de tempo para formações, que também podem ser feitas fora da escola; falta de domínio ou mesmo conhecimento de outros idiomas. O resultado disto é que a educação fica comprometida devido à desvalorização do professor.

Podem-se avolumar os exemplos, mas acredita-se que as ideias apresentadas ao longo da pesquisa possibilitem ao leitor uma visão dos vários elementos que compõem a delicada situação do aluno imigrante e/ou refugiado, numa dialogia entre hostilidades e hospitalidades, que perpassa as relações humanas dentro e fora da escola.

Depois de realizado este estudo, pode-se afirmar que a escola ainda desconhece quem é o aluno imigrante e refugiado. Tal desconhecimento pode ser entendido por, pelo menos, três motivos: o primeiro é que não se sabe, de fato, que existem crianças em situação de refúgio na escola, pois a informação não é compartilhada e fica restrita à secretaria, coordenação e direção. O segundo é que não se tem tempo suficiente para conhecer o aluno, porque ele começa um novo processo migratório e sai da escola. O terceiro motivo é que os professores não têm tempo para escutar este aluno que se dilui em turmas grandes, não sendo possível dar-lhe a devida atenção. As respostas para tais situações não estão dadas; a escola, com esforço, vem tateando as possibilidades.

Todavia, há também sinais de hospitalidade, como conhecer elementos culturais e valorativos das crianças imigrantes que chegam à escola, envolver outros alunos no processo de acolhida e orientações sobre o cotidiano escolar e na tradução do idioma. É possível perceber que existem esforços da própria escola, de setores do governo, como a própria SME,

e de entidades não governamentais, para buscar ações que promovam a dignidade e o respeito aos alunos estrangeiros que se encontram em situação de deslocamento internacional.

Neste contexto, os professores, individualmente ou em grupo, buscam informações, cursos e eventos que possam ajudar a compreender melhor a crise dos refugiados e da imigração. Há também uma troca de informações de professor para professor e de escola para escola. Esta rede de comunicação, por assim dizer, acaba sendo um elemento agregador que permite repensar e reformar o pensamento. Ao tratar da reforma do pensamento, Morin (2003) convida a pensar de uma maneira que rompa com as ideias que fragmentam e dividem. Para ele, é preciso “substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89).

O caminho proposto por Morin (2003) conduz a uma proposta de acolhida permeada de hospitalidade, de reconhecimento das diferenças e diversidades dos alunos que chegam à escola. É justamente isto que propicia uma convivência que ajuda a compreender a cidadania planetária, na qual os seres humanos compartilham o mesmo destino.

A pesquisa encontrou no estudo de caso uma metodologia capaz de abordar a temática imigração/educação. Os passos dados nesse caminho permitiram tecer ideias, conceitos e propostas. Visitar escolas, museus, exposições, instituições públicas e privadas; andar pelas ruas, becos e avenidas; conversar com as pessoas, tudo isso permitiu a montagem de um quadro do fenômeno migratório. Por sua vez, as entrevistas com os profissionais de diversos setores da escola, articuladas com as teorias de pensadores, proporcionaram um entendimento sobre o binômio hostilidade/hospitalidade no que se refere à acolhida dos alunos estrangeiros.

A visita a instituições como Missão Paz e Cáritas Brasil favoreceu a composição de uma ideia da quantidade de pessoas que chegavam à cidade em busca de refúgio e uma oportunidade para recomeçar. Nesses lugares foi possível encontrar com outros pesquisadores, que partilhavam seus estudos e indicavam outros lugares que se poderiam pesquisar, como escolas e museus, por exemplo.

Um elemento fundamental para a pesquisa foi ter acesso aos prontuários dos alunos da escola pesquisada. Isto possibilitou a coleta de dados importantes para traçar o perfil dos alunos: mapear os locais de habitação, verificar a faixa etária, averiguar em que séries e anos se concentravam, saber qual a situação migratória. As informações obtidas a partir desses prontuários foram convertidas em dados e inseridas em um relatório apresentado à escola, que não tinha real conhecimento da situação dos alunos estrangeiros à época.

Por fim, desejamos que outros pesquisadores possam encontrar neste estudo um ponto de partida para aprofundar tantas outras situações que compõem o tema aqui abordado. Que a esperança de um futuro possível seja concretizada, no qual os seres humanos não precisem sair de seus territórios sob ameaça, mas para buscar novos horizontes, novas relações, experiências e conhecimento.

REFERÊNCIAS

ACNUR e Forças Armadas abrem maior abrigo para venezuelanos em Roraima. **Folha de S. Paulo**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/acnur-e-forcas-armadas-abrem-maior-abrigo-para-venezuelanos-em-roraima.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2018.

AHLERT, Mara; ALMEIDA Alcione de. A inclusão social das pessoas na condição de refugiado no Brasil à luz dos direitos humanos. **Barbaroi**: revista do Departamento de Ciências Humanas, Santa Cruz do Sul, RS, n. 47, Edição Especial, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/9574>. Acesso em: 10 jul. 2018.

AKCAPAR, Sebnem Koser. Turkey stands between Europe and the next refugee crisis. **The New York Times**, Istanbul, 25 set. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/09/25/opinion/syria-idlib-refugees-turkey-war-erdogan-putin-assad.html>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

ALGAÑARAZ, Julio. La capitana de un barco con 42 refugiados a bordo desafía a Roma y entra a Italia sin permiso. **Clarín**: Mundo, Roma, 26 jun. 2019. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/capitana-barco-42-refugiados-bordo-desafia-roma-entra-italia-permiso_0_JrMMzNc3O.html. Acesso em: 4 set. 2019.

ALLOGGIO e lavoro solo ai rifugiati. **La Repubblica**, 28 nov. 2018. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2018/11/28/alloggio-e-lavoro-solo-ai-rifugiati02.html?ref=search>. Acesso em: 12 ago. 2019.

ALMEIDA, Paulo Sérgio de; FONSECA, João Marques da. Integração pelo trabalho. *In*: DESLOCAMENTOS e refúgios. São Paulo: Globo, 2019. p. 122-125. (Caderno Globo, 16). Disponível em: http://estatico.redeglobo.globo.com/2019/08/26/caderno_globo_deslocamentos_e_refgios.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado**: de acordo com a convenção de 1951 e o protocolo de 1967 relativos ao estatuto dos refugiados. Genebra, dez. 2011. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Manual_de_procedimentos_e_critérios_para_a_determinação_da_condição_de_refugiado.pdf. Acesso em: 2 set. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS – BRASIL. **Dados sobre refúgio no Brasil**. Brasília, DF, jun. 2018a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 26 ago. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS – BRASIL. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Brasília, DF, 2018b. Disponível em: www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf. Acesso em: 15 jul. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS – BRASIL **Refúgio no Brasil: uma análise estatística**. Brasília, DF, [2013?]. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_-_Uma_analise_estatistica_2010-2012. Acesso em: 16 ago. 2018.

AMÂNCIO, Thiago. Grupo atira bomba de gás lacrimogêneo em restaurante palestino em SP. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/grupo-atira-bomba-de-gas-lacrimogeneo-em-restaurante-palestino-em-sp.shtml>. Acesso em: 3 set. 2019.

AMARAL, Tarsila do. **Operários**. 1933. 1 original de arte, óleo sobre tela, 150 cm X 230 cm. Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. Palácio Boa Vista (Campos do Jordão, SP)

ANDRADE, José Henrique Fischel de. Breve reconstituição histórica da tradição que culminou na proteção internacional dos refugiados. In: ARAÚJO, Nadia; ALMEIDA, Guilherme Assis de (coord.). **O direito internacional dos refugiados: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001. p. 99-125.

ANGELICO, Gabriel Garcia. **O Brasil e o regime internacional para refugiados: uma análise a partir da teoria crítica de Jürgen Habermas do período entre 1997 e 2018**. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019.

ANNONI, Danielle; MANZI, Maria Júlia Lima. Política migratória brasileira e seus reflexos para os estados da Unasul: um estudo a partir do tratamento dado pelo Brasil ao caso dos haitianos. **Boletín Mexicano de Derecho Comparado**, México, DF, v. 49, n. 146, p. 61-83, maio/ago. 2016.

AO MENOS 1,9 milhão de venezuelanos deixaram o país desde 2015, diz ONU. **Folha de S. Paulo**, 1 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/ao-menos-19-milhao-de-venezuelanos-deixaram-o-pais-desde-2015-diz-onu.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2019.

ARGENTINA es el cuarto país que más refugiados de Venezuela recibió. **Clarín**, 8 nov. 2018. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/argentina-cuarto-pais-refugiados-venezuela-recibio_0_cohagn_pn.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imigração em São Paulo: estatísticas**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/estatisticas.php>. Acesso em: 10 jan. 2020.

AVIGNOLO, María Laura. Desalojan un campamento de refugiados en París. **Clarín**, 4 nov. 2016. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/desalojan-campamento-refugiados-paris_0_r1i7zwc11.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

BANDEIRA, Larisa da Veiga Vieira. **Para oferecer a hospitalidade: aula e refugiados no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BANGLADESH: les camps de réfugiés rohingya au bord de la catastrophe sanitaire. **Le Monde**, 2 nov. 2017. Disponível em: https://www.lemonde.fr/asi-pacifique/portfolio/2017/11/02/bangladesh-les-camps-de-refugies-rohingya-au-bord-de-la-catastrophe-sanitaire_5209423_3216.html?xtmc=refugies&xtr=60. Acesso em: 20 nov. 2018.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (org.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília, DF: Acnur; Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

BARROS, Wellington da Silva de. **Mobilidade humana e pluralismo religioso: a Missão Paz e o diálogo inter-religioso na acolhida de imigrantes e refugiados**. 2017. 258 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

BASTIER, Claire. Grave crise interne à l'agence de l'ONU pour les réfugiés palestiniens. **Le Monde**, 13 ago. 2019. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2019/08/13/grave-crise-interne-a-l-agence-de-l-onu-pour-les-refugies-palestiniens_5499036_3210.html. Acesso em: 3 set. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BBC NEWS: Em comunicado a diplomatas, governo Bolsonaro confirma saída de pacto de migração da ONU. **G1**, 8 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/08/em-comunicado-a-diplomatas-governo-bolsonaro-confirma-saida-de-pacto-de-migracao-da-onu.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BENNETT, Georgette F. The many reasons why admitting fewer refugees is wrong. **The New York Times**, New York, 15 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/06/15/opinion/the-many-reasons-why-admitting-fewer-refugees-is-wrong.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. **Acesso e visibilidade às teses e dissertações brasileiras.** Brasília, DF. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

BORGES, Lucienne Martins; POCREAU, Jean-Bernard. Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. **Revista Estudos em Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 557-585, out./dez. 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009.** Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7037.htm. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 11, de 1960.** Aprova a Convenção de 25 de julho de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados, assinada pelo Brasil a 15 de julho de 1952. Brasília, DF, 1960. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1960-1969/decretolegislativo-11-7-julho-1960-349947-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 19 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.** Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, e dá outras providências. Revogada pela Lei nº 13.445, de 2017. Brasília, DF, 1980. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6815-19-agosto-1980-366138-norma-pl.html>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997.** Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília, DF, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm. Acesso em: 16 ago. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.** Institui a Lei de Migração. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 20 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho. **Inspeção do trabalho resgata 723 estrangeiros submetidos a condições análogas às de escravo.** 19 jun. 2019a. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/7122-inspecao-do-trabalho-resgata-723-estrangeiros-submetidos-a-condicoes-analogas-as-de-escravo>. Acesso em: 12 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Justiça. **Comitê Nacional para os Refugiados**. Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <http://dados.mj.gov.br/dataset/comite-nacional-para-os-refugiados>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Justiça. **Refúgio em números**. 3. ed. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf. Acesso em: 26 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Brasil registra mais de 700 mil migrantes entre 2010 e 2018**. Brasília, DF, 22 ago. 2019c. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566502830.29>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Portaria nº 666, de 25 de julho de 2019**. Dispõe sobre o impedimento de ingresso, a repatriação e a deportação sumária de pessoa perigosa ou que tenha praticado ato contrário aos princípios e objetivos dispostos na Constituição Federal. Brasília, DF, 2019d. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-666-de-25-de-julho-de-2019-207244569>. Acesso em: 24 jan. 2020.

CALEGARI, Marília; JUSTINO, Luciene. Refugiados sírios em São Paulo: o direito à integração. *In*: SEMINÁRIO MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, REFÚGIOS E POLÍTICA, 12 abr. 2016, São Paulo. **Anais...** Campinas: Nepo/Unicamp, 2016. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂMARA, Dom Hélder. **Mil razões para viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CÂMARA, Dom Helder. Sementes: um olhar sobre a cidade. **Blog oficial do Idhec**, 1 maio 2015. Disponível em: <http://institutodomhelder.blogspot.com/2015/05/sementes-um-olhar-sobre-cidade.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CANINEU, Maria Laura. Por que o Brasil deveria acolher os refugiados sírios? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2016. Disponível em: <http://folha.com/no1783571>. Acesso em: 16 ago. 2018.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira**. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CARDOSO, Ivanilda Amado. **Educação das relações étnico-raciais: limites e possibilidades no curso de Pedagogia da Ufscar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, ano XXI, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013.

CELESTINO, Helena. A dor de não pertencer. *In: DESLOCAMENTOS e refúgios*. São Paulo: Globo, 2019. p. 38-41. (Caderno Globo, 16). Disponível em: http://estatico.redeglobo.globo.com/2019/08/26/caderno_globo_deslocamentos_e_refugios.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.

CHADE, Jamil. Bolsonaro retira Brasil do Pacto de Migração e ONU teme reviravolta. **O Estado de S. Paulo**, Genebra, 8 jan. 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-deixa-pacto-global-pela-imigracao-da-onu,70002671958>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CHEGANÇA. Intérprete: Antônio Nóbrega. Compositor: Antônio Nóbrega; Wilson Freire. *In: MADEIRA que cupim não rói*. Direção Musical e Produção: Antônio Nóbrega. Intérprete: Antônio Nóbrega. São Paulo, 1997. 1 CD, faixa 3, 3 m 58 s.

COHEN, Roger. Ilha vira prisão para mais de 900 refugiados recusados pela Austrália. **Folha de S. Paulo**, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/12/1840903-ilha-vira-prisao-para-mais-de-900-refugiados-recusados-pela-australia.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Deliberação CEE nº 16/97**. Dispõe sobre a matrícula de aluno estrangeiro no ensino fundamental e médio do sistema de ensino do Estado de São Paulo. São Paulo, 1997. Disponível em: [http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/delcee16_97\(parcee445_97\).htm](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/delcee16_97(parcee445_97).htm). Acesso em: 16 ago. 2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de teses e dissertações**. Brasília, DF. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educação, convivência e ética**. São Paulo: Cortez, 2015.

CRIANÇAS sírias explicam a guerra. **BBC Brasil**, [s. l.], 15 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ex2CfjmOvQU> Acesso em: 12 dez. 2019. 1 vídeo, 3 m 36 s.

DEL INFIERNO al paraíso: el refugiado sirio salvado por el papa Francisco vive feliz en Roma. **Clarín**, 28 out. 2016. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/infierno-refugiado-papa-francisco-roma_0_rypqucegl.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

D'EMILIO, Frances. Pope names 13 new cardinals, including 2 who help migrants. **The Washington Post**, 1 set. 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national/religion/pope-names-13-new-cardinals-including-2-who-help-migrants/2019/09/01/a0e228a6-ccaa-11e9-a620-0a91656d7db6_story.html. Acesso em: 3 set. 2019.

DOMENICIS, Bianca Melzi de. **Os cortiços e o urbanismo sanitário da cidade de São Paulo no final do século XIX**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

THE EDITORIAL BOARD. No exit: refugees trapped in a squalid greek camp. **The New York Times**, 3 out. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/03/opinion/greece-europe-refugees.html>. Acesso em: 18 nov. 2018.

THE EDITORIAL BOARD. Trump could help **refugees**. Instead, he shrugs. **The Washington Post**, 2 out. 2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/trump-could-help-refugees-instead-he-shrugs/2017/10/02/e1b4f26e-a551-11e7-b14f-f41773cd5a14_story.html?utm_term=.c4d5eea6336c. Acesso em: 19 nov. 2018.

EDWARDS, Adrian. **Refugiado ou migrante?** O Acnur incentiva a usar o termo correto. Genebra, out. 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 26 ago. 2018.

EILPERIN, Juliet; FAIOLA, Anthony. Obama confronts refugee crisis on his final trip to Europe. **The Washington Post**, 14 nov. 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/obama-confronts-refugee-crisis-on-his-final-trip-to-europe/2016/11/13/faaad3a8-a87f-11e6-ba59-a7d93165c6d4_story.html?utm_term=.d117af9ecb14. Acesso: 19 nov. 2018.

ESTADOS Unidos se retira del pacto mundial sobre migración y refugiados. **Clarín**, 2 dez. 2017. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/unidos-retira-pacto-mundial-migracion-refugiados_0_hkjlpkwzz.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

IL FILM sui rifugiati. **La Repubblica**, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2019/06/13/il-film-sui-rifugiatiPalermo16.html?ref=search>. Acesso em: 3 set. 2019.

FRANCISCO Bendijo, en Bangladesh, a refugiados rohingya. **Clarín**, 30 nov. 2017. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/francisco-bendijo-bangladesh-refugiados-rohingya_3_rymslxlrg.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

FUKS, Rebeca. **Quadro Operários, de Tarsila do Amaral**. [2018]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/quadro-operarios-de-tarsila-do-amaral/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FURLAN, Fabricio Moreno. **O direito ao trabalho pelo refugiado**: uma abordagem segundo a universalidade do princípio da dignidade da pessoa humana. 2019. Tese (Doutorado em Direito) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

GALINA, Vivian Fadlo et al. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 21, n. 61, abr./jun. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000200297&lang=pt. Acesso em: 12 mar. 2019.

GATTI, Frabrizio. I migranti diventati un'icona: "Su quel barcone eravamo noi". **La Repubblica**, 30 maio 2019. Disponível em:

https://www.repubblica.it/cronaca/2019/05/30/news/foto_migranti-227511476/?ref=search. Acesso em: 3 set. 2019.

GAUTHERET, Jérôme. L' "horreur bouleversante" d'un naufrage au large de la libye. **Le Monde**, 20 nov. 2017. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2017/09/23/1-horreur-bouleversante-d-un-naufrage-au-large-de-la-libye_5190116_3214.html?xtmc=refugies&xtr=98. Acesso em: 20 nov. 2018.

GODOY, Gabriel Gualano de. A crise humanitária na Síria e seu impacto no Brasil. **Caderno de Debates Refúgios, Migrações e Cidadania**, Brasília, DF, v. 9, n. 9, p. 83-92, 2014. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-09_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

GOSMAN, Eleonora. Crisis económica y éxodo: Brasil enviará a las fuerzas armadas a la frontera con Venezuela por la llegada masiva de refugiados. **Clarín**, 28 ago. 2018. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/brasil-pretende-reforzar-frontera-venezuela-llegada-masiva-refugiados_0_sj-0bemp.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

GRAJZER, Deborah Esther. **Crianças refugiadas: um olhar para infância e seus direitos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GUTERRES, Antonio. L'alto commissario per i rifugiati parla di accoglienza. **La Repubblica**, 23 maio 2017. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2017/05/23/lalto-commissario-per-i-rifugiati-parla-di-accoglienzaMilano04.html?ref=search>. Acesso em: 21 ago. 2019.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HAYDU, Marcelo. **Refugiados congolese na cidade de São Paulo: processo migratório e itinerários terapêuticos**. 2017. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde Coletiva, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

INFOMIGRANTS: il portale per i rifugiati. **La Repubblica**, 31 mar. 2017. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2017/03/31/infomigrants-il-portale-per-i-rifugiati12.html?ref=search>. Acesso em: 12 ago. 2019.

KENYA, epidemia di colera nel campo di Dadaab: dieci morti tra i profughi somali. **La Repubblica**, 9 jan. 2016. Disponível em: https://www.repubblica.it/solidarieta/emergenza/2016/01/09/news/kenya_10_morti_di_colera_in_campo_profughi_somali-130884721/?ref=search. Acesso em: 20 nov. 2018.

KINGSLEY, Patrick. El sueño roto de los refugiados en Grecia: aumentan los intentos de suicidio y la violencia en los campamentos. **Clarín**, 12 out. 2018. Disponível em: https://www.clarin.com/new-york-times-international-weekly/sueno-roto-refugiados-grecia_0_ftvqbcuw.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

KOHARA, Luiz Tokuzi. **Relação entre as condições de moradia e o desempenho escolar: estudo com crianças residentes em cortiços**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KURMANAEV, Anatoly; GONZÁLEZ, Jenny Carolina. Colombia offers citizenship to 24.000 children of Venezuela refugees. **The New York Times**, 5 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/08/05/world/americas/colombia-citizenship-venezuelans.html?searchResultPosition=7>. Acesso em: 3 set. 2019.

KURTENBACH, Elaine. Un refugee agency warns against returning rohingya refugees. **The New York Times**, 12 nov. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/aponline/2018/11/12/world/asia/ap-as-myanmar-rohingya.html>. Acesso em: 18 nov. 2018.

IL LABORATORIO audiovisivo per giovani rifugiati. **La Repubblica**, 27 fev. 2019. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2019/02/27/il-laboratorio-audiovisivo-per-giovani-rifugiatiFirenze13.html?ref=search>. Acesso em: 12 ago. 2019.

LACERDA, Jan Marcel de A. F.; SILVA, Amanda A. de S.; NUNES, Rayanne V. G. O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. **Revista de Estudos Internacionais**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 100-116, 2015. Disponível em: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/209/pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

THE LATEST: Italy's anti-migrant minister greets refugees. **The Washington Post**, Washington, DC, 14 nov. 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/europe/the-latest-van-carrying-migrants-crashes-18-hospitalized/2018/11/14/93b60bf8-e7fd-11e8-8449-1ff263609a31_story.html?utm_term=.0717c9c799c7. Acesso em: 18 nov. 2018.

LEÃO, Renato Zerbini Ribeiro (comp.). **O reconhecimento dos refugiados pelo Brasil: decisões comentadas do Conare**. Brasília, DF: Acnur; Conare, 2007. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/tablas/24507.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

LIMA, Fábio Bezerra Correia. Educação entre as fronteiras do direito e da cidadania. **Revista de la Secretaría del Tribunal Permanente de Revisión**, Asunción, n. 11, p. 193, abr. 2018. Disponível em: http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2304-78872018001100193&lang=pt. Acesso em: 13 abr. 2019.

LOPES, Edivaldo Evangelista. **Solicitação de refúgio**. Brasília, DF: Polícia Federal, 23 maio 2017. Disponível em: <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/refugio/refugio-termo-solicitacao>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LUSSI, Carmem. Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 136-144, maio/ago. 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BÔGUS, Lúcia; BAENINGER, Rosana. Migrantes e refugiados Sul-Sul na cidade de São Paulo: trabalho e especialidades. *In*: BAENINGER,

Rosana et al. (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 402-419. Disponível em: <https://nempsic.paginas.ufsc.br/files/2015/02/LIVRO-MIGRA%C3%87%C3%95ES-SUL-SUL.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2020.

MAGRA, Iliana. La desesperanza reina en un campo de refugiados en una isla griega. **Clarín**, 6 abr. 2019. Disponível em: https://www.clarin.com/new-york-times-international-weekly/desperanza-reina-campo-refugiados-isla-griega_0_r1ln1zVHiz.html. Acesso em: 4 set. 2019.

MAIS de 40% dos refugiados no Brasil dizem ter sofrido discriminação, revela pesquisa. **Nações Unidas Brasil**, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-40-dos-refugiados-no-brasil-dizem-ter-sofrido-discriminacao-revela-pesquisa/>. Acesso em: 9 jan. 2020.

MANTOVANI, Flávia. Refugiados se concentram na zona leste e no centro de São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/mapa-mostra-onde-vivem-refugiados-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 22 jan.2020.

MARTINS, José de Souza. Por uma pedagogia dos inocentes. **Tempo Social: revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-30, nov. 2001.

MARTINS-BORGES, Lucienne; JIBRIN, Marcio; BARROS, Allyne Fernandes Oliveira. Clínica intercultural: a escuta da diferença. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822015000200008. Acesso em: 15 jul. 2018.

MAS, Heyd Fernandes. **Ecomigrantes, refugiados ou deslocados ambientais: populações vulneráveis e mudança climática**. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico) – Programa de Pós-Graduação em Direito Político e Econômico, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

MATTOSO, Camila. Prefeita de Boa Vista avisa o governo que Roraima pode ter 85 mil refugiados venezuelanos em meses. **Folha de S. Paulo**, 23 out. 2017. Disponível em: <https://painel.blogfolha.uol.com.br/2017/10/23/prefeita-de-boa-vista-avisa-o-governo-que-roraima-pode-ter-85-mil-refugiados-venezuelanos-em-meses/>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MEDITERRANÉE: 3.200 personnes secourues en cinq jours. **Le Monde**, 16 nov. 2016. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2016/11/16/mediterranee-3-200-personnes-secourues-en-cinq-jours_5032359_3214.html?xtmc=refugies&xtr=18. Acesso em: 20 nov. 2018.

MELLO, Patrícia Campos. Em carta, agência da ONU condena portaria de Moro que prevê deportação sumária. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/em-carta-agencia-da-onu-condena-portaria-de-moro-que-preve-deportacao-sumaria.shtml>. Acesso em: 3 set. 2019.

MENEZES, Thais Silva. **Direitos humanos e refúgio: a violação de direitos antes e após a determinação do status de refugiado**. 2012 60 f. Dissertação (Mestrado em Relações

Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MIGLIORINI, Valder Bocalon. **Refugiados: a legislação brasileira, a soberania e o direito internacional**. 2015. Dissertação (Mestrado em Direitos Coletivos e Cidadania) – Programa de Pós-Graduação em Direitos Coletivos e Cidadania, Universidade de Ribeirão Preto, 2015.

MIROFF, Nick; SACCHETTI, Maria. Antes de muro físico, Trump impõe barreira burocrática contra imigrantes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1937538-antes-de-muro-fisico-trump-impo-barreira-burocratica-contra-imigrantes.shtml>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. Direitos humanos e refugiados no Brasil: políticas a partir de 1997. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, ano XVI, n. 31, p. 412-421, 2008. Disponível em: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/123>. Acesso em: 16 ago. 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, ano XXII, n. 43, p. 85-98, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a06.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 5: humanidade da humanidade**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

MOULIN, Carolina. Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 145-224, jun. 2011.

MULLEN, Michael G. We should keep our word on refugees. **The New York Times**, 29 set. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/09/29/opinion/refugee-resettlement-trump.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Histórico**. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/o-museu/historico/>. Acesso em: 2 jul. 2019.

NAVIA, Ângela Mercedes Facundo. **Êxodos e refúgio: colombianos refugiados no Sul e Sudeste do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NGUYEN Rachel. The refugee experience. **The New York Times**, 14 set. 2016. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/09/15/opinion/the-refugee-experience.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

OLIVEIRA, Tania Biazioli de. **O esquecimento do passado por refugiados africanos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OPERTI, Lorenza. Rifugiati, esami all'università per riconoscere i loro diplomi. **La Repubblica**, 13 nov. 2018. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2018/11/13/rifugiati-esami-alluniversita-per-riconoscere-i-loro-diplomiTorino06.html?ref=search>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Education at a glance 2019: OECD indicators**. Disponível em: https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/EAG2019_CN_BRA.pdf. Acesso em: 9 jan. 2019.

PACÍFICO, Andrea Maria Calazans Pacheco; MENDONÇA, Renata de Lima. A proteção sociojurídica dos refugiados no Brasil. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 170-181, jan./jun. 2010.

PAIVA, Odair da Cruz (Org.) **Migrações internacionais: desafios para o século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado**. Vaticano, 27 maio 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/integra-mensagem-papa-dia-mundial-migrante-refugiado.html>. Acesso em: 5 jan. 2020.

PASCUAL, Julia. Des milliers de réfugiés sans solution de logement en France. **Le Monde**, 19 jun. 2019. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2019/06/19/des-milliers-de-refugies-sans-solution-de-logement_5478415_3224.html. Acesso em: 3 set. 2019.

PERIN, Vanessa Parreira. **Um campo de refugiados sem cercas: etnografia de um aparato de governo de populações refugiadas**. 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

PHILIP, Bruno. Birmanie: les rohingya redoutent d'être rapatriés. **Le Monde**, 15 nov. 2018. Disponível em: https://www.lemonde.fr/asie-pacifique/article/2018/11/15/birmanie-les-rohingya-redoutent-d-etre-rapatries_5383906_3216.html?xtmc=refugies&xtcr=9. Acesso em: 21 ago. 2019.

PINTO, Eduardo Vera-Cruz et al. (coord.). **Refugiados, imigrantes e igualdade dos povos**. São Paulo: Quartier Latin, 2017.

PONCHECK, Dione do Rocio. **A migração contemporânea dos haitianos para o Brasil e o sentido da educação através do ensino da língua portuguesa: limites, desafios e possibilidades.** 2018. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

PONTES, Felipe. Moradores de Pacaraima se revoltam e expulsam venezuelanos. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 18 ago. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/moradores-de-pacaraima-se-revoltam-e-expulsam-venezuelanos>. Acesso em: 10 dez. 2019.

QUAIATTI, Daniela Cristina Suniga. **Refugiados no Brasil e sua contribuição na ONG Abraço Cultural: uma escuta em educação sociocomunitária.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2017.

RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto; ALMEIDA, Guilherme Assis de (org.). **60 anos de Acnur: perspectivas de futuro.** São Paulo: CL-A Cultural, 2011. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/60-anos-de-ACNUR_Perspectivas-de-futuro_ACNUR-USP-UNISANTOS-2011.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.: Editora 34, 2009.

REFUGIADOS sírios são explorados em fabricas de grifes na Turquia, diz BBC. **Folha de S. Paulo**, 26 out. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/10/1826053-refugiados-sirios-sao-explorados-em-fabricas-de-grifes-na-turquia-diz-bbc.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2018.

REIS, Viviane. Ainda não é amanhã. *In*: DESLOCAMENTOS e refúgios. São Paulo: Globo, 2019. p. 70-75. (Caderno Globo, 16). Disponível em: http://estatico.redeglobo.globo.com/2019/08/26/caderno_globo_deslocamentos_e_refgios.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.

REZENDE, Paulo Sérgio. **A constituição identitária de refugiados em São Paulo: moradias na complexidade do ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira** 2010. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROCHA, Rossana Reis. MOREIRA, Julia Bertino. Regime internacional para refugiados: mudanças e desafios. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 37, p. 17-30, out. 2010. Dossiê Relações Internacionais: novos cenários e agendas.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. O cortiço paulistano entre as ciências sociais e política. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 44, p. 125-140, fev. 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Edusp, 2007.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Resolução SE nº 10, de 2 de fevereiro de 1995**. Dispõe sobre matrícula de aluno estrangeiro na rede estadual de ensino fundamental e médio. São Paulo, 1995. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/10_1995.htm. Acesso em: 1 set. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Segurança Pública. **Dados estatísticos do Estado de São Paulo: ocorrências policiais registradas por mês**. São Paulo. Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/pesquisa.aspx>. Acesso em: 2 jan. 2020b.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Segurança Pública. **Dados estatísticos do Estado de São Paulo: produtividade policial**. São Paulo. Disponível em: <http://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/pesquisa.aspx> Acesso em: 2 jan. 2020a.

SÃO PAULO (Município). **Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016**. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-08-de-julho-de-2016/> Acesso em: 22 jan. 2020.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Emef Duque de Caxias faz da rua uma extensão da sala de aula**. São Paulo, 3 maio 2019. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/emef-duque-de-caxias-faz-da-rua-uma-extensao-da-sala-de-aula/>. Acesso em: 9 fev. 2020.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. **Coleções**. São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.org>. Acesso em: 4 abr. 2019.

SIEFF, Kevin. How refugees are being forced back to a war zone to repay their debts. **The Washington Post**, 15 dez. 2017. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/sf/world/2017/12/15/how-refugees-are-being-forced-back-to-a-war-zone-to-repay-their-debts/?utm_term=.26d73293e99f. Acesso em: 19 nov. 2018.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Integração social de refugiados no Brasil e no Canadá em perspectiva comparada: colombianos em São Paulo e em Ontário**. 2017. 266 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

SIMONS, Sasha-Ann. America already uses strict refugee vetting: here are the facts. **The Washington Post**, 20 out. 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/america-already-uses-strict-refugee-vetting-here-are-the-facts/2016/10/20/7988a1a8-9185-11e6-9c52-0b10449e33c4_story.html?utm_term=.dd639921e246. Acesso: 19 nov. 2018.

SPONTON, Leila Rocha. **A proteção integral à criança refugiada**. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SPRANDEL, Márcia Anita; MILESI, Rosita. O acolhimento a refugiados no Brasil: histórico, dados e reflexões. *In*: MILESI, Rosita (org.). **Refugiados: realidade e perspectivas**. Brasília, DF: CSEM/IMDH, 2003. p. 113-134.

STÉPHANE, Hessel; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

STEPHAN, Laure. Départ au compte-gouttes des réfugiés syriens du Liban. **Le Monde**, 5 nov. 2018. Disponível em: https://www.lemonde.fr/syrie/article/2018/11/05/liban-le-depart-au-compte-gouttes-des-refugies-syriens_5378975_1618247.html?xtmc=refugies&xtcr=40. Acesso em: 21 ago. 2019.

TALAYER, Carlos Alberto Lima. **Imigrantes e refugiados na perspectiva da política nacional de extensão universitária: estudo de caso de um projeto de extensão em uma instituição federal de ensino superior**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Educacional) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

THAROOR, Ishaan. The enduring cruelty of Trump's immigration agenda. **The Washington Post**, 26 jul. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2019/07/26/enduring-cruelty-trumps-immigration-agenda/>. Acesso em: 3 set. 2019.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

THE UNITED NATION REFUGEE AGENCY. **Global trends: forced displacement in 2017**. Genebra, 25 jun. 2018. Disponível em: <http://www.unhcr.org/5b27be547.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

THE UNITED NATION REFUGEE AGENCY. **Global trends: force displacement in 2018**. Genebra, 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.

VARESE, Luís. Três elos da corrente dos direitos humanos. **Caderno de Debates Refúgios, Migrações e Cidadania**, Brasília, DF, n. 1, p. 7-12, jun. 2006. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-01_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

VENTURI, Ilaria. L'ateneo si apre ai Giovani. **La Repubblica**, 4 maio 2016. Disponível em: <https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2016/05/04/lateneo-si-apre-ai-giovani-rifugiatiBologna01.html?ref=search>. Acesso em: 12 ago. 2019.

VOX, Bono. Bono: time to think bigger about the refugee crisis. **The New York Times**, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/04/12/opinion/bono-time-to-think-bigger-about-the-refugee-crisis.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

WEIWEI, Ai. Odisseia. *In*: WEIWEI, Ai. **Ai Weiwei Raiz** [exposição]. Curador: Marcello Dantas. São Paulo: Oca - Parque Ibirapuera, 2018.

YURDAKUL, Afsin. What's the future of Syrian refugees in Turkey? **The New York Times**, 18 jul. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/07/18/opinion/turkey-syrian-refugees.html?searchResultPosition=20>. Acesso em: 3 set. 2019.

ZYGMUNT Bauman: o medo dos refugiados. Porto Alegre; São Paulo: Fronteiras do Pensamento, 21 maio 2018. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-o-medo-dos-refugiados>. Acesso em: 12 nov. 2019.

ZYLBERKAN, Mariana. Venezuelanos relatam roubos e agressões em albergue. **Folha de S. Paulo**, 15 nov. 2018. Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2018/11/1984389-venezuelanos-relatam-roubos-e-agressoes-em-albergue.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2018.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA (TCLE)**

Nome do participante: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Cidade: _____

CEP: _____

E-mail: _____

1. Título do Trabalho: PORTAS ABERTAS, JANELAS FECHADAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE IMIGRANTES E REFUGIADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

2. Objetivo: Compreender o impacto da presença de imigrantes e refugiados na escola pública.

3. Justificativa: O direito à educação é garantido por Lei para as pessoas em situação de refúgio no Brasil. Saber quais são os impactos com a presença dos refugiados e imigrantes na escola pública. .

4. Procedimentos: Você é convidado(a) para participar de um questionário com a finalidade de coleta de dados para uma pesquisa de uma tese de doutorado.

5. Desconforto: Caso o questionário, em alguma pergunta, cause incômodo, você estará isento(a) de respondê-la.

6. Medidas protetivas: Os dados disponibilizados ficarão salvos na nuvem com senha, na qual apenas o pesquisador terá acesso.

7. Benefícios da Pesquisa: Contribuir com a aquisição de informações sobre a situação dos refugiados e, a partir disto, propor políticas públicas que facilitem o acesso à educação.

8. Retirada do Consentimento: O participante pode desistir da pesquisa em qualquer tempo.

9. Garantia do Sigilo: O pesquisador é responsável por manter em sigilo os dados relatados.

10. Local da Pesquisa: EMEF Duque de Caxias / Praça Dr. Mario Margarido, 35 - Liberdade, São Paulo – SP, 01007-000 / Telefone: (11) 3209-8283.

11. Contato do pesquisador: Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida (Orientadora) - Telefone: (11) [REDACTED] / Alessandro Junior de Santana – (Orientando) **Telefone:** (11) [REDACTED] Caso você deseje, poderemos conversar em outro momento sobre o assunto, entre em contato pelo telefone indicado ou pelo e-mail: alexjrdb@hotmail.com

São Paulo, _____ de _____ de 2019.

12. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos.

Assinatura do Participante

13. Eu, Alessandro Junior de Santana, certifico que:

a) Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas; **b)** Este estudo tem mérito científico e a equipe de profissionais devidamente citados neste termo é capacitada e competente para executar os procedimentos descritos neste termo.

Assinatura do Pesquisador Responsável

**APÊNDICE B – RELATÓRIO SOBRE IMIGRANTES E REFUGIADOS ENTREGUE
À DIREÇÃO E COORDENAÇÃO DA EMEF “DUQUE DE CAXIAS”**

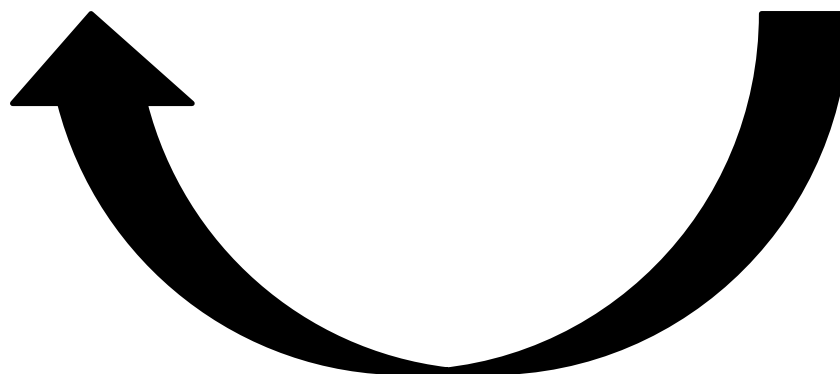
EMEF DUQUE DE CAXIAS

Praça Dr. Mario Margarido, 35.

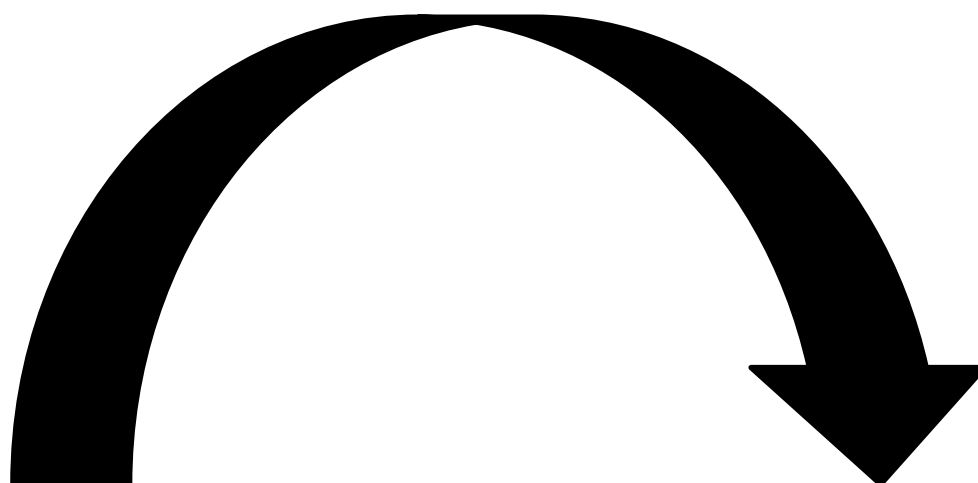
Liberdade – São Paulo - SP

CEP: 01007-000

Telefone: (11) 3209-8283



**RELATÓRIO SOBRE FLUXO MIGRATÓRIO DISCENTE
ENSINO FUNDAMENTAL I-II**



**SÃO PAULO
2019**

FLUXO MIGRATÓRIO DISCENTE

APRESENTAÇÃO

O presente relatório, que faz parte da pesquisa de doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho, tem por objetivo apresentar o fluxo migratório dos alunos da EMEF Duque de Caxias (Ensino Fundamental I - II). O relatório baseou-se nas informações recolhidas de 801 prontuários dos alunos no período que vai entre 08/05/2019 a 27/06/2019.

ENSINO FUNDAMENTAL I E II

1. TOTAL DE ALUNOS: 801 (1º ANO AO 9º ANO)

O número total de estrangeiros (imigrantes e refugiados) é de 62 alunos, sendo 33 meninos e 29 meninas, o que corresponde a 7,7% do total de 801 alunos.

- Refugiados(as): 09 (1,1% dos alunos)
- Imigrantes: 53 (6,6% dos alunos)

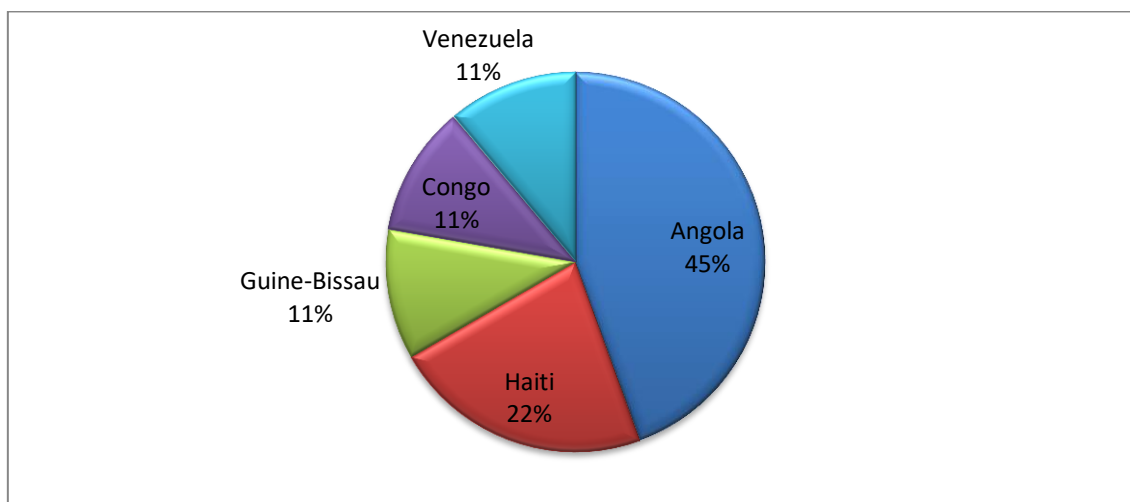
2. ORIGEM

A EMEF Duque de Caxias conta com alunos de 13 nacionalidades.

Refugiados: 09 alunos (Meninos: 04 / Meninas: 05)

- República da Angola (4)
- República do Haiti (2)
- República da Guiné-Bissau (1)
- República Democrática do Congo (1)
- República Bolivariana da Venezuela (1)

Gráfico 1: Países de origens dos refugiados

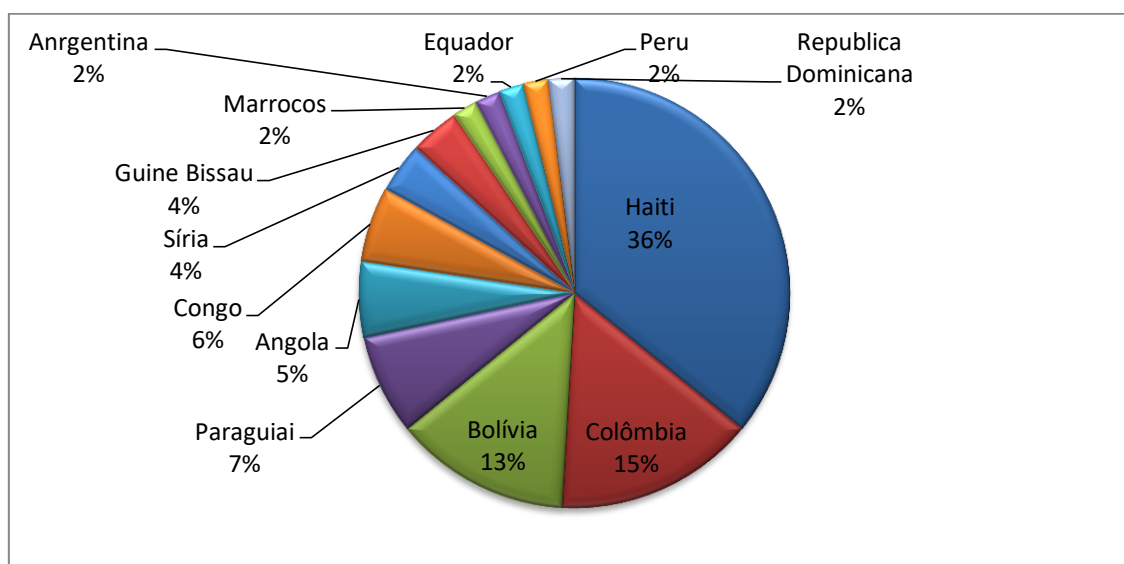


Fonte: autor com base nos prontuários dos alunos.

IMIGRANTES: 53 alunos (Meninos 29 / Meninas: 24)

- República do Haiti (19)
- República da Colômbia (8)
- Estado Plurinacional da Bolívia (7)
- República do Paraguai (4)
- República da Angola (3)
- República Democrática do Congo (3)
- República Árabe Síria (2)
- República da Guiné-Bissau (2)
- Reino de Marrocos (1)
- República Argentina (1)
- República do Equador (1)
- República do Peru (1)
- República Dominicana (1)

Gráfico 2: Porcentagem de imigrantes por país de origem



Fonte: autor com base nos prontuários dos alunos.

3. HABITAÇÃO

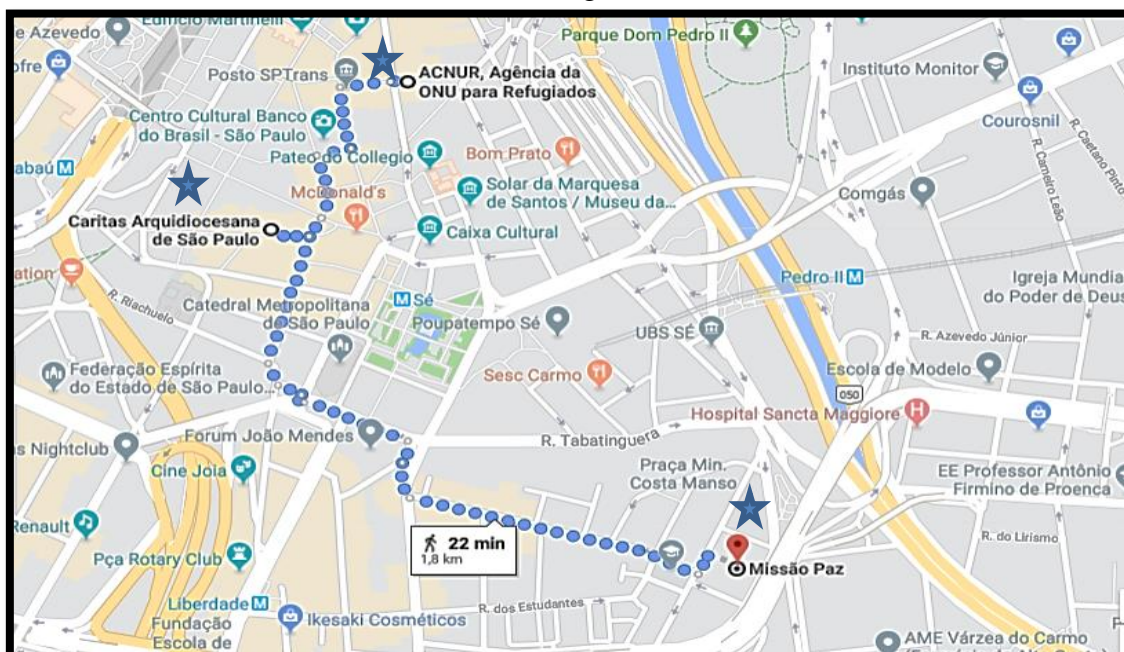
Os alunos imigrantes e refugiados da EMEF Duque de Caxias estão concentrados nas zonas central e leste da cidade de São Paulo. Nestes locais, eles conseguem ter acesso aos serviços públicos (transporte, hospitais, escolas) No centro da cidade os alunos contam com o auxílio de instituições não governamentais, como: Caritas São Paulo (Bairro da Sé), ACNUR (Bairro da Sé), Missão Paz (Liberdade).

Mapa 1: Bairros em que residem os imigrantes



Fonte: autor com base nos prontuários dos alunos / Google Maps. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/preview>. Acesso em 11 jun. 2019

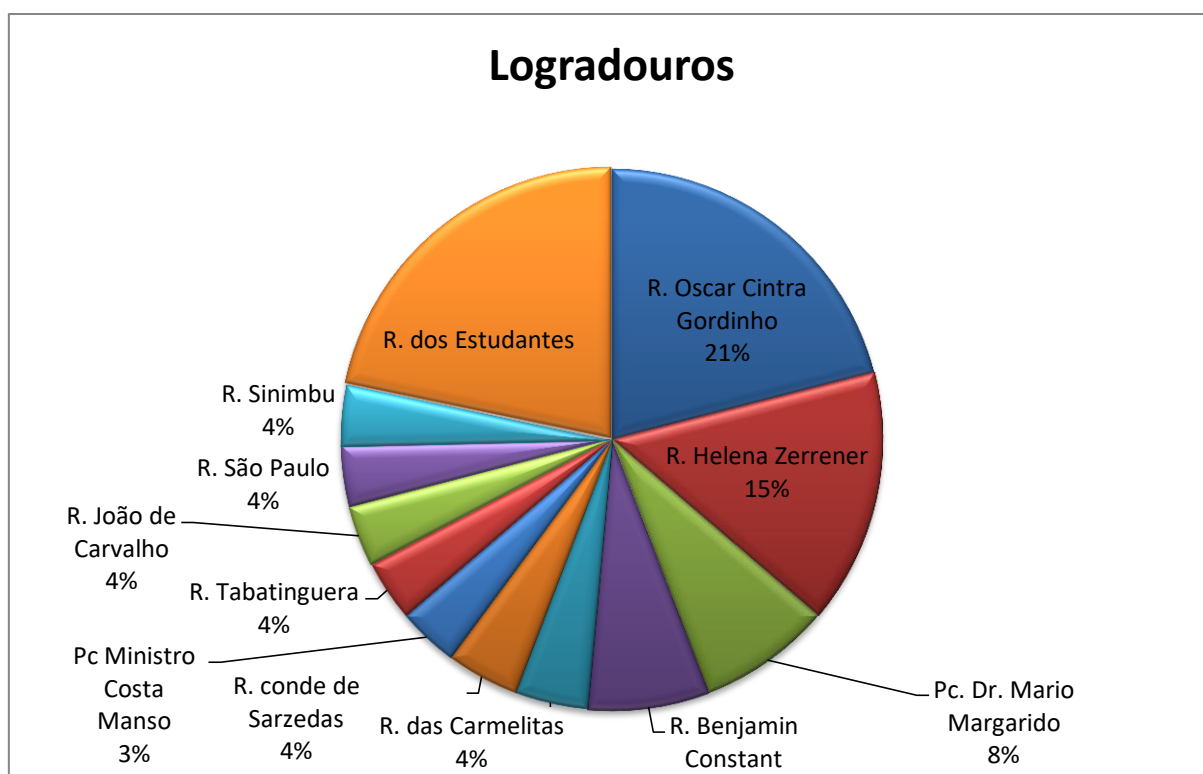
Mapa 2: Instituições no centro da cidade de São Paulo que auxiliam os imigrantes e refugiados.



Fonte: autor com base nos prontuários dos alunos / Google Maps. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/preview>. Acesso em 11 jun. 2019

Mapa 3: Localização da EMEF Duque de Caxias.

Fonte: Google Maps. Disponível
<https://www.google.com.br/maps/place/EMEF+Duque+de+Caxias/@-23.5547981,-46.6376765,15z/data=!4m5!3m4!1s0x94ce590647f355fd:0x764b31f34fcd269e!8m2!3d-23.554803!4d-46.6289218?hl=pt-BR>. Acesso em 11 jun. 2019

Gráfico 3: Porcentagem de alunos por ruas próximas a EMEF Duque de Caxias

Fonte: autor com base nos prontuários dos alunos

3.1 REFUGIADOS

Bairros e ruas onde residem os alunos refugiados. Entre parênteses a quantidade de alunos.

Liberdade

- Rua dos Estudantes (03)
- Rua Almirante (02)
- Rua das Carmelitas (01)
- Rua Bueno de Andrade (01)

Sé

- Rua Benjamim Constant (01)
- Villa dos Estudantes (01)

3.2 IMIGRANTES

Bairros e ruas onde residem os alunos imigrantes

Brás

- Rua Vieira Martins (01)

Cambuci

- Rua dos Lavapés (01)
- Rua Leopoldo Miguez (01)

Centro

- Rua 25 de Março (01)
- Rua Coronel Antônio Machado (01)
- Rua Parque do Pedro II (02)

Liberdade

- Rua dos Estudantes (08)
- Rua Benjamin Constant (06)
- Rua do Glicério (04)
- Rua Oscar Cintra Gordinho (04)
- Rua São Paulo (02)
- Rua Conde de Sarzedas (02)
- Vila dos Estudantes (02)
- Vila Suíça (01)
- Rua Bento Pires (01)
- Rua Doutor Tomaz de Lima (01)

Mooca

- Rua Capiacaci (02)
- Rua Dom Bosco (01)
- Rua Sapucaí (01)

Sé

- Praça Ministro Costa Manso (01)
- Rua Frederico Alvarenga (02)
- Rua Helena Zerrenner (05)
- Rua João de Carvalho (01)
- Rua Tabatinguera (01)

VI. Monumento

- Rua Lima Barreto (01)

4. DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES POR TURMA

Cada turma, do 1ª ao 9º ano, tem sua porcentagem de imigrantes e refugiados.

1º A (Tarde) – Total de alunos: 21 (100%) - Meninos: 08 (38%) / Meninas: 13 (61,9%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 03 meninas - (14,2%)

1º B (Tarde) Total de alunos: 24 (100%) - Meninos: 14 (58,3%) / Meninas: 10 (41,6%)

- Refugiado/a(s): 01 menina - (4,1%)
- Imigrante(s): 02 meninos - (8,3%)

1ª C (Tarde) - Total de alunos: 21 (100%) - Meninos: 09 (42,8%) / Meninas: 12 (57,1%)

- Refugiado/a(s): 01 menina - (4,7%)
- Imigrante(s): 00 - (0%)

2º A (Tarde) Total de alunos: 28 (100%) - Meninos: 17 (60,7%) / Meninas: 11 (39,2%)

- Refugiado/a(s): 01 menina (3,5%) - **01 (3,5%)**
- Imigrante(s): 03 meninos (10,7%) / 01 menina (3,5%) - **04 (14,2%)**

2º B (Tarde) Total de alunos: 29 (100%) - Meninos: 15 (51,7%) / Meninas: 14 (48,2%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino (3,4%) / 02 meninas (6,8%) - **03 (10,3%)**

2° C (tarde) Total de alunos: 27 (100%) - Meninos: 16 (59,2%) / Meninas: 11(40,7%)

- Refugiado/a(s): 01 menino - (3,7%)
- Imigrante(s): 01 menina - (3,7%)

3° A (tarde) – Total de alunos: 21 (100%) - Meninos: 11 (52,3%) / Meninas: 10 (47,6%)

- Refugiado/a(s): 01 menino - (4,7%)
- Imigrante(s): 02 meninos - (9,5%)

3° B (tarde) – Total de alunos: 21 (100%) - Meninos: 11 (52,3%) / Meninas: 10 (47,6%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 00 - (0%)

3° C (Tarde) Total de alunos: 26 (100%) - Meninos: 12 (46,1%) / Meninas: 14 (53,8%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino (3,8%) / 02 meninas (7,6%) – 03 (11,5%)

3° D (Tarde) Total de alunos: 21 (100%) - Meninos: 11 (52,3%) / Meninas: 10 (47,6%)

- Refugiado/a(s): 00 – (0%)
- Imigrantes: 01 menino (4,7%) / 01 menina (4,7%) - 02 (9,5%)

4° A (Tarde) Total de alunos: 26 (100%) - Meninos: 12 (46,1%)/ Meninas: 14 (53,8%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino (3,8%)

4° B (Tarde) Total de alunos: 25 (100%) - Meninos: 14 (56%) / Meninas: 11 (44%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina (4%)

4° C (Tarde) Total de alunos: 25 (100%) - Meninos: 09 (36%) / Meninas: 16 (64%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino - (4%)

4° D (Tarde) Total de alunos: 25 (100%) - Meninos: 09 (36%) / Meninas: 16 (64%)

- Refugiado/a(s): 01 menina - (4%)
- Imigrante(s): 01 menina - (4%)

5° A (Manhã) - Total de alunos: 19 (100%) - Meninos: 10 (52,6%) / Meninas: 09 (47,3%)

- Refugiado/a(s): 01 menino - (5,2%)
- Imigrante(s): 03 meninos - (15,7%)

5° B (Manhã) Total de alunos: 25 (100%) - Meninos: 08 (32%) / Meninas: 17 (68%)

- Refugiado/a(s): 01 menino - (4%)
- Imigrante(s): 02 meninas - (8%)

5ª C (Manhã) Total de alunos: 22 (100%) Meninos: 09 (40,9%) / Meninas: 13 (59%)

- Refugiado/a(s): 01 menina - (4,5%)
- Imigrante(s): 00 - (0%)

5° D (Manhã) Total de alunos: 22 (100%) - Meninos: 11 (50%) / Meninas: 11 (50%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 02 meninos - (9%)

6° A (Manhã) Total de alunos: 27 (100%) – Meninos: 17 (62,9%) / Meninas: 10 (37,1%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino (3,7%) / 01 menina (3,7%) - 02 (7,4%)

6° B (Manhã) Total de alunos: 26 (100%) - Meninos: 11 (42,3%) / Meninas: 15 (57,6%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 00 - (0%)

6° C (Manhã) Total de alunos: 25 (100%) - Meninos: 13 (52%) / Meninas: 12 (48%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 02 meninos (8%) / 01 menina (4%) – 03 (12%)

6° D (Manhã) – Total de alunos: 23 (100%) - Meninos: 13 (56,5%) / Meninas: 10 (43,4%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina - (4,3%)

7° A (Manhã) Total de alunos: 29 (100%) - Meninos: 17 (58,6%) / Meninas: 12 (41,3%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menino (3,4%) / 01 menina (3,4%) – 2 (6,8%)

7° B (Manhã) Total de alunos: 28 (100%) - Meninos: 16 (57,1%) / Meninas: 12 (42,8%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrantes: 02 meninos (7,1%) / 01 menina (3,5%) – **03 (10,7%)**

7° C (Manhã) Total de alunos: 29 (100%) - Meninos: 16 (55,1%) / Meninas: 13 (44,8%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina - (3,4%)

7° D (Manhã) Total de alunos: 30 (100%) - Meninos: 15 (50%) / Meninas: 15 (50%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 00 - (0%)

8° A (Manhã) Total de alunos: 26 (100%) - Meninos: 13 (50%) / Meninas: 13 (50%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 02 meninos - (7,6%)

8° B (Manhã) Total de alunos: 24 (100%) - Meninos: 10 (41,6%) / Meninas: 14 (58,3%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina - (4,1%)

8° C (Manhã) Total de alunos: 28 (100%) - Meninos: 18 (64,2%) / Meninas: 10 (35,7%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 02 meninos (7%) / 01 menina (3,5%) – **03 (10,5%)**

9° A (Tarde) Total de alunos: 27 (100%) Meninos: 11 (40,7%) / Meninas: 16 (59,2%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina - (3,7%)

9° B (Tarde) Total de alunos: 27 (100%) - Meninos: 14 (51,8%) / Meninas: 13 (48,1%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 01 menina - (3,7%)

9° C (Tarde) Total de alunos: 24 (100%) - Meninos: 09 (37,5%) / Meninas: 15 (62,5%)

- Refugiado/a(s): 00 - (0%)
- Imigrante(s): 02 meninos (8,2%) / 01 menina (4,1%) - **03 (12,5%)**

REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS BRASIL. **Quem pode ser considerado um refugiado?** Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/#refugiado>. Acesso em: 1 jul. 2019.

GOOGLE MAPS. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/preview_. Acesso em 27 jun. 2019.

APÊNDICE C – FOLHETO DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS, FAMILIARES E ALUNOS IMIGRANTES E REFUGIADOS (PORTUGUÊS, INGLÊS E FRANCÊS)

EMEF DUQUE DE CAXIAS
Praça Dr. Mario Margarido, 35.
Liberdade – São Paulo - SP
CEP: 01514-020
Telefone: (11) 3209-8283
E-mail: emefdaxias@prefeitura.sp.gov.br

INFORMAÇÕES (Português)

O objetivo deste folheto é informar aos pais, responsáveis e alunos sobre as principais atividades da secretaria e os passos necessários para realizar a matrícula nesta escola.

1. FUNÇÕES DA SECRETARIA

- Fazer cadastros para matrícula
- Fazer declaração de escolaridade
- Fazer matrículas
- Fazer transferências
- Preparar histórico escolar
- Receber atestado médico
- Receber documentação
- Solicitar transporte (Bilhete Único/SPtrans)

2. DOCUMENTAÇÃO PARA INSCRIÇÃO E CADASTRO DE VAGA

Para que o aluno possa fazer a matrícula é necessário antes fazer um cadastro, sendo necessários os seguintes documentos:

- RNE (Registro Nacional de Estrangeiro) ou RG (Registro Geral) ou Passaporte ou Solicitação de refúgio ou certidão de nascimento (país de origem)
- CPF (Cadastro de Pessoa Física)
- Documento de identidade dos pais ou responsáveis, para menores de 18 anos
- Comprovante de Endereço
- Declaração de escolaridade / Histórico escolar
- Telefone de contato

Observações:

- a) Os documentos solicitados acima são apenas para preenchimento de uma ficha, não sendo necessária a cópia dos mesmos.
- b) O cadastro não garante a vaga na escola. Pode acontecer que o aluno consiga a vaga em outra escola.
- c) A EMEF Duque de Caxias atende apenas alunos do Ensino Fundamental I e II (Da 1º série ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), não oferecendo Ensino Médio.
- d) Cópia do passaporte que conste a data de chegada ao Brasil.
- e) No momento do cadastro os pais, responsáveis e alunos (+ 18 anos) irão preencher e assinar uma ficha com os principais dados do candidato a vaga, por este motivo pede-se os documentos acima mencionados.
- f) Será entregue, ao final do preenchimento do cadastro, um protocolo para acompanhar o andamento da matrícula.
- g) A escola informará por telefone se a vaga está disponível. Caso não receba a ligação será necessário ir até a escola para saber sobre a disponibilidade da vaga.

3. DOCUMENTAÇÃO PARA MATRÍCULA REGULAR (Menores de 18 anos)

Uma vez que a matrícula seja disponibilizada, serão necessários os seguintes documentos:

- 01 Foto ¾ do(a) aluno(a)
- Cópia da Carteira de vacinação (SUS)
- Cópia da Certidão de Nascimento e RNE (Registro Nacional de Estrangeiro) ou RG (Registro Geral) do aluno ou Passaporte ou solicitação de refúgio
- Cópia do RNE ou RG e CPF dos pais ou responsáveis
- Cópia do Comprovante de Endereço
- Cópia do CPF
- Cópia do Passaporte com a data de entrada no Brasil
- Declaração de escolaridade / Histórico escolar (Original)
- Telefone de contato ou de recado

4. DOCUMENTAÇÃO PARA MATRÍCULA EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

Uma vez que a matrícula seja disponibilizada, serão necessários os seguintes documentos:

- Declaração de escolaridade / Histórico escolar (Original)

- Cópia do RNE (Registro Nacional de Estrangeiro) ou RG (Registro Geral) ou Passaporte ou solicitação de refúgio
- Cópia do Comprovante de Endereço
- Cópia do CPF
- Cópia do Passaporte com a data de entrada no Brasil
- Telefone de contato ou de recado

Observação:

- I. Os menores de 18 anos somente os pais ou responsáveis poderão fazer a matrícula, devendo apresentar cópia do RG ou RNE e CPF.
- II. Após a matrícula será informado ao aluno a turma e o horário em que irá frequentar.

EMEF DUQUE DE CAXIAS
Dr. Mario Margarido Square, 35.
Liberdade - Sao Paulo - SP
Zip Code: 01514-020
Phone: (11) 3209-8283
E-mail: emefdcaxias@prefeitura.sp.gov.br

INFORMATION
(Inglês / English)

The purpose of this booklet is to inform parents, guardians, and students about the principal's principal activities and the steps required to enroll in this school.

1. SECRETARIAN FUNCTIONS

- Register for registration
- Make statement of schooling
- Enroll
- Make transfers
- Prepare transcript
- Receive medical certificate
- Receive documentation
- Request transportation (Single Ticket / SPtrans)

2. VACANCY REGISTRATION AND REGISTRATION DOCUMENTATION

In order for the student to be able to register, he / she must first register, requiring the following documents:

- RNE (National Alien Registration) or RG (General Registration) or Passport or Refuge Request or Birth Certificate (country of origin)

- Individual Taxpayer Registration (CPF)
- Parent or guardian ID document for children under 18
- Proof of residence
- Statement of schooling / transcript
- Contact phone

Comments (observations)

- a) The documents requested above are only for completing a form, and no copy of them is required.
- b) Registration does not guarantee a place at school. It may happen that the student gets the vacancy in another school.
- c) EMEF Duque de Caxias caters only to Elementary School I and II students. Grade 1 through 9) and Youth and Adult Education (EJA), not offering High School.
- d) Copy of passport stating the date of arrival in Brazil.
- e) At the time of registration, parents, guardians and students (+ 18 years) will complete and sign a form with the main data of the vacancy candidate, for this reason the above mentioned documents are requested.
- f) At the end of the registration form, a protocol will be delivered to monitor the progress of enrollment.
- g) The school will inform by telephone if the vacancy is available. If you do not receive the call you will need to go to school to inquire about the availability of the vacancy.

3. REGULATORY REGISTRATION DOCUMENTS (Under 18)

Once the registration is available, the following photo copy documents will be required:

- 01 Photo ¾ of the student
- Copy of vaccination card (SUS)
- Copy of student's birth certificate and RNE (National Alien Registration) or RG (General Registration) or Passport or refugee request
- Copy of RNE or RG and CPF from parents or guardians
- Copy of Proof of Address
- Copy of CPF
- Copy of Passport with date of entry into Brazil
- Statement of schooling / transcript (Original)
- Contact or message phone

4. DOCUMENTATION FOR EJA REGISTRATION (YOUTH AND ADULT EDUCATION)

Once registration is available, the following photo copy documents will be required:

- Statement of schooling / transcript (Original)
- Copy of RNE (National Alien Registration) or RG (General Registration) or Passport or Refuge Request
- Copy of Proof of Address
- Copy of CPF (SOCIAL SECURITY NUMBER)
- Copy of Passport with date of entry into Brazil
- Contact or message phone

Note:

I. Minors under 18 years old only parents or guardians may register, and must present photocopy of RG or RNE and CPF.(IDENTIFICATION CARD OR SOCIAL SECURITY NUMBER)

II. After enrollment the student will be informed of the class and the time at which they will attend.

EMEF DUKE OF CAXIAS
Place Mario Margarido, 35.
Liberdade - Sao Paulo - SP
Code postal: 01514-020
Tél: (11) 3209-8283
Courriel: emefdcaxias@prefeitura.sp.gov.br

INFORMATIONS

(Francês/ Le français)

Le but de cette brochure est d'informer les parents, les tuteurs et les élèves sur les principales activités du directeur et les étapes requises pour s'inscrire dans cette école.

1. FONCTIONS DU SECRÉTARIAT

- S'inscrire pour l'inscription
- Faire une déclaration de scolarité
- S'inscrire
- Faire des transferts
- Préparer la transcription
- Recevoir un certificat médical

- Recevoir la documentation
- Demande de transport (ticket unique / SPtrans)

2. ENREGISTREMENT DE VACANCE ET DOCUMENTATION D'ENREGISTREMENT

Pour que l'étudiant puisse s'inscrire, il doit d'abord s'inscrire en exigeant les documents suivants:

- RNE (enregistrement national des étrangers) ou RG (enregistrement général) ou demande de passeport ou de refuge ou certificat de naissance (pays d'origine)
- Enregistrement des contribuables individuels (CPF)- Observation ces est nécessaire requirement et le communication avec le ministaire de finance et previdenciee
- Pièce d'identité des parents ou tuteurs pour les enfants de moins de 18 ans
- Preuve d'adresse
- Relevé de scolarité / relevé de notes
- Téléphone de contact

Remarques:

- a) Les documents demandés ci-dessus ne servent qu'à remplir un formulaire, et aucune copie de ceux-ci n'est requise.
- b) L'inscription ne garantit pas une place à l'école. Il peut arriver que l'étudiant obtienne le poste dans une autre école.
- c) L'EMEF Duque de Caxias s'adresse uniquement aux élèves des écoles élémentaires I et II (de la 1re à la 9e année) et à l'éducation des jeunes et des adultes (EJA), n'offrant pas de lycée.
- d) Copie du passeport indiquant la date d'arrivée au Brésil.
- e) Au moment de l'inscription, les parents, tuteurs et étudiants (+ 18 ans) rempliront et signeront un formulaire avec les données principales du candidat au poste vacant, pour cette raison les documents mentionnés ci-dessus sont demandés.
- f) À la fin du formulaire d'inscription, un protocole sera délivré pour suivre la progression de l'inscription.
- g) L'école informera par téléphone si le poste est disponible. Si vous ne recevez pas l'appel, vous devrez vous rendre à l'école pour vous renseigner sur la disponibilité du poste vacant.

3. DOCUMENTATION D'ENREGISTREMENT RÉGLEMENTAIRE (moins de 18 ans)

Une fois l'inscription disponible, les documents de copie photo suivants seront requis:

- 01 Photo ¾ de l'étudiant

- Copie du carnet de vaccination (SUS)
- Copie du certificat de naissance de l'étudiant et RNE (National Alien Registration) ou RG (General Registration) ou Passeport ou demande de refuge
- Copie de RNE ou RG et CPF des parents ou tuteurs
- Copie d'une preuve d'adresse
- Copie du CPF
- Copie du passeport avec la date d'entrée au Brésil
- Relevé de scolarité / relevé de notes (Original)
- Téléphone de contact ou de message

4. DOCUMENTATION POUR L'ENREGISTREMENT EJA (ÉDUCATION DES JEUNES ET DES ADULTES)

Une fois l'inscription disponible, les documents de copie photo suivants seront requis:

- Relevé de scolarité / relevé de notes (Original)
- Copie de RNE (enregistrement national des étrangers) ou RG (enregistrement général) ou demande de passeport ou de refuge
- Copie d'une preuve d'adresse
- Copie du CPF
- Copie du passeport avec la date d'entrée au Brésil
- Téléphone de contact ou de message

Remarque:

- I. Les mineurs de moins de 18 ans, seuls les parents ou tuteurs peuvent s'inscrire et doivent présenter une photocopie de RG ou RNE et CPF.
- II. Après l'inscription, l'étudiant sera informé de la classe et de l'heure à laquelle il assistera.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS

ENTREVISTA: PROFESSORA SOLANGE

ENTREVISTADOR: Você consegue identificar alunos imigrantes ou refugiados na sua sala de aula?

SOLANGE: Esse ano, eu tinha uns dois ou três, mas que já saíram agora. Nesse momento, nós temos assim... É um caminho. Eles vêm, param aqui, ficam um tempo e ou se dirigem para outro lugar, outro país ou outro bairro até mesmo da cidade mais específico, mas definitivo. E nós conseguimos identificar primeiro por causa da linguagem, da comunicação. Então, é a primeira identificação que nós fazemos através da comunicação e depois, nós vamos nos aprofundando mais pra definir.

ENTREVISTADOR: Quais os principais desafios do professor ao receber alunos imigrantes e refugiados?

SOLANGE: Acho que o principal desafio é a comunicação, a linguagem. Porque, nem sempre, nós conseguimos nos comunicar e fazer com que essa criança se sinta acolhida e a vontade. Porque, nós sabemos o quanto é difícil esses alunos imigrantes, refugiados estarem num lugar estranho. Na maioria das vezes, sem o conhecimento da língua, de outro cultura, já vivia situações difíceis e tendo que enfrentar mais uma. Então, a preocupação principal mesmo é com o bem-estar dessa criança dentro da escola.

ENTREVISTADOR: Você recebeu alguma formação da escola, da DRE para lidar com esta situação?

SOLANGE: Nunca. É com conosco mesmo. Então, aqui na escola, nós compartilhamos muito entre os pares e com a coordenação nas nossas reuniões de formação. Dentro da escola é através do compartilhamento e da troca de experiências. O compartilhamento de angústias e tudo mais. Sugestões de trabalho entre nós. Mas, de uma formação específica, nunca recebi. É muito instintivo.

ENTREVISTADOR: você vai atrás de alguma coisa?

SOLANGE: Sim, porque nós temos que suprir esta necessidade. Se não nos é oferecido, nós temos que correr atrás. Porque, não dá pra deixar simplesmente acontecer, porque não acontece. Então, nós procuramos. Fazemos estudos, fazemos pesquisas, vai à internet e

consulta algum colega que já tenha trabalhado com alguma coisa. Nós vamos buscando informações e algum tipo de autoformação. Mas não, eu pelo menos não recebi nenhum suporte da prefeitura de São Paulo em relação ao trabalho com estas crianças imigrantes e refugiadas.

ENTREVISTADOR: Como acontece a acolhida, adaptação e interação destes alunos em sala de aula?

SOLANGE: Então, quando é no começo do ano. Quando eles iniciam junto com a turma, às vezes é um pouco mais fácil porque a turma é uma turma nova. Então, a recepção a todos é igual e nós vamos tentando integrar isso. Quando eles vêm durante o ano levito, no decorrer, eu sempre sou avisada antes que cheguem. E aí, eu procuro preparar a turma. Olha gente, nós vamos receber um aluno que não fala nossa língua. Então, nós precisamos acolher, precisa mostrar a escola, conto com a ajuda de vocês. Nós estamos trabalhando com ele. Tudo mais. Não é fácil. Nenhuma das duas situações é fácil. Porque, nós sabemos que a criança, assim, vem de uma situação muito extremada. Então, tem uma sensibilidade maior, às vezes é muito introvertida, às vezes se torna agressivo. Eu sempre procuro me aproximar devagar. Nós tentamos trazer para aula, alguma coisa que o remeta a nacionalidade. Então, vamos ver onde era o seu país. Mostra pra gente aqui no mapa. Eu lembro uma vez que tive um aluno chinês que não falava. Ele chegou e não falava uma palavra em português. Então, tentando usar um tradutor e tudo, mas nós não vamos. E aí, o primeiro contato depois de um tempo mais perto que tive dele foi isso, quando eu abri o mapa e não foi específico pra ele, mas, se tornou um comportamento meu depois. Eu abri o mapa mundi e ele veio e apontava a China e fala China, China. Que ele tinha vindo de lá. A partir daí, nós tentamos conversar um pouco mais, falar. E a criança foi mostrando depois o mapa do Brasil e daquele momento ele se aproximou um pouco mais. Então, às vezes, é uma coisinha tão pequeninha, que não tem significado, talvez assim, mas que é tão relevante o nosso trabalho. Então, o professor tem que tá muito atento a isso. Como trazer essa criança para perto sem ele esquecer quem ele é.

ENTREVISTADOR: Qual o perfil do aluno aqui da escola?

SOLANGE: São alunos. Eu não sei, a minha visão assim de aluno? Visão geral é difícil, cada um é cada um. Nós dizemos que temos uma comunidade difícil, porque a escola fica num local complicado. Nós temos muito violência [por aqui]. Eles vivem em situação de risco, mas são meus alunos e são crianças. Chega aqui, são eles. Então, com suas peculiaridades, nós não podemos ter uma [única] forma de agir. Nós, professores, também temos que estar abertos e

atentos para perceber de que maneira nós temos tratado e agido com aquela criança, mas eu acho que todos são alunos. Sempre em primeiro lugar o respeito e o carinho. O que significa que nós não possamos ser firmes, acolhedores, mas seguros. As nossas crianças são crianças que querem aprender, que precisam de um estímulo, mas não tem um estímulo familiar. Então, isso se torne um pouco mais difícil pra gente trabalhar, mas que cabe a nós estimular e levar pra frente.

ENTREVISTADOR: Como a presença de alunos imigrantes e refugiados impacta no dia a dia da escola?

SOLANGE: Eu acho que torna o trabalho mais desafiador, mas rico porque nós trabalhamos com culturas diferentes. Nós trazemos pro nosso dia a dia uma diversidade que nós trabalhamos tanto e que, eu acho que é tão importante para o nosso crescimento como pessoa, como ser humano. Então, os aspectos culturais, os aspectos de valores, de saber respeitar as diferentes culturas, as diferentes formas, as diferentes pessoas. Os valores como aceitação, respeito, desenvolver a solidariedade e, além, do enriquecimento pedagógico. Que você aproveita aquela criança, aquela história. Você trabalha a história em si, geografia e tudo mais. Então, é muito trabalhoso. É complicado. Às vezes é desesperante, porque você não sabe como vai trabalhar com aquela criança, que você não consegue uma comunicação, mas, ao mesmo tempo, é isso, é muito desafiador e enriquecedor.

ENTREVISTADOR: A questão da rotatividade [dos alunos] me parece que acontece muito. Isto quebra o trabalho do professor?

SOLANGE: Sim, quebra. Porque, você começa a desenvolver uma linha e aí, às vezes, você tá vendo que a criança tá começando a se adaptar, tá começando a aprender sai. Então, para professor é frustrante, porque nós estamos desenvolvendo um trabalho e vê esse trabalho quebrado e eu acredito que sim. A criança leva algum conhecimento, mas iniciar este trabalho em outro lugar, esse trabalho pedagógico em outra escola é um outro reinício para ela. Então, está questão da rotatividade é complicado, porque nós não só perdemos como entra muita criança no decorrer do caminho. Então, você tem toda uma linha pedagógica na sala. Você está desenvolvendo um trabalho, aí, de repente, lá no meio do ano entra uma criança que você tem que especificamente com ela dar um início. Então, pedagogicamente também é complicado.

ENTREVISTADOR: Você teria alguma sugestão para propor para a escola sobre o fenômeno migratório?

SOLANGE: Aqui na escola, como nós recebemos muitos imigrantes e tudo. Nós sempre estamos procurando, entre a gente, as melhores maneiras de trabalhar com isso. E eu acredito que é mesmo através do grupo, das trocas de experiências, dos estudos pedagógicos, nós temos que sempre tá juntando teoria e pratica pra seguir. Então, talvez formalizar talvez um estudo. Porque, o que fazemos é informal. Nosso estudo é super informal. Então, talvez, formalizar um pouquinho isso. Porque, aí, nós conseguimos. Eu acho. Organizar melhor tanto as ideias quanto o trabalho.

ENTREVISTADOR: O que é que você sonha para seus alunos?

SOLANGE: Que eles consigam se realizar, encontrar seu caminho. Consigam trabalhar, desenvolvam valores, sejam felizes. Só isso.

ENTREVISTADOR: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

SOLANGE: Eu acho que a educação é muito difícil de nós a exercermos e eu gostaria muito que nós tivéssemos mais apoio. Apoio de governo, apoio estatal. Para nós conseguirmos seguir em frente.

ENTREVISTA: PROFESSORA MARGARETH

ENTREVISTADOR: Qual o perfil do aluno aqui da escola?

MARGARETH: Meu aluno... Eu tenho alunos, na verdade, com diferentes características. Nós conhecemos muitos alunos nordestinos. Nós temos recebido um público de imigrantes muito significativo. Nós temos alunos que não permanecem muito tempo na escola. Dificilmente meu aluno vem do primeiro ano até o nono ano na mesma escola. Eles, às vezes voltam pro Nordeste ou voltam para país de origem ou não permanecem na região central, porque morar na região central é muito caro. Então, tem muitos alunos que vem aqui, ficam aqui um ou dois anos depois acabam indo pras periferias da cidade. Porque, apesar desta região ter algumas questões de vulnerabilidade, é uma região muito cara pra se morar. Então, às vezes, é uma moradia transitória. O meu aluno também é aquele aluno que precisa de muita atenção, porque, às vezes no contexto familiar falta um pouco disto. É um aluno carente, às vezes, até de uma escuta, mesmo não necessariamente no aspecto financeiro, mas com relação

ao aspecto financeiro também, mas eles têm muita carência de atenção precisam muito deste respaldo. Falta muito um projeto de políticas públicas aqui no centro pra ajudar e pra auxiliar nesse processo. Porque, tanto meus alunos que são migrantes e refugiados, que também precisam deste respaldo, não tem essa, não tem um projeto de política pública. Nós fazemos a acolhida na medida do possível, quando eles chegam aqui, muitas vezes com o desafio da língua. Nós temos uma questão muito significativa que é a língua, e essa, esse comunicar com esse adolescente com essa criança, às vezes, é um grande desafio. Eles falam francês, alguns falam inglês. Então, de modo geral, nós precisamos sempre estar observando todas estas características. Então, o menino que vem pra cá e ele é refugiado, veio com a família, tem um sofrimento emocional de deixar parte da família lá, de ter que lidar com uma nova cultura. Nós tentamos fazer esse acolhimento, mas precisamos ir muito além dessa acolhida que é feita. E, principalmente, em relação com idioma, que é um desafio bem grande de conseguir se comunicar com eles. Até porque, às vezes, eles têm uma boa proficiência na língua materna com relação até a aprendizagem só que chega aqui no Brasil, como nós não temos esse... Falta essa ponte, esse canal. Até porque, o professor também é difícil de falar quatro, cinco, seis línguas. Nós não conseguimos, talvez, fazer essa acolhida da forma que deveria ser feita, mas, também, faltam políticas públicas. Porque, simplesmente trazer o refugiado para Brasil é ótimo, mas precisa acolher de verdade. Não é só jogar ele aí. Nós temos aqui em frente da escola uma igreja chamada Nossa Senhora da Paz, que faz um trabalho bem interessante com esse pessoal imigrante, mas que também tá bem precário. Ao mesmo tempo, que tem uma acolhida... Mas, por exemplo, tive alunos meus que residiram lá um período nesta igreja e que ficam dormindo situação quase que situação de rua. Porque, eles dormem no chão, com um mínimo de conforto, todo mundo meio que aglomerado. Então, sim. Falta ainda muita política pública. Pensando... Estamos acolhendo, legal. Que ótimo que eles estão aqui. Nós precisamos fazer isto. Eu acho que é um papel humanitário, mas precisa ser feito de uma forma melhor. Não tem sido feito da forma que... Para tornar essa pessoa acolhida mesmo. Eles vêm pra cá, tecnicamente são acolhidos, mas falta acolhimento. Não existe um acolhimento de verdade. Não com relação à escola. Na escola nós fazemos tudo o que está dentro de nosso alcance, mas, com relação ao entorno mesmo. Quando eles vêm morar aqui no Brasil, por exemplo, muitos deles vão morar nas moradias provisórias, que são os cortiços no entorno. São moradias que não tem saneamento básico, são moradias que não tem um espaço restrito, que a pessoa pode ter sua intimidade preservada. Então, tudo isto acaba de alguma forma, não garantindo os direitos da pessoa, enquanto ser humano. De ter oportunidade de crescer, de estudar. Então, tudo isso acaba, e agente percebe isto, eles ficam

aqui por um tempo só de modo geral. Alguns permanecem, mas geralmente aqui é um momento transitório.

ENTREVISTADOR: Neste sentido, a escola fica localizada na região central da cidade de São Paulo na qual é possível perceber uma concentração de imigrantes: chineses, japoneses, haitianos, colombianos, venezuelanos, entre outros. Este aspecto da diversidade étnica também se faz presente dentro da escola?

MARGARETH: Na escola sim. Nós temos uma diversidade bem grande. É flutuante, igual, eu já disse. Em alguns momentos, nós acabamos atendendo um público maior de haitianos, venezuelanos e colombianos. E é bem flutuante. Mas, é sim, é uma coisa que tem acontecido e nós temos que sempre estar buscando alternativas para conseguir fazer a comunicação. Porque, é um momento inicial, nós estávamos numa discussão com os professores numa reunião, ele falava: estou tentando usar agora o *Google* tradutor para ver se auxilia neste processo de acolhimento. Nós temos tentado algumas alternativas, mas nem sempre são suficientes. Porque, eles ficam aqui só quatro horas do dia deles, quatro, cinco horas no máximo. E, às vezes, alguns frequentam projetos ficam um pouco mais. Mas, o resto do dia, onde eles ficam? Eu tinha um aluno meu, venezuelano, que residia aí na igreja da Paz e que, ele durante o dia ficava meio que perambulando pelo centro porque, não tinha um lugar para ser acolhido. Como lá é um lugar de dormitório, pra dormir, e não é culpa da Igreja. Porque, a Igreja está fazendo o máximo que ela pode. Na verdade, é o poder público que precisa uma política e para melhorar estas questões, mas ele não tinha onde ficar. Então, em alguns momentos ele fala. Eu vou passar um pouquinho do horário, aí eu fui. Porque, depois eu não tenho onde ficar. Não tem como voltar para igreja tão cedo assim pra dormir. Se você for do outro lado, dependendo do horário que você vai do outro lado da igreja você percebe que tem um monte deles sentados ali, de forma aleatória. De alguma forma, como nós estamos numa região que tem questões de vulnerabilidades sociais muito fortes, acaba sendo um alvo muito fácil para questões que não são muito adequadas ao contexto social. Se você pensar, até a questão da criminalidade mesmo. É uma coisa que eles ficam muito a mercê, porque, já que eles estão ali, são de modo geral. A migração começa com homens. Então, agora que estão chegando às mulheres e tudo mais. Mas, inicialmente, nós só víamos haitianos, por exemplo, imigrantes masculinos e, agora, com o tempo, quando eles vão se estabilizando, eles vão trazendo as esposas ou namoradas e famílias. Mas, de modo geral, nós percebemos que são homens que migram e, de alguma forma, eles ficam muito vulneráveis. E, às vezes, eles são

de alguma forma, levados a outros contextos que não são legais. São bem complicados mesmo.

ENTREVISTADOR: Pode-se observar que na escola existem várias mensagens de boas-vindas escritas em outras línguas, entre elas inglês, espanhol e árabe. Diante disto, gostaria de entender um pouco mais sobre como é feita a acolhida dos alunos imigrantes.

MARGARETH: Então, a acolhida dos alunos imigrantes, de modo geral, nós temos... Na verdade, é um processo que está sendo desenvolvido ainda, tá sendo criado. Inicialmente, nós não tínhamos muito como fazer, era meio no tato. Agora, nós temos feito assim: nós temos alguns alunos que já estão aqui, já falam português muito bem. Então, de alguma forma, nós sempre procuramos esses alunos pra fazer esta intermediação da linguagem. Por que o professor... E outra coisa que nós temos buscado agora, até no conselho de classe nós conversamos sobre isso. O aluno que tem origem haitiana. Tem um aluno na sala tal que é haitiano também. Então, nós vamos colocar, buscar fazer a matrícula ou pelo menos mudar esse aluno de sala e colocar ele junto com outro aluno que fale a mesma língua que ele. Por que isso? Com o objetivo de minimamente conseguir se comunicar com ele. Porque, ele chega numa sala de aula fica escutando quatro horas, cinco horas português, sem falar nada de português acaba causando sofrimento para ele também e para o professor. Porque, o professor também quer conversar com esse aluno, quer saber um pouco mais. Então, nós temos chamado esses meninos, que já têm proficiência da língua portuguesa, para nós ajudar nessa acolhida. Então, não é certo que nós conseguiremos fazer esta acolhida, mas é, de modo geral, nós acabamos esperando um pouco e junta eles e traz um menino que fale a língua deles pra conversar um pouco. Então, pra saber um pouco mais de onde ele veio e como é que é e como está sendo aqui, onde ele mora, saber um pouco mais da história.

ENTREVISTADOR: Ele faz a matrícula e você agenda uma reunião com ele ou com os pais?

MARGARETH: Não isso, não. Porque, eu não tenho essa... Na verdade, a escola tem um fluxo de alunos muito grande e não dá pra fazermos um agendamento com cada família que faz uma matrícula, não é possível, mas quando ele já está na escola nós fazemos essa conversa com ele, com o aluno. Até porque, de modo geral, nós descobrimos que ele fala português ou não quando ele está na escola. Porque, às vezes, ele vem, de origem haitiana, mas ele já está no Brasil há um tempo. Então, de alguma forma, ele já tem proficiência em português. Então, ele se dá super bem com as crianças. Mas, quando ele não tem essa proficiência, nós

buscamos esses caminhos que são os alunos que falam a língua para ajudar nesse intermédio de conversa. Nós falamos um pouquinho da rotina, como funciona a escola e tudo mais. E, outra coisa, nós estamos buscando. Porque, nós sabemos que apesar de fazer isto daí, ainda não é o suficiente. Nós precisamos fazer um trabalho mais efetivo. Então, como nós queremos fazer no segundo semestre? Então, uma das coisas que nós estamos pontuando é pensar no seguinte: esse menino chegou, então, o que nós podemos fazer? Então, de repente criar um grupo, pra que ele possa participar. Para que nós possamos conversar e possamos descobrir um pouco mais. E, pensando nesses meninos, que também falam a língua deles para fazer intermédio. Porque, fica difícil conversar e tudo mais. O que nós percebemos é que, quando eles chegam são muito tímidos. Uma nova cultura é difícil pra eles. E aí, se nós não tomarmos cuidado em acolher, pode até, de alguma forma, depois com o tempo eles vão embora. Só que assim, o que nós percebemos também isso, o aluno vem, vários alunos. Eu tive uma aluna que falava inglês. Eu acho que, não me lembro direito, mas acho que ela veio na época em que eu era professora dela. Acho do Haiti. Acho que foi e ela ficou seis meses. Tem outro aluno também que veio, ficou quatro meses. Então, tem essa flutuação. Então, eles não permanecem aqui. Tem um ou outro que permanece. Tinha uma menina que estava aqui, acho que a três ou quatro anos, e agora ela foi embora para o Canadá. Então, tem essa migração deles parece uma coisa meio sem fim. Eles vão buscando um lugar que acolha melhor. Em alguns momentos é uma oportunidade nova de repente ir para um outro país, eles acabam indo. Então, não é sempre que eles permanecem aqui. Não vou falar assim, meu aluno imigrante, ele chega no primeiro ano e vai até o nono. Não, isso não acontece. Eles chegam na série, vão chegando e ,às vezes, tem aluno que fica três meses, tem aluno que vão ficar só, sei lá, dois anos. Depende. Depende muito do contexto familiar. Esse meu aluno que residia na igreja da paz, ele ficou aproximadamente cinco, seis meses na escola e depois ele foi embora, porque ele... O relato dele era assim: a minha mãe vai vir, mas morar no centro é muito caro. Então, meu pai achou um lugar pra gente morar lá na zona leste e a gente vai se deslocar para lá. Então, provavelmente, este fluxo migratório, ele já tá se deslocando para a periferia de São Paulo. Isso é possível.

ENTREVISTADOR: Aqui (a escola) é um ponto de chegada?

MARGARETH: Isso. É um ponto de chegada. Por conta da acolhida que tem na igreja, por conta desta região central. Então, assim, quando você chega numa cidade igual a São Paulo, você procura um lugar que tem outras pessoas. Pra você ser acolhido, mas com o tempo eles percebem que aqui é muito complicado viver com relação à vulnerabilidade social, com

relação... Até trabalho também. Às vezes eles migram para outros estados, outras cidades. Então, é bem provisório mesmo essa moradia aqui no centro.

ENTREVISTADOR: A partir de dados levantados dos prontuários dos alunos, chegou-se aos seguintes números: Dentre os 801 alunos que compõem o Fundamental I e II, 25% são migrantes, no EJA, que possui 191 alunos, a porcentagem chega a 50%. Como esta realidade impacta a dinâmica escolar? Quais são os desafios que se apresentam para esta escola?

MARGARETH: Então, essa dinâmica impacta significativamente, porque a questão da língua vai pegar. Nós temos sala de aula, por exemplo, do EJA, que são quase todos os alunos são imigrantes. Então, como é que você se comunica com eles? As professoras estão ali tentando também. Tem um aluno que já fala português. Então, vamos buscar esse aluno ou tem aquele aluno naquele grupo de imigrantes que fala um pouquinho de português, e, nós, pegamos ele para ajudar a fazer a comunicação com os outros, mas que é um desafio muito grande mesmo.

ENTREVISTADOR: São muitas frentes que a escola atua.

MARGARETH: Sim, sim, a escola não consegue... Na verdade, não faz parte das atribuições de uma escola de Ensino Fundamental. Talvez, um convênio com uma Universidade Pública. Alguma coisa que facilitasse essa tradução destes documentos que é uma coisa bem complexa para eles. Que eles chegam aqui, com alguns documentos, geralmente, nós aceitamos a matrícula, porque o direito dele é estar na escola. Então, com o passaporte, aí depois ele vai fazer o RNE (Registro Nacional de Estrangeiro), e às vezes demora, ele fica com o protocolo um tempão. Esse protocolo, até você conseguir tirar o RNE demora muito tempo. E tudo isso é gasto. Em alguns momentos, quando eles vão para a Polícia Federal, eu sei por que eu sou casada com um estrangeiro, e aí, o que acontece? Você ir para a Polícia Federal pra fazer a documentação, gasta muito tempo, muito dinheiro. E, às vezes, você é muito mal atendido lá. Se você fala que num contexto de escola não tem acolhida, imagina lá da Polícia Federal que precisaria fazer a acolhida porque, em qualquer país sem documentação você não é um cidadão. Eles ficam muito tempo sem documentação, uma documentação precária. Agora tem umas ONGs que fazem este trabalho, mas ainda não é o suficiente. Nós nos deparamos com situações: cadê o prontuário desse menino? O que tá faltando? Falta muita coisa, porque realmente eles não têm noção. Eles não falam a língua. A documentação fica difícil de tirar. Então, fica tudo mais complexo. Mas, o fato de 50% dos nossos alunos do EJA e 25% dos

alunos do ensino regular serem de outra origem, de outros países, impacta bastante. Impacta, porque estamos criando uma nova cultura dentro deste contexto, porque, de alguma forma, nós temos que acolher a cultura deles. Até que ponto nós acolhemos? Nós já tivemos algumas discussões em nossas reuniões, por exemplo, com relação à alimentação. Qual o dia da semana que se dá uma alimentação mais próxima da alimentação que eles têm no país de origem? Então, não tem isso. Eles acabam tendo o que comer o que nós comemos.

ENTREVISTADOR: Não tem um cardápio específico para eles.

MARGARETH: Isso. Apesar de nós termos estas peculiaridades na escola. Então, eles acabam se adaptando. Você acaba comendo porque a fome vem. Então, come. Mas, nem sempre a pessoa está acostumada a comer aquelas coisas que se come aqui no Brasil. Então, tem esse trabalho, apesar de ter essa característica. A escola é realmente uma escola que tem muitas pessoas de origem de outros países, mas que não tem essa... E aí, é uma questão de política pública.

ENTREVISTADOR: No entorno (da escola) já tem lugares com nomes estrangeiros?

MARGARETH: Tem. Porque, de alguma forma, alguns estrangeiros, que já estão aqui há algum tempo, estão se apropriando do comércio. Então, nós percebemos que tem uma galeria (próxima à escola) que tem vários boxes que eles vendem produtos locais (do próprio país de origem). Tem agora alguns agentes de saúde que são... Tinha uma agente de saúde haitiana que fazia esse trabalho. As agentes de saúde também não falava a língua deles. Então, precisava deste intermédio. Só que nós percebemos que, dependendo do poder aquisitivo, tem uma acolhida diferente, até no próprio sistema de saúde. Se você for lá, na UBS (Unidade Básica de Saúde) que tem próximo aqui da escola, a acolhida dos imigrantes chineses é diferente da acolhida dos imigrantes haitianos, colombianos, venezuelanos. Os chineses quando chegam lá, eles furam a fila. Eles acessam a saúde de uma forma mais tranquila do que esses outros. Então, falta política pública para isso também.

ENTREVISTADOR: Como a escola identifica quem já foi ou é refugiado quando não possui documentação que indique tal dado?

MARGARETH: Então, esse tal dado conseguiria de forma mais precisa com o pessoal da secretaria. Eu consigo pela fala, pela conversa. Depois de um tempo, quando ele tem vínculo, ele consegue partilhar algumas coisas. Mas, sem a documentação, o cadastro dele é feito e depois nós aguardamos. De alguma forma, a pessoa acaba falando porque vai explicar, porque

ele não trouxe o documento, que é a primeira coisa, os requisitos para fazer a matrícula é a documentação. Só que, em alguns momentos, nós fazemos sim, sem documento. Porque, nós estamos aguardando todo esse processo de tramitação da emissão dos documentos, que é lento.

ENTREVISTADOR: Com o tempo ele (o aluno) vai criando laços e vai se abrindo?

MARGARETH: Sim. Eles se abrem. Nós começamos a conversar quando estamos em sala de aula. Nós conseguimos fazer este diálogo e saber um pouco mais. Só que não é muito rápido isso. Demora um pouco. Porque, de alguma forma, pra eles não é fácil também chegar nesse novo contexto. Até porque, geralmente tem a barreira da língua, uma das barreiras principais que acontecem. Fala-se que o povo brasileiro é acolhedor? Ele é acolhedor, só que acontece a barreira da língua e é bem significativa. Mas, se você queria acolher, só os gestos, uma hora falta, para você poder acolher aquela pessoa de verdade e ela se sentir acolhida. Porque, não são todos os gestos que são universais também. Então, só simplesmente olhar para essa pessoa não é o suficiente para você acolher. Você precisa se comunicar com ela e, às vezes, fica difícil.

ENTREVISTADOR: Uma vez, em uma entrevista, uma congoleza falou: “O Brasil abre portas, mas fecha janelas”. É nesta perspectiva que você entende?

MARGARETH: Eu acredito que sim. A emissão de documentos é difícil. É, de fato, o Brasil não tá dando conta nem das próprias questões de vulnerabilidade locais. Então, é claro que nós precisamos acolher esse pessoal. Mas, de alguma forma, o nosso sistema de saúde ele já é sobrecarregado. O nosso sistema educacional tem muitas questões que precisam melhorar. Então, quando nós recebemos esse pessoal, nós também precisamos dar conta das migrações que existem no próprio Brasil. Nós recebemos muitos alunos que vem do nordeste, por exemplo, que vem em situação semelhante ao refugiado de outro país. Ele vem sem ter um lugar para morar. Ele vem sem ter uma perspectiva de trabalho adequando, às vezes, eles vão para o mercado informal, vão trabalhar como ambulantes.

ENTREVISTADOR: Quais são os principais desafios e conquistas, que você percebe, em relação à adaptação dos imigrantes e refugiados na escola?

MARGARETH: O desafio principal que pega mesmo é a língua. Eu acho que essa... A nova cultura. Eu acho que um desafio pra escola e pra eles. Eles, às vezes, não tem moradia. É, muitas vezes, também eles estarem aqui com um tio, com a tia e não com a mãe e com o pai.

Isso também é um desafio porque, nós temos dificuldade de às vezes acessar esse contexto familiar para entender como funciona e pra que este contexto familiar de alguma forma acabe implicando em algumas questões, como eu estava em sala de aula em alguns momentos, já faz tempo isso. Nós presenciamos situações em que a menina falava que apanhava muito e isso fazia parte do contexto cultural deles e que, de alguma forma, nós pontuamos para que se isso acontecesse de novo, aqui no Brasil funciona diferente. Nós precisamos comunicar a um órgão responsável. E, pelo menos depois, ela parou de relatar isso. Mas é uma coisa que é uma parte cultural deles que é uma questão de bater para resolver as questões. Existe uma questão bem forte, que as famílias batem muito e, às vezes, nestas crianças que são... Porque, eles querem um comportamento muito... Muito, como dizer? Dentro de uma perspectiva muito fechada. Às vezes, a criança chega ao Brasil quer se comportar igual às crianças daqui e acabam em...

ENTREVISTADOR: Um choque cultural.

MARGARETH: Sim. E as famílias não compreendem muito bem. Eu não sei como funciona exatamente lá nos países de origem, mas, em alguns momentos, acontece esse choque. Então, a questão da moradia, a questão da língua, a questão... De algumas questões culturais relacionadas à forma de cuidar desse comportamento desse filho, dessa criança por meio de força física que nós tentamos estar sempre mediano e explicando que aqui não funciona deste jeito. Pelo menos não deveria funcionar. Existem famílias brasileiras que também batem nos filhos, mas a agente sempre tá observando e conversando. Isso não pode acontecer. Não dá pra resolver desta forma. E aí, você falou desafios... E o outro era?

ENTREVISTADOR: Conquistas?

MARGARETH: Com relação à conquista, eu penso essa coisa da acolhida, nós conseguimos entender é um pouquinho mais como funciona a dinâmica deles. Porque, já que tem um tempo que nós estamos aqui, acolhendo esses meninos, nós começamos a entender como essas famílias funcionam. E mesmo as meninas da secretaria, elas já percebem que quando começa... Não conseguem falar sabe que é estrangeiro aí você vai lá tentando se comunicar. Nós tínhamos um professor que falava francês e ele fazia esse intermédio na secretaria, mas ele se aposentou. Mas, eu acho que é isso. Nós estamos aprendendo. É um processo ainda está bem embrionário mesmo. Precisa aprender muita coisa. Porque, para acolher de verdade eu acho que o principal seriam políticas públicas para ajudar a fomentar a formação da gente como profissional pra gente acolher de uma forma mais adequada mesmo.

ENTREVISTADOR: Os imigrantes e refugiados estão integrados na escola com os colegas, professores e funcionários? Quais as dificuldades que se apresentam nesta situação?

MARGARETH: Eu percebo que eles estão integrados sim. Por quê? Porque, eles participam de projetos. Eles tentam se comunicar. Eles são aqueles que não faltam na escola. Então, nós percebemos que tem alunos nossos, brasileiros, que faltam demais. Tem uma flutuação na presença, mas com relação... Os migrantes não. Eles vêm, principalmente quando eles são de origens... É o Haiti, eles são bem comprometidos. Alguns de origem africana também são bastante comprometidos. É interessante isto, porque tem um compromisso bem maior com a escola do que nossos próprios alunos [brasileiros]. Eles vêm, eles não faltam. É..., Se tem reposição por conta de um contexto de greve, no final de semana, no sábado, eles vêm também.

ENTREVISTADOR: Fale-me um pouco dos projetos.

MARGARETH: Então, de final de semana nós trabalhamos com oficinas e essas oficinas nós separamos, mais ou menos, por faixa etária: os primeiros, segundos, terceiros e quartos, quinto, sexto, sétimo e nono anos. Então, tem uma separação mais ou menos em agrupamentos. E aí, nós temos oficinas que trabalha a questão do brincar, tem oficinas que trabalham jogos, e brincadeiras relacionadas ao contexto esportivo mesmo. Tem oficinas de dança, tem capoeira. Nós temos oficina que trabalha a parte da informática. Tem uma oficina que nós chamamos de UAEL que é da prefeitura, que é um projeto... Nós temos alunos migrantes nesse projeto também. Refugiada também tem uma menina refugiada que faz esse projeto. E é ótima, ela já tem uma proficiência na língua portuguesa muito boa. Então, ela participa do momento... Quando tá falando das poesias, fazendo as citações de poesias e tudo mais, citações e é muito bacana. E o que mais nós temos feito na escola?

ENTREVISTADOR: As oficinas acontecem todos os sábados?

MARGARETH: Até outubro [de 2019] acontecerá, todos os sábados vão acontecer. Por quê? Porque, nós tivemos um período grande de greve. Então, vai ter até outubro mais ou menos começo de novembro, todos os sábados. E aí, eles estão vindo. Teve oficinas também na área de história, com o professor. Tem várias oficinas mesmo. E aí, tem o pessoal de matemática que estava trabalha um pouco na étnico-matemática também. Então, tem sido bacana.

ENTREVISTADOR: É discutido com professores, gestores e funcionários a questão migratória?

MARGARETH: Então, nós temos algumas formações, alguns professores. O que falta também é dentro do contexto da prefeitura seriam possibilidades. Porque, nós falamos de professor que às vezes acumula cargo. Então, ele está aqui de manhã e a tarde ele está em outra escola. E, às vezes, a noite está em outra escola. Então, assim, se você não tiver uma política pública para possibilitar que este professor tenha a sua formação trabalhando ele não vai atrás da formação porque não tem tempo. Ele precisa manter a vida dele. Então, nós percebemos que ainda tá muito inicial. Essa questão. Essas discussões. Nós temos algumas formações que vem de DRE (Diretoria Regional de Educação) que são relacionadas a essa dinâmica, mas que ainda são bem pontuais.

ENTREVISTADOR: A DRE prepara algum material?

MARGARETH: Teve algum material. Nós fazemos uma formação, mas que ainda é muito inicial. Acho precisa ir além. Tem matérias que são produzidos pelo departamento de Recursos humanos ou departamento de humanidades, tem um nome. Tem departamento na prefeitura que fala dessas questões, mais ainda não é muito... Pelo menos eu não conheço. Eu desconheço qual a profundidade que são essas... Porque, assim, com os professores, nós temos alguns momentos nas nossas reuniões. Nós temos reuniões de segunda e quinta, fazemos um debate. Porque, nós estamos trabalhando com esses alunos. Então, nós falamos sobre acolhida e falamos sobre como lidar com o desafio da língua, com vai lidar com outros desafios até de questão cultural, de comportamento, de... As interações interpessoais ali? Como é que tá acontecendo? Será que, de alguma forma tá impactando? De modo geral, esses meninos que vêm de outras origens não impactam de forma negativa. Eles são assim, meninos muito mais tranquilos. Eles são... As artes que eles fazem, com relação ao comportamento, são coisas de criança, não são coisas assim muito graves. Então, de alguma forma, eles não causam grandes impactos relacionados ao comportamento. Eles participam. Eles são participativos, eles tentam fazer as coisas. Então, de modo geral, tem essa característica do nosso imigrante, aqui no nosso...

ENTREVISTADOR: Os funcionários recebem alguma informação ou treinamento para lidar com esta situação da imigração?

MARGARETH: Na verdade, nós precisaríamos sistematizar esse treinamento. Um projeto maior mesmo. Mas existem conversas. Com os professores eu consigo. Mais aí, o que

acontece? Não são todos os professores que fazem parte dessas reuniões, porque o professor que tem a carga total. E aí vai, de alguma forma, essa política pública precisa conversar com essa questão com o professor numa escola só. O professor com melhores condições de trabalho, com melhores salários, para que ele conseguisse não acumular e que conseguisse se dedicar mais ao estudo também. Pra conseguir fazer um trabalho mais qualificado. Eles tentam fazer muitas coisas e eles fazem bastante coisas relacionadas ao projeto a acolhida, mas poderia ser melhor se tivesse essa política de acolhimento também com relação a própria prefeitura.

ENTREVISTADOR: Frente à crise humanitária dos refugiados, como a escola, que possui pessoas em situação de refúgio, vem se preparando para enfrentar tal desafio?

MARGARETH: Então, de alguma forma, a escola, nós ainda não estamos nos preparando. Não está preparada para isso. Eu sinto desta forma. Porque, nós precisamos avançar muito no movimento de acolhida. E aí, eu penso não na escola, eu penso que isso vai além da escola. Porque, quando eu falo de escola, eu falo de aprendizagem. E aí, em relação à aprendizagem, nós sempre estamos fazendo atividades pra dar conta dessa aprendizagem. Mas quando este menino sai daqui e fica o dia inteiro perambulando não é uma questão escolar é uma questão de política pública. Cadê a moradia desta criança? De repente, o pessoal da psicologia dá uma mão pra orientar. O pessoal da assistência social pra... O pessoal da saúde para acolher melhor. Então, não é só a escola. A escola é a pontinha do Iceberg. E aí, principalmente porque ele fica muito pouco tempo na escola. Se ele ficasse mais tempo, será que resolveria? Não sei, porque ele teria que voltar pra casa que não é uma casa, que é uma moradia provisória, que é uma moradia de transição. Então, de alguma forma, a escola dá conta de um pouquinho da aprendizagem. Porque, de modo geral, os meninos chegam aqui e depois que eles aprendem a língua, eles dão conta da aprendizagem. Eles são espertos. Eles se desenvolvem, são muito desenvoltos. Mas quando você fala sobre as outras questões, acho que precisa melhorar muito.

ENTREVISTADOR: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

MARGARETH: Eu acredito que sim. Nós podemos melhorar bastante essa acolhida. Eu acho que tem muito a caminhar. Eu acho que só receber o refugiado, o imigrante, não é o suficiente. Isso não é... Você colocar ele num chão de uma igreja pra dormir, não é o suficiente. Você colocar ele numa moradia que não tem saneamento básico, também não é o suficiente, entendeu? Ele chegar numa UBS (Unidade Básica de Saúde) ele ser maltratado,

também uma coisa que precisa ser vista. Então, até como sugestão. É claro que nós falamos sobre o contexto escolar com essa acolhida, mas talvez uma sugestão para uma pesquisa futura: como é essa acolhida num sistema de saúde? Que é uma questão bem puxada. Você percebe que é uma pessoa que não fala a língua. Tá doente, sentido uma dor. Quem é que acolhe ele? Quem conversa com ele? Entende o que tá acontecendo ali? Ou ele não é acolhido é simplesmente tratado como qualquer um. Então, assim, acho que precisa ter uma reflexão. Nós precisamos receber estas pessoas, é o nosso papel, humanitário. Mas precisa receber de uma forma mais qualificada. Por que se não, de alguma forma, a espaço vai ser um espaço transitório, nunca vai ficar. E aí, eles já saíram dos países de origem com todo o sofrimento e vão pra outro país sofrer também?

ENTREVISTA: PROFESSORA IOLANDA

ENTREVISTADOR: O que é necessário para que um aluno imigrante possa efetuar a matrícula?

IOLANDA: Falar a verdade, é só quase que só vir um responsável aqui. Normalmente, assim, nós pedimos o quê? Que se puder vier os pais, que é responsável legal. Que venha com o que tiver de documento. Se tiver RNE (Registro Nacional de Estrangeiro), perfeito. Já facilita um pouco. Normalmente, nós pedimos o passaporte também. Por causa da data de entrada no país, nós precisamos disso no cadastro, porque nós não conseguimos fazer sem. E o que tiver de comprovante de residência, documentação dos pais, escolaridade também. Às vezes, o aluno já estudou em outro lugar dentro do Brasil mesmo ou fora, o que tiver de documentação. Isso é pensando na documentação do tipo da situação ideal, que nós tenhamos todos os documentos. A carteirinha de vacinação também na hora da matrícula, mas muitas vezes não tem. Às vezes o próprio aluno brasileiro, não tem ainda mais quando é estrangeiro, que às vezes, muitas vezes nós temos conhecimento que saiu até de seu país de origem sem os documentos e ou não conseguiu todos aqui ainda no Brasil. Então, assim, vai à medida do possível. Realmente, o que nós não conseguimos é sem nenhum documento, pelo menos, pegar o nome, os dados. Mas, nós, realmente, pedimos o que eles puderem trazer aí facilita mais pra formar todo prontuário dele. Agora, o que tiver realmente, nós aceitamos.

ENTREVISTADOR: Quais os principais desafios da secretaria ao receber imigrantes e refugiados?

IOLANDA: Língua. O idioma. Ontem mesmo, só que neste caso não era um dos alunos regulares, foi na segunda-feira que chegou realmente uma senhora, ela era do EJA, nós não tínhamos a menor ideia do que ela estava falando. A sorte, de certa forma nossa é que na sala praticamente todos os documentos já aqui. Nós íamos apontando do tipo cópia comprando com outros documentos nossos e ele entendeu. Ela nós entendia um pouco e nós, não entendíamos nada do que ela falava. Então, ela trouxe as cópias. Nós preenchemos toda a ficha e infelizmente na hora de assinar, nós só apontávamos pra assinar. Então, imagina a situação dela. Acho que não é agradável ter que assinar algo que ela não está entendendo. Depois, nós pegamos o telefone dela, o número de telefone para avisar quando sair à vaga. E aí as explicações. Olha, quando sair à vaga você fazer isso, isso e aquilo, que é só um cadastro e só dava pra ver que ela não entendia. Nós sinalizávamos, não era nem mais falando.

ENTREVISTADOR: Não saberia dizer que língua ela estava falando?

IOLANDA: Eu não tenho a menor ideia. Eu imagino, pelas características físicas, seja algum país africano. Isso é um chute. Ah não, desculpa. Eu sei que é do Haiti, eu cheguei a olhar o nome, sim. Mas, a língua eu não sei. Eu não tenho a menor ideia mesmo do que era. Sei que ela nasceu lá, mas se ela foi pra qualquer outro país, eu não tenho a menor ideia. Então, eu fiz o que? Num caso específico, eu tô falando por que fui eu que atendi. Eu fiz um bilhete, do tipo com umas informações que eu precisaria pra passar para ela falados e apontava, do tipo, tentando explicar para ela que era para algum ler aquilo que consegue traduzir. Aparentemente deu certo, porque ontem ela trouxe o papel com o telefone. Então, assim, eu acho que a nossa maior dificuldade é o idioma, porque falta de documentação é bem complicado também e pra preencher o prontuário. Mas se pelo menos a pessoa entende o que estamos falando e nós entendemos o que ela está respondendo. Nós conseguimos chegar a alguma conclusão, pedir, solicitar. Agora, nós não conseguimos nem entender a língua da pessoa. E tem algumas línguas, do tipo, vai, tem tradutor, por exemplo, o espanhol, nós vamos no improviso mesmo. Já teve situação do francês, que nós conseguimos tradutor. Nós já usamos. Nós já pedimos para outra pessoa, principalmente aluno que já conhece pra nos ajudar. Mas, tem algumas línguas que nós não entendemos do qual ela esta falando. Então, nem perguntar para alguma pessoa da escola. Olha, você fala este idioma? Nós não sabemos que é. É mais dificuldade, com certeza.

ENTREVISTADOR: Com que frequência ocorre matrículas e transferências de imigrantes e refugiados? A secretaria tem algum tipo de controle sobre isto?

IOLANDA: Não. Nós temos uma leve ideia, do tipo, quantos alunos no geral. Aí pode ser imigrante, refugiados, pode ser brasileiro de outros estados, cidades. Pode ser do bairro vizinho. Não temos controle nenhum de quem vem da onde. A origem. Acaba sendo o número geral de alunos que entraram e saíram. Que nós acabamos nem acompanhando.

ENTREVISTADOR: Tem um período de matrícula ou acontece durante todo o ano?

IOLANDA: Qualquer época do ano pode ser feita a matrícula. Pra falar a verdade, durante o recesso de férias, desde o funcionamento. A única semana que para realmente a escola é entre o natal e o ano novo. Aí, nessa época, não é feito nem cadastro, nem matrícula. Na questão do EJA, Jovens e adultos, eles têm dois períodos para fazer matrícula e, normalmente, nós pedimos neste período que espere um pouco. Às vezes, chega, por exemplo, final de dezembro e começo de janeiro. Nós aceitamos fazer o cadastro, mas deixa o aluno do EJA. Nós ficamos informado que talvez não vai ser aberta aquela turma específica que ele precisa. Então, às vezes, nós ficamos só com documento, mas não o cadastro total no sistema, mas ele pode trazer. Nós só informamos mesmo que a pessoa fica esperando quase um mês pra ver se formou turma e aí não forma. Mas isso é pra qualquer situação de aluno, seja brasileiro ou não.

ENTREVISTADOR: Em se tratando de transferência acontece muito com quem é imigrante?

IOLANDA: Olha, eu vejo muito entrada. Saída, um pouco. Até porque, estamos numa área central. A Igreja, aqui de trás, da Missão Paz, eles acolhem muito nesse começo. Então, assim, nós sabemos de situações, por exemplo, que chegaram por aqui, que fica um pouco longe daqui e tenta levar pruma criança ficar vindo todo o dia ou não. Longe da escola é meio difícil. Tem alguns casos de transferência. Agora, acontecem todos os casos.

ENTREVISTADOR: Você citou a Missão Paz. Existem outras instituições, ONGs que encaminham alunos para escola?

IOLANDA: Eu não sei quem é ligado. Eu sei que por exemplo. Eu não sei como chamar, eu não sei o nome correto. Sei que é uma casa de acolhimento que é para as pessoas não ficarem na rua. Eu não tenho realmente noção do nome. Eu sei que essa casa, ela tem um pouco de relação com a Missão Paz, mas não sei que chega a fazer parte. Eu sei por que é o telefone muito de contato que eles usam de lá e o endereço é de lá. Então, eu acabo reconhecendo. Já teve situações, por exemplo, quando aluno menor de idade que veio, menor de 18 anos e que

não está com um responsável no Brasil. Aí eu lembro que tem uma moça assina por lá também. Legalmente ela tá como uma representante. Então, eu não tenho a menor ideia se ela é diretamente ligada a Missão Paz ou não. Eu sei que é um lugar um pouco diferente, desse nome.

ENTREVISTADOR: Pode-se observar que na escola existem várias mensagens de boas-vindas escritas em outras línguas: inglês, espanhol e árabe. Diante disto, gostaria de entender um pouco mais sobre como é feita a acolhida dos alunos imigrantes.

IOLANDA: Na prática, acaba sendo meio que cada professor, pensando no Fund I ou grupo de professores do Fund II, fazem o que dá durante a sala. Não tem um projeto de acolhimento, nem nada do grupo em si. É, assim, eu acho que todas as turmas, sem exceção, aqui estão muito acostumadas com ter alunos imigrantes na turma. Então, assim, não é que seja perfeito, mas eles estão um pouco mais acostumados. Então, não tem aquela sensação de estranheza dos alunos daqui pra os de fora, não ficar de onde você veio? Porque, nós ouvimos narrativas de outros lugares, que acaba ficando peixinho fora d'água o aluno. Aqui, não, o aluno é mais comum. Então, assim, eu acho que a questão alunos em geral. Os alunos que estão chegando naquele momento, eles estão um pouco acostumados e acabam meio que conversando. De projeto, realmente não tem. Professor vai na medida do possível vai se virando, pra falar a verdade pra tá se comunicando. Que, de novo, o idioma é uma dificuldade muito grande e vai se comunicando com aqueles alunos pra passar as tarefas e, muitas vezes, como tem de alguns países que mesmo, mesmo país as crianças conseguem se comunicar melhor. Então, temos outro aluno pra conversar. Mas sobre projeto específico de acolhimento não. Não tem. Pelo menos eu estou aqui desde o ano passado e não teve nenhum.

ENTREVISTADOR: Em se tratando da acolhida dos imigrantes e refugiados, de que maneira você percebe que os professores, funcionários e alunos lidam com isto?

IOLANDA: Eu acho que todo mundo está acostumado com a ideia daqui. Então, nunca ouvi pelo menos nenhum professor falar: “Nossa, ele não deveria estar aqui” ou “não há lugar”, não. Isso realmente jamais. Eu já vejo muita situação que o professor falar: “Meu, como eu vou me comunicar com a pessoa?” Porque, eles não estão entendendo. Então, assim, às vezes chega numa situação difícil porque ninguém mais está passando a questão do conteúdo, mas a questão de realmente estar se comunicando. O básico, do tipo, quando você, por exemplo, precisar de dinheiro, você não precisa estar perguntando se vai ou não, coisas do tipo.

ENTREVISTADOR: Você recebe alguma formação para lidar com esta situação do migrante/refugiado?

IOLANDA: Olha, no momento mesmo, estou fazendo um curso fornecido pela DRE, que é tanto da Penha e do Ipiranga (bairros de São Paulo) mas, eu sei que tem acontecido em outros lugares. Inclusive saiu no Diário Oficial, esses dias, e tem alguns cursos assim que vai na DRE. É, realmente que aparece. Me esqueci o nome de um outro que apareceu faz pouco tempo. É que eu não estou fazendo ele. Não sei, eu só me lembro de comentarem comigo mesmo. Mas, assim, eu acho que a DRE em si ela sustenta que nosso caso é muito específico, eu acho. É... Que nós sabemos de histórias de outras escolas, por exemplo, que tem a... recebem aluno estrangeiros mas do tipo, é de uma nacionalidade de outros em menor quantidade. Aqui é muito variado. Então, do tipo, nem é caso de má fé da DRE não se empenhar. É questão, realmente, que é um caso um pouco atípico. É uma grande quantidade e é muito difícil. O que é que eu falei? De idioma. Lógico que tem diferença de cultura também e acaba dando um jeitinho no dia a dia. Então, é muita gente. É muita gente diferente. E... Então, ninguém vai conseguir uma formula magia para saber como lidar com tantas diferenças assim, pro dia a dia mesmo. Eu não tô falando de não aceitar a diferença. Não é essa a questão, mas como solucionar as questões tanto burocráticas, questões pedagógicas, questões do idioma. Aqui, nós estamos num caso muito atípico pela região em si, então...

ENTREVISTADOR: Você teria alguma sugestão sobre dar a escola sobre os migrantes e refugiados?

IOLANDA: Olha, a única coisa que eu consigo pensar por ser bem a minha parte mesmo, seria do tipo manuaizinhos pelo menos pra... Tanto que eu tinha que fazer um projeto, um trabalho para esse curso que estou fazendo. Primeira coisa que eu pensei, porque é uma coisa que me atinge no dia a dia. É... Seria fazer um tipo de manual de várias e várias línguas, realmente para, pelo menos, nós conseguirmos dar às instruções iniciais pra quando está chegando. De novo, é parte só burocrática. Agora, da parte pedagógica, eu juro que não consigo imaginar como solucionar aqui. Não sei.

ENTREVISTADOR: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

IOLANDA: A única coisa que eu acho, que é assim. A questão de estar entrando pessoas de vários e vários países é muito produtivo. São realmente culturas e eu super apoio tudo o que tiver de novo, diferente. Mas, ao mesmo tempo, isso é difícil, eu fico às vezes realmente preocupada de como estas pessoas estão se sentindo aqui. Principalmente que nós estamos

lidando muito com criança, pré-adolescente, que de fato até dezesseis anos a maioria dos alunos. Então, assim, pensando porque eu acho que muitos deles vieram por situações muito difíceis iniciais. Eu acho que para nenhuma pessoa é fácil sair de seu país de origem. Para o adulto é difícil, para uma criança, imagina, é mais ainda. Então, assim, eu fico pensando que bom que eles estão tendo um lugar, pelo menos na questão segurança, por estar no Brasil ou por ter alguma coisa garantida na educação de estar aqui. Mas, às vezes, eu fico triste e pensando o quanto está sendo cumprido a questão, do tipo, estar num lugar e não, do tipo, realmente está sendo feita alguma coisa. Mas, de novo, eu não acho que problema que não estão tentando, não é questão de escola, nem diretoria de ensino, nem nada. É questão realmente um número muito grande.

ENTREVISTA: PROFESSOR MATHIAS

ENTREVISTADOR: Qual o perfil de aluno aqui da escola?

MATHIAS: Então, interessante esta questão sobre o perfil do aluno. Uma diversidade muito grande dos perfis dos alunos. Uma heterogeneidade, nós falamos assim. Tem alunos excelentes até alunos que tem uma dificuldade bastante grande. Na questão do aprendizado. Um ponto. Outro ponto da questão das origens, são perfis também de alunos de origens das mais diversas, mais variadas, mais variadas origens possíveis. Então, pra mim, tá sendo assim uma questão, uma experiência nova, um trabalho novo com o geral, as escolas centrais aqui da cidade de São Paulo tem basicamente este perfil da heterogeneidade eles são heterogêneos, certo. Então, é isso. O perfil no geral é isso. As mais diversas origens tanto externas como também as questões de origens internas e que nós analisamos, que nós percebemos também que parte que trata da questão da habitação, questão da moradia. O entorno, o local de morada deles também. Eu percebo que tem uma variação de diversidade bastante grande desde aqueles que vivem em abrigos. Aqueles que vivem em moradias conjugadas, tipo pensões, alojamentos essa coisa toda, apartamentos, apartamentos antigos... Em fim, as mais diversas possíveis. Então, esse é o perfil do aluno que também traz pra gente, pra mim professor, um determinado desafio muito grande na questão do planejamento, na elaboração do plano de aula, um desafio bastante grande.... bastante grande neste sentido, planejamento das aulas, porque, nós também procuramos atender toda essa questão desses aspectos. Mas, eu tenho abordado, falado a questão local, a globalização local. Eu tenho abordado a questão assim, uma visão crítica. Isso também, nós até temos debatido com os alunos aqui que são das

assembleias. A escola tá tendo um movimento aí de projeto, movimento e desenvolver assembleias com alunos pra ver aquilo que... As sugestões deles, as angustias claramente e as opiniões deles a respeito dessa questão. Então, o que eu trato com eles é a questão da infraestrutura, da infraestrutura, que aliais, pegando um pouquinho na questão, aliais nossa constituição de 1988 diz aí a constituição basicamente cidadã aborda no primeiro ponto. Que todo ser humano, toda a pessoa tem direito a uma moradia digna, tem direito a uma educação de qualidade, tem direito a alimentação, ou seja, as necessidades básicas. Alimentação, transporte, áreas de lazer, em fim, a necessidade básica fundamental para a pessoa sobreviver. Isso eu tenho discutido, de certa forma, discuti com os alunos. Estão sendo atendidos ou não e o que pode ser feito para desenvolver isso. Acho que nós primamos pela questão do nosso currículo, do nosso plano de aula, partindo um pouco por aí.

ENTREVISTADOR: Você consegue identificar alunos imigrantes ou refugiados na sua sala de aula?

MATHIAS: Boa pergunta. Então, eu consigo identificar refugiados e imigrantes. Nós precisamos fazer aqui um parêntese. Pra colocar algumas questões de definições ou de conceitos. Nós sabemos, nas aulas com eles, eu tive aulas com eles a respeito disso tanto aprofundado, assim, as causas principais, quais são as causas principais das migrações? Quais são os fatores? Migrações por motivos políticos, por motivos econômicos, por motivos de catástrofes naturais, epidemias, problemas de saúde. Esses são os fatores principais das migrações. Agora, o importante na sua pergunta diretamente, nós colocamos o seguinte: o François Durand, no seu livro *Atlas da mundialização*, coloca assim duas definições além da definição de refugiados que você colocou ai na pergunta. Refugiado é uma coisa. O que é o refugiado? A pessoa que sai do seu país, pra procurar oportunidades, pra procurar asilo, abrigo em outro país. De um país pra outro país. Mas o importante aqui é que o François Durand coloca é a questão dos deslocados, certo? São pessoas que tendem a sair dentro de um mesmo país de uma região para outra região. Eu queria aproveitar a pergunta e a oportunidade de falar pra você o seguinte: por exemplo. Citando até a questão do livro. Nós colocamos, por exemplo, a questão do Sudão. O Sudão passou nos últimos anos por um tempo intenso conflito civil. O Sudão tem dois milhões de pessoas deslocadas. Nós temos uma faixa de estatística que foi pesquisado em 2004 nós temos uma faixa, neste momento de 2004 em torno de dois milhões de pessoas vivendo em tendas, que são os deslocados. Os refugiados também vivem nestas condições deprimentes, mas em outro país. O que nós pensamos aqui na questão dos Sírios que... A guerra da Síria que começou em 2011 tem em torno de dois a três milhões,

eu arrisco dizer, três milhões de refugiados no país vizinho. Na Turquia, principalmente na Turquia. Fora os que migraram para a Europa, chegando alguns aqui no Brasil. Então, o Sudão está nesta situação. Então, nós imaginamos que eles estão vivendo em barracas, estão vivendo em tendas. Num clima, que nós sabemos, desértico. Desprovidos praticamente de alimentação. Então, essa coisa toda. Bom, o Sudão. A República Democrática do Congo tem em torno de um milhão de deslocados, dentro do próprio país e a questão do Iraque com as duas guerras do Golfo, colocou em torno de dois milhões a dois milhões e quinhentos de deslocados dentro do próprio país. Bom. Então, esses são as citações de alguns países nesta situação. Colocar também os refugiados as pessoas do Afeganistão, que também esta nesta situação. E mais recentemente nós podemos citar a situação da Venezuela, que tá em torno de dois milhões e quinhentos a três milhões de pessoas refugiadas, ou pelo menos que saíram do país, estão tentando se legalizar e pegar asilo num outro país vizinho. Colômbia, Brasil, Equador, principalmente estes três países. Voltando ao começo da pergunta, nós identificamos sim alunos nessas condições de refugiados, agente identifica. Evidentemente, nós não temos esse aprofundamento de onde veio, porque, qual o motivo. Empiricamente, nós supomos alguma coisa, por exemplo, esse ano não percebi muito. Ano passado nós tínhamos... Eu tinha um sétimo ano, eu não tinha visto ele na escola, mas possivelmente ele estaria no oitavo ano, um venezuelano que veio, passou pelo Amazonas... Agora, os haitianos, nos teríamos vários, nos teríamos bastante, estaria colocando vários fatores né? Colocaria eles nesta situação. Primeiro, a questão geopolítica, ou questão política. Porque, a questão dos refugiados ela tá muito associada a questão ideológica, sem entrar no mérito aqui com a ideologia que está... Para citar, por exemplo, a segunda guerra mundial colocou cinquenta milhões de pessoas refugiadas, cinquenta milhões de pessoas Os destinos que foram colocados, por exemplo, nos anos seguintes da revolução soviética até 1953 quando falece morre o Stalin, tá certo, foi colocado também um número bastante grande de refugiados pra outros países. Ucrânia, pra outros países vizinhos, que depois passou a ser comandando pelos estados independentes são estes que estava colocando aqui. O caso do Haiti, a situação, porque o Haiti é o país que tem o mais baixo [Índice de desenvolvimento humano] IDH da América, os primeiros lugares estão aonde? Os primeiros lugares estão na África. Infelizmente. Pra falar índices baixos tem que falar do continente africano: Serra Leoa, Burundi, Zimbábue, principalmente esses três mais baixos. No caso da América, o Haiti. Processo de colonização, o processo das oligarquias políticas principalmente as europeias. O fato também de que o país não ter muitos recursos naturais certo. Isso um ponto. Política ou geopolítica associada a questão do desastre natural, o terremoto, a catástrofe que teve lá em

2010. Inclusive teve a irmão do Paulo Evaristo Arns, que eu não estou enganado que ela faleceu lá também que ela estava ajudando a população. No Brasil tinha as forças da missão de Paz, da ONG também lá no Haiti. Pra gente ver a situação destes países, mas eu cito a questão do Haiti e nós temos haitianos aqui no país mas cito também os outros países da América Central que está em igual situação destes países. El Salvador, Honduras, Nicarágua. Então, vemos recentemente aquelas caravanas de milhares de pessoas que saíram recentemente de El Salvador, no sentido de atravessar a barreira física, a muralha lá dos Estados Unidos. No sentido de migrarem para os Estados Unidos. Sendo que, se você me permite uma parte, uma opinião pessoal minha. É um dado histórico, Honduras é o país mais violento do mundo, tem em torno de 130 mortos num quadro de cem mil habitantes e El Salvador também que foram colocados pelo financiamento das oligarquias pelos próprios Estados Unidos. Você vê que ironia. E, agora, eles procuram por melhores oportunidades lá naquele país. Mas eu pelo menos não consigo identificar se desses países tem algum aluno aqui nessa escola. Não consigo identificar.

ENTREVISTADOR: Quais os principais desafios do professor ao receber alunos imigrantes e refugiados?

MATHIAS: Pois é, têm vários. Primeiro, nós costumamos dizer assim por a questão da simbologia, da formação dos Estados nação. O que é que liga uma estado nação ao estado, não que praticamente não tem que estar associado a questão do território, que é a questão dos palestinos. Os palestinos é uma nação, mas eles não têm. Um dos principais pontos é a língua falada. Então, a questão da língua falada e principalmente do dialeto. Porque, estes povos têm vários dialetos locais. O dialeto fica mais difícil ainda. Primeiro ponto isso. O segundo ponto a questão cultural, você precisa saber a cultura, você precisa saber os costumes como eles viviam lá; De repente o aluno lá era acostumado a assistir aula sentado no chão. Então, esses costumes são fundamentais para que eles realmente se desenvolvam. Bom, segundo lugar é isso. Depois, vamos pensar nisso daí também é a questão do sistema pedagógico daquele país. E isso merece... Falar de um sistema pedagógico isso merece uma pesquisa não é. Vou reproduzir para você aqui o que já escutei também se não me engano de aula ou mãe de aluna boliviana, que lá na Bolívia, por exemplo, eles são castigados por uma indisciplina, castigos físicos. Numa analogia parecida por exemplo, a palmatoria que existia no Brasil nos anos entre 64 e 85, os vinte e um neste período. Então, eles recebem castigos físicos. Talvez, nós, olhando um pouquinho o perfil psicológico, dá pra ver um pouco a questão deles serem um pouco retraídos. Eles são retraídos e não terem muita participação aberta na questão do debate

ou do plano da aula, que envolve a aula neste sentido. Então, você vê a situação do boliviano, a situação... Você pegar a questão do colombiano. Eu tenho aluno colombiano no sétimo ano aqui por exemplo. O que é a questão que eu acho assim que pode ser um também não na forma dos bolivianos, mas um perfil de intimidação por aluno onde impera a lei do silêncio. A questão do território lembra a questão do Marcelo Lopes de Souza. Que ele escreveu um livro ABC do desenvolvimento urbano. Então, ele coloca que os territórios, eles são dominados por determinados grupos. Eu estou querendo dizer no narcotráfico. Onde impera o narcotráfico o que é que impera para as pessoas que moram ali? A lei do silêncio, não é isso? A lei do silêncio. Difícil você tirar dali, difícil você extrair dali uma participação colaborativa. Então, o que existe? Existe o medo. É claro. Existe a questão do terror que é imposto. E nós estamos falando do que? Nós estamos falando da primeira se não a segunda fonte e ainda que ilegal, clandestina de circulação. Circulação de renda, de dinheiro no mundo. Associado a que? Associado ao tráfico de armas. Bom, então, por exemplo, o caso colombiano. O aluno colombiano e pode trazer, ele pode trazer isso. Como também a prática do *bullying* também. Estou até te falando que eu não fiz essa pesquisa, pode ser empírica isso pode ser verdade ou não mas a questão do *bullying* ele trás étnica, que é seria também, que é uma questão do outro, que é (inaudível) também. Ele trás a questão do domínio do território. Então, você fica pensando.... Porque o aluno quer ficar... amedronta, fica amedrontando ou outro que pretende fazer um estudo ou outra coisa tal. Ele quer fazer uma demonstração de força porque ele é ligado a essa questão do usuário, essa questão da distribuição dos caras que distribuem entorpecentes. Tal essa coisa toda. Fazer uma demonstração de força. Evidentemente, isso é um ponto.

ENTREVISTADOS: O senhor falando disso me ocorreu o seguinte: na sala de aula existem os “territórios”?

MATHIAS: Os territórios. Muito perceptível. Eu quero citar para você o Marcelo Lopes de Sousa, o ABC do Desenvolvimento Urbano. Ele faz um trabalho no Rio de Janeiro e ele mapeia o território que é dominado pelo tráfico, determinado tipo de tráfico que faz a distribuição dos entorpecentes naquela região. É um território. Então, ele coloca os territórios, tem o território da prostituição. Mas é engraçado. Nós vemos uma questão. Eu ouço dizer, por exemplo, que no bairro do bom Retiro, no período do boom da economia cafeeira tal, do lado, não falar do lado de baixo, mas do lado norte pro lado do rio Tiete ali imperava a questão da prostituição, das mulheres que se prostituíam e tal essa coisa toda e depois de um certo tempo terminou. Isso daí acabou tal, hoje não se vê muito, mas simbolicamente demora

décadas, séculos parece que não sai. Interessante isso é engraçado como essa questão da simbologia, o Harari que está escrevendo um livro agora o Sapiens, eu estou vendo o livro dele, ele fala disso daí, que é a questão da simbologia, que também é simbologias, não essa específica. Eu estou vendo a simbologia. Ela chama quando fala da questão da cooperação como pode a humanidade no adensamento que existe hoje em torno de sete bilhões e meio, oito bilhões de habitantes consegue conviver e ele diz que certa forma cooperando, fazendo simbologias. Então, ele cita as religiões que tem o papel nisso, a religião e essa coisa toda. Mas voltando a questão dos territórios. Esses territórios, que são vizinhos, mas que se tornam vizinhos concretos, eles tem uma... Existem esses territórios em sala de aula. Nós percebemos um determinado grupo.

ENTREVISTADOR: Você recebeu alguma formação da escola, da DRE para lidar com esta situação?

MATHIAS: Não. Não. Eu não recebi e deveríamos ter pelo menos assim, digamos assim, a língua, a linguagem predominante das origens dessa clientela desses alunos. Por exemplo, evidente né, pegar pela parte dos paraguaios, dos bolivianos em fim, e aí seria no caso do espanhol. O espanhol já seria... Nós temos hoje no Paraguai uma população que ainda fala o guarani, não é isso? O guarani, mas pelo menos o espanhol nós conhecemos a base. E o caso, por exemplo, citar o Haiti o francês seria citar a língua o crioulo, crioulo seria mais difícil ou do senegalês, tal. Agora. É evidente, aqueles países que foram colonizados por Portugal como e o caso de Moçambique e Angola. Nós já não teríamos muita dificuldade. Então, essas formações elas seriam interessantes. Seria bom ter. Eu principalmente, nós, praticamente, não recebemos.

ENTREVISTADOR: Como acontece a acolhida, adaptação e interação destes alunos em sala de aula?

MATHIAS: Pois é, eu posso colocar que nesse segundo ano que estou aqui nessa escola, posso colocar para você o seguinte, uma coisa que eu achei muito interessante primeira vez que eu entrei aqui tá foi uma das poucas acolhidas foi os dizeres na entrada próximo aqui da entrada da escola, Bem-vindo em quatro cinco línguas diferentes: Bienvenido, com inglês tal. Que me parece que estava em mulçumano (árabe) também e em fim. Agora, fora disso, eu não tenho visto, vejo pouca coisa com relação a esta questão. Tem a questão também da apresentação desse aluno pra nós professores ou assim dessa forma. Nós tivemos um caso no início do ano de um estrangeiro que começou a vir em uma sala. Ele veio umas duas semanas

e não veio mais. A mesma coisa de uma outra que não sei se é paraguaio ou boliviano a origem de um de outra sala que parou de vir. Talvez, não sei, deve ter outros motivos também familiares, mas também se talvez tivesse essa questão. Essa acolhida desse, poderia ter uma maior participação dele no estudo ou continuaria vindo agora deve ter ido pra outro canto. Às vezes eles migram também, certo? Então, vou falar particular, eu também sou migrante. Eu também sou migrante. Da seguinte forma, analisa comigo, nasci no estado da Bahia, morei até os seis anos de idade em três ou quatro lugares diferentes no sertão, no oeste do estado da Bahia. Depois migrei pro sul, estado do Paraná, em vários aspectos, completamente o oposto. Era o *boom* da plantação do café naquela região lá e tal. É o modo de vida, o sistema de trabalho que passou a ser meeiros, arrendatários. O plantio de café pode pensar um pouco que foram os colonos italianos que vieram pra cá para trabalhar com sistemas de meeiros ou arrendatários. Eles cultivavam o produto, o dono da fazenda deixava basicamente lá um terço, um quarto da fazenda pra ele plantar alguns produtos agrícolas pra sobrevivência dele. Talvez o arroz, o milho e feijão. Então, é isso. No estado do Paraná vivi basicamente nuns seis lugares diferentes, não sei de cidade pra cidade, não sei se cidades diferentes. Finalmente, vim aqui para a cidade de São Paulo. Na Região Metropolitana, Guarulhos, Itaquaquecetuba e tal. Todos esses pontos, isso, agente também, passou de uma certa forma e passa. Você tem o aspecto da questão do deslocamento territorial, mas você tem aquela questão que você fala interior dessa adaptação que talvez você esteja perguntando. Da Adaptação no local que você chega, certo? Que praticamente, nós sofremos, tem sofrido. Então, basicamente é isso.

ENTREVISTADOR: Como a presença de alunos imigrantes e refugiados impacta no dia a dia da escola?

MATHIAS: Isso está associado, por exemplo, a questão da outra pergunta que fala sobre a questão da formação dos grupos setoriais. Impacta sobre a questão comportamental também. No sentido comportamental, outras canalizações de outros procedimentos, nesse sentido. Então, pela própria heterogeneidade, pela própria diversidade, certo? Diferente, você, por exemplo, pegar basicamente, vamos citar um exemplo: numa escola salesiana, profissional ou escola. Profissional que é determinada, que é administrada por uma determinada tendência religiosa, basicamente os perfis dos procedimentos naquela, praticamente é uniforme. E se a gente pegar o caso do Brasil, que o Brasil é um país, é um continente, país diverso tal. Você pegar um país, um país que tá assim, nórdico. País nórdico, país, em fim né, estaria próximo ao país nórdico teria a questão do imigrante sulino. Sulino do país, mas antigamente, os ritos, os ritos de funcionamento daquela escola é praticamente uniforme. E tem que ser diferenciada

aqui, por conta disso e por conta ela tem que ser de certa forma, ela é diferenciada e tem um impacto muito com essa relação. Em fim, em função disso.

ENTREVISTADOR: Você teria alguma sugestão para propor para a escola sobre o fenômeno migratório?

MATHIAS: No momento, a gente têm várias. Tem, tem várias sugestões. Você me pegou agora. É pensando na questão disso, mas assim, como a tendência hoje, né, dos dias, com o advento da globalização. Dos povos, do mundo, é assim. É engraçado. Esse evento da globalização é engraçado. Ao mesmo que está havendo a suspensão do lado mercados econômicos. Por exemplo, o Mercosul. Os países do Mercosul estão se juntando pra fazer... tão se unindo pra se defender contra a tarifa perversa que vem lá do outro bloco, que vem lá do império. Falar desse ou daquele império, tal, estão se unindo. Agora, é assim, por exemplo.

ENTREVISTA: PROFESSOR OSWALDO

ENTREVISTADOR: Qual o perfil do aluno desta escola, tanto do Fundamental I e II quanto do EJA?

OSWALDO: então, a nossa escola é muito complexa. Você tem um grupo grande de alunos que são brasileiros. Depende do período. Por exemplo, no período noturno, na EJA, o perfil dos alunos é característica de imigrantes, vindos do Haiti, outros países da América Latina, como Colômbia, Peru, Venezuela, mas, principalmente, imigrantes africanos, da República Democrática do Congo, Da Guiné Bissau, da Angola e de outros países da África.

ENTREVISTADOR: Como é a situação familiar e econômica?

OSWALDO: é uma situação de risco. É uma situação de muita vulnerabilidade porque eles entram no país, embora não oficialmente como refugiados, mas porque existem algumas condições para que o estrangeiro, vamos dizer neste termo, num outro país seja considerado refugiado. Porque, a partir do momento que ele é reconhecido refugiado, ele goza, entre outras, de alguns privilégios. Então, ele tem o apoio do governo pra reestruturar e reorganizar a vida dele, a família dele se estiver junto. Mas, enquanto ele não tem esse status, embora ele não seja oficialmente um refugiado, as condições são de um refugiado. De alguém que saiu de seu país por algum tipo de perseguição religiosa, política, desastres naturais que destrói muito o país, sejam furações, terremotos. O governo não tem condições de oferecer ajuda para todos

aqueles que foram atingidos por aquelas catástrofes. Então, a pessoa não vê outra saída, a não ser, sair de seu país.

ENTREVISTADOR: Qual o principal desafio da escola que lida com refugiados e imigrantes?

OSWALDO: Pequenos desafios nós temos todos os dias. Porque, ao mesmo tempo, em que nós temos aquele estudante imigrante, que aqui chega com certa dificuldade de comunicação, porque não conhece o idioma. Não sabe falar português, ele sabe falar os outros idiomas. Às vezes ele é de um país que sabe falar francês, mas ele também conhece o inglês. De um país que fala francês, como o Haiti, mas eles conhecem um pouco de espanhol. Enfim, o maior bloqueio é a língua. E a gente também tem procurado trabalhar com isso, mas que é uma coisa que a escola já vem fazendo há algum tempo. Cartazes, as informações em quatro idiomas que é o inglês, francês, árabe e espanhol. Mas, assim, nós também temos enfrentado a dificuldade de que ele também quando não vem devidamente alfabetizado do seu país de origem, ele sente mais dificuldade. Porque, ele tem que correr atrás de duas coisas: da alfabetização na língua dele e na língua estrangeira da onde ele está vivendo. O que torna o processo mais difícil. Uma coisa é você ensinar português a uma pessoa que fala bem o francês e outra coisa é ensinar português a uma pessoa que conhece um pouco o francês, mas fala o crioulo e fala um dialeto de sua tribo lá na África, como é o caso de alguns.

ENTREVISTADOR: Como é que os professores, a própria coordenação se preparam para enfrentar essa situação?

OSWALDO: Na verdade é assim. Como no aluno de inclusão, a gente tem que ter a proposta da escola. Porque, quando você faz uma proposta separada, você já está discriminando. Então, a proposta é para todos os alunos da escola. As metodologias, as estratégias de ensino e, aí, o professor vai adaptando aquilo que ele achar mais necessário. Isso é muito comum no ensino de língua portuguesa. Porque, você tem que fazer muitas adaptações para atingir aquele aluno que não fala português. Então, não dá pra você achar que o professor vai trabalhar um conteúdo muito profundo, análise sintática de textos e de frases, porque o aluno não sabe nem o básico do idioma. Então, é isso. A regra é trabalhar com estratégias e metodologias que atinjam o aluno. E, pra isso, você vai ter que reinventar o seu planejamento. Resignificar as suas metodologias, a maneira que o professor entende que está aprendendo. Ela precisa ser refletida todo o dia.

ENTREVISTADOR: Uma coisa que eu notei é que existe uma rotatividade dos alunos. Como é montar um projeto de educação em cima desta realidade?

OSWALDO: Na verdade, existe uma rotatividade porque é uma escola de passagem. Ela tem essa característica. O próprio migrante de origem nordestina não fica muito, assim por aqui. Alguns até ficam aqui, assim, a tendência é mudar de bairro. Continua na cidade de São Paulo, mas muda de bairro. Então, ele vai pra uma outra escola, uma outra comunidade, numa outra realidade. Então, assim. Por isso que o professor não deve fazer uma coisa específica em termos de atendimento. Porque, depois aquele aluno vai embora. Nós tínhamos um aluno árabe aqui, um egípcio (fulano de tal) e ele acabou indo embora pra fazer o CIEJA, que é um curso que é mais rápido, mais interessante pra ele, ali no Cambuci, onde tem tradutores, entendeu? Então, a escola, ela também trabalha com essa realidade. Na perspectiva de que? Feito um diagnóstico dos alunos, cada professor dentro de sua área, às vezes nós indicamos pro CIEJA, é lógico que a gente não vai indicar todos os alunos, que a gente tem metodologias e estratégias que dão conta desse aprendizado. É lógico que eles aprendem muito mais rápido português estando dentro da escola do que fora. Só trabalhando, por exemplo.

ENTREVISTADOR: Se você tivesse a oportunidade de falar para outras escolas que trabalham com migrantes e refugiados o que é que você diria?

OSWALDO: Então, não se preocupar em organizar projetos específicos, porque o processo de ensino-aprendizagem é muito dinâmico. Ele precisa ser resignificado, contextualizado e revisto, refeito, na medida da necessidade. Dessa forma que tem que ser na escola. E, na verdade, não é só com o aluno imigrante e refugiado. É com o aluno que vem na condição de inclusão, aquele aluno que tem deficiência física, deficiência intelectual, deficiência auditiva, deficiência visual. Ninguém faz isso, não se aconselha, não se orienta ninguém nas escolas a trabalhar com projetos específicos. Porque, se você quer incluir, nada melhor que a pessoa perceber que aquilo que é ensinado pro outro, que é dito normal, é ensinado para ele também, porque o imigrante, o aluno ele fica com este estigma. É como se ele não fosse também normal. Porque, ele não fala minha língua, não conhece a minha cultura. Por menos que você pense que não, esses preconceitos se manifestam no ambiente escolar. Porque, o aluno imigrante é tido como um alguém que é diferente, como alguém que não é, vamos dizer assim, o padrão. Por quê? Porque, não conhece a cultura, não conhece a língua. Fala errado, porque está aprendendo. Então, é isso. Não fazer projeto específico para você não excluir.

ENTREVISTADOR: Como você percebe a ajuda do governo, da cidade de São Paulo, sobre esta questão dos migrantes e refugiados nas escolas?

OSWALDO: Então, na escola eu percebo que eles têm dado essa autonomia, que a escola se reorganize e se refaça, se reconstrua, reflita sobre estas demandas que são novas de uma certa forma que estão chegando. Não existe imposição por um lado. Nós temos a liberdade. Mas assim, creio que ainda precisa que o material didático seja mais, já que é um material vindo a partir deles, que eles sejam um material mais, que fale mais sobre esta questão do imigrante. Nós acabamos de receber o da EJA, por exemplo, o caderno com as orientações curriculares e o currículo da cidade. São dois cadernos, que não deixam muitas diferenças em termos dos outros que já vieram. Como a gente tivesse mesmo falando com os alunos que sabem português que conhece a cultura.

ENTREVISTADOR: Qual o ano que você sentiu que chegou mais gentes?

OSWALDO: de 2012 pra cá já começou. Agora, essa escola tem um histórico, tem uma marca de receber alunos imigrantes, de receber refugiados por conta de sua localização. Porque, é uma área central da cidade, que atrai a pessoa de fora. Se fora da cidade, do estado de São Paulo, do Brasil e do mundo. Justamente por isso, pois é uma escola que apesar de todas as suas deficiências. O bairro é um bairro de muita vulnerabilidade, de muita carência econômica e financeira, mas pertíssimo do centro. Então, isso atrai o aluno imigrante. Atrai também o migrante, seja do Mato Grosso, do nordeste, de Goiás. Eles acabam morando aqui por perto.

ENTREVISTADOR: Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto?

OSWALDO: Então, eu acho assim na verdade existem muitos setores na cidade de São Paulo ligados ou não com a prefeitura que estão fazendo esta ponte. Pra que o imigrante, pra que o aluno, o refugiado. Ele seja cada vez mais, melhor acolhido. Então, nós aqui da educação temos essa função. Na área da cultura, da leitura e escrita. Mas, por exemplo, tem lugares que ajudam com moradia, com cestas básicas na questão alimentar, na questão da saúde. Eu acho que dentro do bairro do Glicério as unidades de saúde passam pelo aquilo que a gente passa. De você ver um pai estrangeiro com uma criança estrangeira fazer um tratamento. Então, o médico, o assistente social, psicólogo tem que conhecer um pouco daquela cultura, daquele idioma. Pra saber se comunicar, pra saber se a criança tá. Sentido o que levou o pai a trazê-lo até uma UBS por exemplo. É um fenômeno que está acontecendo no centro de São Paulo e o Glicério se inclui, que não atinge só a escola, o posto de saúde, aquele restaurante que tem

uma certa, vamos dizer assim, uma certa ligação com o bairro em termos histórico. Então, é na área da cultura, da educação, da saúde, da moradia. Impacto geral. Porque, você tem de repente um imigrante que ele pode chegar querendo alugar uma kitnet. Como ele vai falar lá. Nas imobiliárias. Como é que ele vai? Então, até as imobiliárias, eles devem estar preocupadas, eu acredito, com essa coisa. Olha, de repente um cartaz ali escrito em francês, inglês, em árabe. É porque, eles estão muito presentes nos bairros, vamos dizer assim, entre aspas, degradados do centro, onde a moradia não é tão cara, a comida não é tão cara. Mas tem uma grande vantagem. É no centro. É perto de tudo. E, talvez, até do emprego deles.

ANEXO A – PROTOCOLO PROVISÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO PARA SOLICITANTES DE REFÚGIO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
Secretaria Nacional de Justiça
Departamento de Migrações
Coordenação-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados
Comitê Nacional para os Refugiados (Administrativo)

Ofício nº 321/2019/CONARE_Administrativo/CONARE/DEMIG/SNJ/MJ

Brasília, 26 de março de 2019.

Ao senhor
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Coordenador da Coordenação de Identificação e Registro Profissional - CIRP
Secretaria de Trabalho / Ministério da Economia

Assunto: Mudanças no protocolo de refúgio - implementação do Sisconare

Senhor Coordenador,

1. Cumprimentando-o cordialmente, venho informar sobre as modificações que estão acontecendo no âmbito do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), bem como sobre a nova documentação dos solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil.
2. Importante lembrar, preliminarmente, que a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, é a que trata dos mecanismos adotados pelo Brasil para o reconhecimento dos solicitantes da condição de refugiado. O artigo 21 da lei em questão define o protocolo de refúgio como o documento de identidade oficial dos solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, válido em todo o território nacional até que seja analisada a sua solicitação. Esse documento está sofrendo modificações em seu formato.
3. O Ministério da Justiça e Segurança Pública está implementando um novo sistema por meio do qual serão tramitadas as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado. Esse sistema, chamado Sisconare, substituirá o atual SEI e, como parte dos projetos de 100 dias do novo governo, será lançado nacionalmente em abril deste ano (2019). Até o momento, o Sisconare vem sendo utilizado somente em caráter piloto, de modo que poucos solicitantes possuem o novo protocolo; no entanto, o piloto vem sendo implementado de maneira mais consistente no Distrito Federal, motivo pelo qual algumas pessoas procuraram a superintendência do Distrito Federal portando o documento em novo formato.
4. Quando finalizada a solicitação pelo Sisconare, é emitido esse novo protocolo de refúgio. Embora seja diferente, em forma, do documento gerado pelo SEI, o novo protocolo possui exatamente as mesmas informações do anterior. Importante salientar que, após o lançamento do Sisconare, haverá um tempo de adaptação no qual solicitações de reconhecimento da condição de refugiado serão recebidas tanto pelo SEI, quanto pelo Sisconare. Dessa forma, por alguns meses, os dois protocolos de refúgio (o gerado pelo SEI e o gerado pelo Sisconare) coexistirão e terão a mesma validade. Gradativamente, os protocolos gerados pelo Sisconare se sobreporão aos gerados pelo SEI, até que, em cerca de um ano, os gerados pelo SEI deixarão de existir.
5. Sublinho que o QR code presente no novo protocolo ainda não está funcionando, em função de reparos pendentes na plataforma. Apesar disso, sua validade pode ser verificada junto à Coordenação-Geral do Conare a qualquer tempo, por meio dos contatos (61) 2025-9225 e conare@mj.gov.br.
6. A título ilustrativo, apresento, abaixo, os dois protocolos que coexistirão pelos próximos meses. Destaco, ainda, que o novo modelo é impresso em formato de cartão para que o solicitante

possa recortar e plastificar, se assim o desejar.

a) Protocolo emitido pelo SEI:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MSP - POLÍCIA FEDERAL
NÚCLEO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS - NRE/DELEMIG/DREX/SR/P/SP

Documento Provisório de Identidade de Estrangeiro		MINISTÉRIO DA JUSTIÇA COMITÊ NACIONAL PARA REFUGIADOS
DADOS DO ESTRANGEIRO Nome Social: *Se for o caso, conforme Decreto 8.727, de 2016, Nome: XXXXX XXXXXXX XXXX PAI: XXXXXXX MÃE: XXXXXXX Data de nascimento: XX/XX/XXXX Gênero: XXXXX Nacionalidade: XXXXX Assinatura:		Protocolo nº: XXXXX XXXXXXX/201X-XX Data de expedição: XXXXXXXX Data de validade: XXXX/XXXX
Foto 3X4	Tipo do pedido: SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO Solicitação nos termos da Lei: 9.474/1997 Anexo I da Resolução CONARE nº 18/14	A Lei 9.474/1997 assegura ao portador deste documento que "em hipótese alguma será efetuada sua deportação para fronteira de território em que sua vida ou liberdade esteja ameaçada, em virtude de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política" (art.7, §1) Este protocolo é documento de identidade válido em todo o território nacional e é prova da condição migratória regular do seu titular. O titular deste protocolo possui os mesmos direitos de qualquer outro estrangeiro em situação regular no Brasil e deve ser tratado sem discriminação de qualquer natureza.
Assinatura do servidor (Assinar eletronicamente)		O titular deste protocolo deverá manter os seus contatos atualizados e comunicar a Polícia Federal e ao CONARE, em caso de qualquer alteração em seu telefone, endereço e e-mail. A comunicação pode ser feita pelos seguintes meios: - pessoalmente, na Delegacia de Polícia Federal mais próxima - por escrito, para o e-mail conare@mj.gov.br - pelo telefone (61) 2025-9225



Documento assinado eletronicamente por XXXXXX XXXXXX, Agente de Polícia Federal, em XX/XX/XXXX, às XX:XX, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.dpf.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador XXXXX e o código CRC XXXXXXXX.

Referência: Processo nº XXXXXXXXX

SEI nº XXXX

Polícia Federal - Núcleo de Registro de Estrangeiros - NRE/DELEMIG/DREX/SR/P/SP - 400134

SEI 08018-00033/2015-70 | pg. 1

b) Protocolo emitido pelo Sisconare:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Protocolo de Solicitação de Refúgio
 XXXXX.XXXXXX/XXXX-XX

Nome
 XXXXXXXXXXXXXXX

Habilitação Legal
 Lei nº 8.474/97

(FOTO 3x4)

Data Nascimento
 XX/XX/XXXX

Sexo
 XXXXXXXX

Faixa Nomeada
 XXXXXXXX

Faixa
 XXXXX XXXX
 XXXX XXXX

Tipo de Pedido
 SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO - Aguardando Análise

Validade
 XXXXXXXX

Local
 BRASÍLIA - DF

Protocolo de Refúgio
 XXX.XXXXXX/XXX-XX

Documento assinado eletronicamente por Xxxxx Xxxxx
 Xxxx, em XX/XX/XXXX, às xx:xx:xx, conforme horário
 oficial de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser
 conferida no site www.conare.gov.br,
 informando o código verificador xxxxxx-
 xxxx-xxxx-xx-xx-xxxxxxx

Dobre aqui

2. A Coordenação-Geral do Conare está à disposição para auxiliar no que for necessário.
 Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **GABRIELLA VIEIRA OLIVEIRA GONCALVES**,
 Coordenador(a) de Políticas de Refúgio, em 25/03/2019, às 20:03, conforme o § 1º do art. 6º e
 art. 10 do Decreto nº 8.539/2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://sei.autentica.mj.gov.br>
 informando o código verificador **8163995** e o código CRC **F9CC969E**.
 O trâmite deste documento pode ser acompanhado pelo site
<http://www.justica.gov.br/aceso-a-sistemas/protocolo> e tem validade de prova de registro de
 protocolo no Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 08018.000333/2019-70 SEI nº 8163995
 Esplanada dos Ministérios, Bl. T, Ed. Anexo II, Sala 304 - Bairro Zona Cívico-Administrativa, Brasília/DF, CEP
 70064-900

Telefone: (61) 2025-9213 - www.justica.gov.br - E-mail para resposta: protocolo@mj.gov.br

ANEXO B – MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO

Vaticano, 29 de setembro de 2019

Tema: “*Não se trata apenas de migrantes*”

Queridos irmãos e irmãs!

A fé assegura-nos que o Reino de Deus já está, misteriosamente, presente sobre a terra (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 39); contudo, mesmo em nossos dias, com pesar temos de constatar que se lhe deparam obstáculos e forças contrárias. Conflitos violentos, verdadeiras e próprias guerras não cessam de dilacerar a humanidade; sucedem-se injustiças e discriminações; tribula-se para superar os desequilíbrios económicos e sociais, de ordem local ou global. E quem sofre as consequências de tudo isto são sobretudo os mais pobres e desfavorecidos.

As sociedades economicamente mais avançadas tendem, no seu seio, para um acentuado individualismo que, associado à mentalidade utilitarista e multiplicado pela rede mediática, gera a “globalização da indiferença”. Neste cenário, os migrantes, os refugiados, os desalojados e as vítimas do tráfico de seres humanos aparecem como os sujeitos emblemáticos da exclusão, porque, além dos incómodos inerentes à sua condição, acabam muitas vezes alvo de juízos negativos que os consideram como causa dos males sociais. A atitude para com eles constitui a campanha de alarme que avisa do declínio moral em que se incorre, se se continua a dar espaço à cultura do descarté. Com efeito, por este caminho, cada indivíduo que não quadre com os cânones do bem-estar físico, psíquico e social fica em risco de marginalização e exclusão.

Por isso, a presença dos migrantes e refugiados – como a das pessoas vulneráveis em geral – constitui, hoje, um convite a recuperar algumas dimensões essenciais da nossa existência cristã e da nossa humanidade, que correm o risco de entorpecimento num teor de vida rico de comodidades. Aqui está a razão por que «não se trata apenas de migrantes», ou seja, quando nos interessamos por eles, interessamo-nos também por nós, por todos; cuidando deles, todos crescemos; escutando-os, damos voz também àquela parte de nós mesmos que talvez tenhamos escondida por não ser bem vista hoje.

“Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!” (*Mt 14, 27*). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se também dos nossos medos*. As maldades e torpezas do nosso tempo fazem aumentar “o nosso receio em relação aos “outros”, aos desconhecidos, aos marginalizados, aos forasteiros (...). E isto nota-se particularmente hoje, perante a chegada de migrantes e refugiados que batem à nossa porta em busca de proteção, segurança e um futuro melhor. É verdade que o receio é legítimo, inclusive porque falta a preparação para este encontro” (*Homilia, Sacrofano*, 15 de fevereiro de 2019). O problema não está no facto de ter dúvidas e receios. O problema surge quando estes condicionam de tal forma o nosso modo de pensar e agir, que nos tornam intolerantes, fechados, talvez até – sem disso nos apercebermos – racistas. E assim o medo priva-nos do desejo e da capacidade de encontrar o outro, a pessoa diferente de mim; priva-me duma ocasião de encontro com o Senhor (cf. Homilia na Missa do Dia Mundial do Migrante e Refugiado, 14 de janeiro de 2018).

“Se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem já isso os publicanos?” (*Mt 5, 46*). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da caridade*. Através das obras de caridade, demonstramos a nossa fé (cf. *Tg 2, 18*). E a caridade mais excelsa é a que se realiza em benefício de quem não é capaz de retribuir, nem talvez de agradecer. “Em jogo

está a fisionomia que queremos assumir como sociedade e o valor de cada vida. (...) O progresso dos nossos povos (...) depende sobretudo da capacidade de se deixar mover e comover por quem bate à porta e, com o seu olhar, desabona e exautora todos os falsos ídolos que hipotecam e escravizam a vida; ídolos que prometem uma felicidade ilusória e efémera, construída à margem da realidade e do sofrimento dos outros” (Discurso na Cáritas diocesana de Rabat, Marrocos, 30 de março de 2019).

“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão” (Lc 10, 33). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da nossa humanidade.* O que impele aquele samaritano – um estrangeiro, segundo os judeus – a deter-se é a compaixão, um sentimento que não se pode explicar só a nível racional. A compaixão toca as cordas mais sensíveis da nossa humanidade, provocando um impulso imperioso a “fazer-nos próximo” de quem vemos em dificuldade. Como nos ensina o próprio Jesus (cf. Mt 9, 35-36; 14, 13-14; 15, 32-37), ter compaixão significa reconhecer o sofrimento do outro e passar, imediatamente, à ação para aliviar, cuidar e salvar. Ter compaixão significa dar espaço à ternura, ao contrário do que tantas vezes nos pede a sociedade atual, ou seja, que a reprimamos. “Abrir-se aos outros não empobrece, mas enriquece, porque nos ajuda a ser mais humanos: a reconhecer-se parte ativa dum todo maior e a interpretar a vida como um dom para os outros; a ter como alvo não os próprios interesses, mas o bem da humanidade” yev de Baki, (Discursos na Mesquita “Heydar Aliyev” de Baki, Azerbeijão, 2 de outubro de 2016).

“Livrai-vos de desprezar um só destes pequeninos, pois digo-vos que os seus anjos, no Céu, veem constantemente a face de meu Pai que está no Céu” (Mt 18, 10). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de não excluir ninguém.* O mundo atual vai-se tornando, dia após dia, mais elitista e cruel para com os excluídos. Os países em vias de desenvolvimento continuam a ser depauperados dos seus melhores recursos naturais e humanos em benefício de poucos mercados privilegiados. As guerras abatem-se apenas sobre algumas regiões do mundo, enquanto as armas para as fazer são produzidas e vendidas noutras regiões, que depois não querem ocupar-se dos refugiados causados por tais conflitos. Quem sofre as consequências são sempre os pequenos, os pobres, os mais vulneráveis, a quem se impede de sentar-se à mesa deixando-lhe as “migalhas” do banquete (cf. Lc 16, 19-21). “A Igreja ‘em saída’ (...) sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 24). O desenvolvimento exclusivista torna os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Verdadeiro desenvolvimento é aquele que procura incluir todos os homens e mulheres do mundo, promovendo o seu crescimento integral, e se preocupa também com as gerações futuras.

“Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo; e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos” (Mc 10, 43-44). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de colocar os últimos em primeiro lugar.* Jesus Cristo pede-nos para não cedermos à lógica do mundo, que justifica a prevaricação sobre os outros para meu proveito pessoal ou do meu grupo: primeiro eu, e depois os outros! Ao contrário, o verdadeiro lema do cristão é “primeiro os últimos”. “Um espírito individualista é terreno fértil para medrar aquele sentido de indiferença para com o próximo, que leva a tratá-lo como mero objeto de comércio, que impele a ignorar a humanidade dos outros e acaba por tornar as pessoas medrosas e cínicas. Porventura não são estes os sentimentos que muitas vezes nos assaltam à vista dos pobres, dos marginalizados, dos últimos da sociedade? E são tantos os últimos na nossa sociedade! Dentre eles, penso sobretudo nos migrantes, com o peso de dificuldades e tribulações que enfrentam diariamente à procura – por vezes, desesperada – dum lugar onde viver em paz e com dignidade” (Discurso ao Corpo diplomático, 11 de janeiro de 2016). Na lógica do Evangelho, os últimos vêm em primeiro lugar, e nós devemos colocar-nos ao seu serviço.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da pessoa toda e de todas as pessoas.* Nesta afirmação de

Jesus, encontramos o cerne da sua missão: procurar que todos recebam o dom da vida em plenitude, segundo a vontade do Pai. Em cada atividade política, em cada programa, em cada ação pastoral, no centro devemos colocar sempre a pessoa com as suas múltiplas dimensões, incluindo a espiritual. E isto vale para todas as pessoas, entre as quais se deve reconhecer a igualdade fundamental. Por conseguinte, “o desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo” (São Paulo VI, Enc. *Populorum progressio*, 14).

“Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus” (*Ef 2*, 19). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de construir a cidade de Deus e do homem*. Na nossa época, designada também a era das migrações, muitas são as pessoas inocentes que caem vítimas da “grande ilusão” dum desenvolvimento tecnológico e consumista sem limites (cf. Enc. *Laudato si*, 34). E, assim, partem em viagem para um «paraíso» que, inexoravelmente, traiçoa as suas expetativas. A sua presença, por vezes incómoda, contribui para desmentir os mitos dum progresso reservado a poucos, mas construído sobre a exploração de muitos. “Trata-se então de vermos, nós em primeiro lugar, e de ajudarmos os outros a verem no migrante e no refugiado não só um problema a enfrentar, mas um irmão e uma irmã a serem acolhidos, respeitados e amados; trata-se duma oportunidade que a Providência nos oferece de contribuir para a construção duma sociedade mais justa, duma democracia mais completa, dum país mais inclusivo, dum mundo mais fraterno e duma comunidade cristã mais aberta, de acordo com o Evangelho” (Mensagem para o dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2014).

Queridos irmãos e irmãs, a resposta ao desafio colocado pelas migrações contemporâneas pode-se resumir em quatro verbos: *acolher, proteger, promover e integrar*. Mas estes verbos não valem apenas para os migrantes e os refugiados; exprimem a missão da Igreja a favor de todos os habitantes das periferias existenciais, que devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Se pusermos em prática estes verbos, contribuimos para construir a cidade de Deus e do homem, promovemos o desenvolvimento humano integral de todas as pessoas e ajudamos também a comunidade mundial a ficar mais próxima de alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável que se propôs e que, caso contrário, dificilmente serão atingíveis.

Por conseguinte, não está em jogo apenas a causa dos migrantes; não é só deles que se trata, mas de todos nós, do presente e do futuro da família humana. Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os “sinais dos tempos”. Através deles, o Senhor chama-nos a uma conversão, a libertar-nos dos exclusivismos, da indiferença e da cultura do descarte. Através deles, o Senhor convida-nos a reapropriarmo-nos da nossa vida cristã na sua totalidade e contribuir, cada qual segundo a própria vocação, para a construção dum mundo cada vez mais condizente com o projeto de Deus.

Estes são os meus votos que acompanho com a oração, invocando, por intercessão da Virgem Maria, Nossa Senhora da Estrada, abundantes bênçãos sobre todos os migrantes e refugiados do mundo e sobre aqueles que se fazem seus companheiros de viagem.

Vaticano, 27 de maio de 2019.
Papa Francisco